

Padre Sebastião d'Oliveira Braz



ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE

D. António Barroso

Com uma Carta-Prefácio
do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. António Barbosa Leão

BISPO DO PORTO



LIVRARIA PORTUGUEZA EDITORA
Joaquim Maria da Costa, Successor

55—Largo dos Loyos—56

PORTO—PORTUGAL

1921



12 Barroso, Antóni

2.750+

P. DEBASTAÇÃO D'OLIVEIRA BRAT

D. Antonio José de Sousa Barroso

ESBOÇO DA SUA BIOGRAPHIA

D. Antonio José de Sousa Barroso



RECEBIDO DE

RECEBIDO DE

N. 1005

1910

RECEBIDO DE

RECEBIDO DE

RECEBIDO DE

RECEBIDO DE

RECEBIDO DE

D. Antonio José de Souza Barroso

P.^e SEBASTIÃO D'OLIVEIRA BRAZ



D. Antonio José de Sousa Barroso

ESBOÇO DA SUA BIOGRAPHIA



PREITO DE SAUDOSA RECORDAÇÃO Á SUA MEMORIA ABENÇOADA



MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 60155

Barceliana

PORTO

LIVRARIA PORTUGUEZA EDITORA

de Joaquim Maria da Costa, Successor

55—Largo dos Loyos—56

1921

Legado

Álvaro Arezes L. Martins

P. SEBASTIÃO D'OLIVEIRA BRAZ

D. Antonio José de Sousa Barroso

ESBOÇO DA SUA BIOGRAPHIA

PREITO DE SAUDOSA RECORDAÇÃO A SUA MEMORIA ADEQUADA



MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 8623

PORTO

TYPOGRAPHIA PROGRESSO

Rua Dr. Souza Viterbo, 91

LIVRARIA PORTUGUEZA EDITORA

Legado

Alvaro Arceiz L. Marinho

Ao leitor

A publicação d'este deficiente e pòbre trabalho sobre a ingente figura moral, que foi D. Antonio Barroso, propositadamente feito para commemorar o segundo anniversario do seu passamento, mas, por motivos de força maior, só agora impresso, obedece a um triplice intuito:

1.º Render um preito de inapagavel saudade ao homem que, desde o tempo em que ambos fômos estudantes, no mesmo instituto, até ao termo da sua carreira operosa e brilhante, teve o condão de absorver sempre a minha admiração.

2.º Dar publicidade a algumas notas extrahidas dos seus apontamentos particulares, referentes á odisseia das suas viagens, caracteristicamente pastoraes, nos vastos sertões da provincia de Moçambique e no Industão.

3.º Apontal-o e propôl-o como modelo de desinteresse e como patriota de *verdad* ao meu paiz, tão trabalhado pelo egoismo, e despreoccupado do bem da collectividade.

A o leitor

Dos tres motivos enunciados, foi o segundo o que, principalmente, estimulou a minha resolução; sendo apenas de lastimar que á incompetencia do auctor não fôsse possivel tirar todo o partido que aquelle vasto repositório de informações interessantes contém, para o estudo psychologico do grande Bispo e lidimo portuguez.

Les morts vont vite, diz um aphorismo francez, e não serei eu quem contradite a sua exactidão e veracidade.

Poderão ser olvidados, temporariamente, a abnegação e ardor patriotico de D. Antonio Barroso; mas virá, mais cedo ou mais tarde, a reacção contra o corrosivo individualismo imperante; e então, a sua memoria será invocada com respeito e saudade, e reviverá na gratidão dos bons portuguezes, para salvar uma Patria que elle tanto amou e bem serviu.

Na homenagem, que o presente livrinho tem em mira prestar á memoria de quem tanto soffreu pela causa de Deus e da sua Egreja, cabe não pequena

parte ao Ex.^{mo} Senhor D. Antonio Barbosa Leão, actual Bispo do Porto, dignando-se dar-lhe uma Carta-prefacio que, incontestavelmente, decuplicará o seu valor.

Ingratidão seria não incluir n'ella tambem os nomes do Padre Gaspar Joaquim de Freitas, um autentico simbolo de dedicação e lealdade ao illustre morto, e o de Manoel Augusto da Costa Junior — proprietario da Livraria Portugueza Editora, de Joaquim Maria da Costa, Sucr., sem o concurso dos quaes não lograria publicação este minguido trabalho.

A todos, o meu incondicional agradecimento.

Julho — 1921.

O AUCTOR.

Carta-Prefacio

Rev.^{mo} Snr.

Pede-me V. Rev.^{cia} algumas linhas que sirvam como que de prefacio á Biographia do Senhor D. Antonio Barroso, que vae ser publicada e de que V. Rev.^{cia} é auctor.

O seu trabalho, sincero e consciencioso, interessantissimo sob todos os pontos de vista, não precisa de recommendação de ninguém para ser lido com avidez.

Basta saber-se que V. Rev.^{cia} possue autographos, notas diarias, e outros documentos, que o glorioso biographado a mais ninguém confiou.

No emtanto, para corresponder aos seus desejos, ahí vão, escriptos ao correr da pena, que para mais não dá o tempo, algumas impressões da convivencia, que, felizmente para mim, tive com o meu elevado antecessor.

Do Senhor D. Antonio Barroso não é facil fallar ou escrever.

Era tão extraordinariamente grande a sua personalidade, eram tão notaveis as suas qualidades, fôram tão variados e tão fecundos os seus trabalhos, que não se atina com o que se ha de proferir.

Algumas impressões apenas.

A' morte do Senhor D. Americo, alguém disse: «depois d'um Bispo disciplinador, Deus nos mande um Bispo missionario». E mandou: foi o Senhor D. Antonio José de Sousa Barroso.

Eu já o conhecia. Tinha-o visto pela primeira vez no Atheneu Commercial do Porto, sendo ainda simples missionario em Angola.

Estava alli para ouvil-o sobre assumptos coloniaes o que o Porto tinha de mais distincto, sobretudo, na hierarchia das letras.

Foi o sympathico missionario apresentado á assembleia pelo illustre professor, Senhor Bento Carqueja.

A conferencia, feita pelo humilde e já glorioso missionario, durou duas horas e deixou na selecta e numerosa assistencia uma d'aquellas impressões, que jámais esquecem.

O seu nome começou, desde então, a ser respeitado e querido em todo o paiz. Não era só o missionario, que tudo sacrifica, para levar ao longe as verdades da fé e as sementes da civilisação; era tambem o patriota, que, a esse tempo, já tinha prestado á patria assignalados serviços em regiões, que infelizmente poucos portuguezes conhecem, mas em que se encontram vestigios indeleveis da nossa nacionalidade e do nosso prestigio d'outr'ora.

Por isso é que a noticia da sua nomeação para Bispo do Porto foi recebida em todo o paiz com demonstrações de jubilo e de enthusiasmo.

A sua entrada na Diocese foi um triumpho.

De admirar seria que não houvesse alguém que a si mesmo fizesse esta pergunta: «que fará este successor, embora já illustre, do Senhor D. Americo?»

Mas, começa a trabalhar, e logo se viu o acerto da escolha.

Ao seu Paço começaram desde logo a afluir todas as classes sociaes, — as classes humildes sobretudo, attrahidas pelo encanto, nobreza e simplicidade de suas maneiras.

O povo, no seu instincto de verdade, chamou-lhe desde logo o «Pae dos Pobres».

E era-o na verdade. Em sua casa faltaria talvez na mesa até o necessario; o seu vestuario muitas vezes denunciava pobreza, embora a mitra do Porto fôsse considerada rica; mas para os pobres havia sempre: esmola e palavras amigas.

A sua presença, a sua palavra, o prestigio do seu nome tornaram-se indispensaveis em todas as obras e instituições de caridade e beneficencia.

A' sua passagem, as creanças saudam-n'o com sorrisos, os velhos com lagrimas de reconhecimento.

Não seria para estranhar que os longos annos que passou

em Africa e na India lhe quebrassem um pouco as energias, lhe dessem um ar um pouco agreste, ou lhe diminuíssem o brilho do seu espirito lucidissimo e lhe prejudicassem as manifestações do seu talento e da sua cultura intelectual, que era grande.

Mas, não.

Quando apparecia e se erguia para fallar, fôsse onde fôsse, e qualquer que fôsse o assumpto, triumphava sempre. Conservou até á morte a energia dos jovens, um espirito sempre brilhante, uma eloquencia sempre difficil de imitar.

Tive a fortuna de o ouvir muitas vezes.

Ouvio-o a primeira vez quando presidia a uma sessão solemne das Conferencias de S. Vicente de Paulo, n'uma das salas do seu Paço, pouco depois da sua entrada na Diocese.

Como elle soube distinguir a «Caridade, que é ouro, da philantropia, que é metal sem valor apreciavel!» Como soube inspirar em todos amor e respeito pelos pobres enfermos! Como soube expôr, com lucidez e auctoridade, os motivos que obrigam ao exercicio da caridade christã!

Já lá vão muitos annos, e parece que ainda ouço a sua voz, repassada de sentimento, dizer com firmeza e intimativa: «socorramos o pobre, porque Deus o manda, e não por um sentimentalismo doentio».

E quando elle, ao terminar, descreveu o quadro dos soffrimentos humanos, não houve coração que se não commovesse e não desse lagrimas.

Ouvi-o muitas vezes na visita pastoral, fallando ao povo. Ahi era o apostolo, era o pae.

Ninguém sabia como elle dizer aos fieis, que o escutavam, estas duas palavras: «Meus filhos!» — Estas duas palavras, ditas por elle, tinham uma força e um attractivo irresistiveis. Já podia mandar: todos lhe obedeciam; já podia reprehender: todos acceitavam a reprehensão com reconhecimento; todos se empenhavam em não maguar aquelle coração de pae.

Ouvi-o em Lourdes. O momento era solemne. Mais de tres mil portuguezes o ouviam com respeito e nobre orgulho em terra estrangeira.

Como elle soube inflamar os corações no sentimento religioso! Como soube enaltecer a sua patria no meio de estranhos! Quando se referiu ás nossas conquistas, aos serviços por nós prestados á civilisação, ao prestigio do nome portuguez, e sobretudo quando disse que «não havia povo algum no mundo que fôsse capaz de talhar a mortalha d'este gigante (Portugal) que

não coube no mundo inteiro», o enthusiasmo, com que estava a ser ouvido, converteu-se em delirio.

Não é de admirar que tudo isso se desse, porque o Bispo do Porto, Senhor D. Antonio Barroso, já quando simples missionario gozava d'um prestigio sem equal.

Tambem eu estive no Congo e percorri terras onde elle exerceu a sua influencia. Bastou saber-se que eu conhecia o Padre Barroso, para ser alvo de verdadeiros carinhos por parte de aquelles que o tinham conhecido.

A um grande d'aquellas terras vi eu chorar de commoção quando lhe fallei do Padre Barroso; e uma das coisas que mais instantemente me pediram, quando retirei, foi que voltasse e o levasse commigo.

O que elle trabalhou na Diocese pelo bem material e moral dos seminarios, todos o sabem. O affecto que consagrava ao seu clero, poderá ser igualado, excedido, não.

Em tudo se revelou um grande Prelado. Não admira por isso que em toda a parte fôsse acompanhado por um côro de saudações e de louvores.

Quando envelhecido antes do tempo, de cabellos brancos e andar vagaroso, passava pelo meio do povo, todos se descobriam respeitosos, lhe pediam a benção, e diziam: «é um santo!»

Quando comparecia perante sociedades sabias, para apresentar os seus relatorios, ou fazer as suas communicações sobre ethnographia, ethnologia, linguistica, riqueza do solo, commercio, industria, e outros assumptos, que por equal interessavam á Egreja e á Patria, era objecto da maior admiração e respeito, era alvo das maiores ovações, ouvindo-se a cada passo esta linguagem: «por tudo e por todos se sacrifica, só de si se esquece; é a honra da Egreja, é uma legitima gloria nacional!»

Quando entrava em universidades e academias, frequentadas pela juventude, era levado em triumpho pelos academicos e obrigado a passar por cima das suas capas, estendidas no chão!

Foi grande e querido em tempos tranquillos; foi maior e mais querido ainda nos tempos revoltos, de luta e de perseguição.

A serenidade e firmeza com que assumiu a responsabilidade dos seus actos; a nobre altivez com que repelliu offertas menos decorosas; a generosidade com que respondia, por vezes, a vexames e insultos, fizeram do Senhor D. Antonio Barroso uma personalidade que se impunha ao respeito e á veneração de todos.

Um dia, por um lamentavel equivoco, foi exposto ao vilipendio das multidões desvairadas; se houve quem ousasse ameaçá-lo, já não houve quem ousasse ferir aquelle gigante de ordem moral.

Quando um dia foi chamado aos tribunaes, não se perturbou: lançou sobre o peito o crucifixo, companheiro inseparavel dos seus trabalhos apostolicos, e disse com toda a confiança: «vamos lá, Senhor—comvosco irei alegre para o carcere ou para a morte»!

Mais d'uma vez foi afastado injusta e violentamente dos seus diocesanos; mais d'uma vez, portanto, por elles foi recebido em triumpho.

Abatido por enfermidades originadas pela sua longa permanencia em Africa e na India, e sobretudo pelo excesso de trabalho, era de prevêr que a sua carreira estava a terminar.

Quanto mais se agravavam os seus padecimentos, mais se sublimavam as suas virtudes. Não se lhe ouvia uma queixa. «Seja feita a vontade de Deus», era a sua jaculatoria predilecta.

Que as suas virtudes christãs e civicas fructifiquem entre christãos e portuguezes, são os votos do que, embora indigno, tem a honra de ser seu successor.

Porto, 29 de Maio de 1920.

De V. Rev.^{cia}
att.^o v.^{or} e cr.^{do},

† A., Bispo do Porto.

D. ANTONIO BARROSO

No dia 5 de Novembro de 1854, n'uma humilde freguezia do concelho de Barcellos — Remelhe — viu a luz D. Antonio Barroso.

Fôram seus paes Antonio de Sousa e Eufrazia Barroso, vivendo, mais que modestamente, do trabalho d'uma pequena lavoura, mas primando sempre em trilhar o caminho da honradez, e orientando n'elle os passos do seu primogenito.

O ESTUDANTE

Não foi, positivamente, D. Antonio Barroso um menino prodigio, d'estes que aos 15 annos têm percorrido toda a escala da instrucção secundaria, vergados ao peso de distincções.

Até á idade dos 16 annos, em que fez o seu exame de instrucção primaria, como então se lhe chamava, a vida decorreu-lhe por entre os pinheiraes e campos da sua aldeia — Torre de Moldes — dividindo o seu tempo pelo trabalho da modesta lavoura paterna e umas lições de latim, que lhe dava o seu visinho e rico proprietario, Bernardo Limpo.

Aos 17 annos foi para Braga, a iniciar a sua vida de estudante; mas o ambiente da ex-cidade dos Arcebispos, contrastando em bulicio com a pacatez da sua Torre de Moldes, frustrou por esse lado as esperanças e sacrificios paternos para fazerem d'elle um padre.

Ao terminar o anno lectivo, regressou de Braga com pouco mais cabedal de conhecimentos, do que para lá tinha levado, trazendo apenas algumas recordações das frigideiras e de dois condiscipulos que, na lucta pela vida, abriram carreira, e se abalisaram na sciencia — o Dr. Magalhães Lemos, uma competencia em doenças nervosas e mentaes, e o Dr. Meira, clinico muito distincto e operador de nomeada, em Guimarães.

Aos 18 annos, era portanto, mais que minguada e bem reduzida a bagagem scientifica de D. Antonio Barroso; mas em compensação dispunha d'um vigor de vida e robustez physica que o talhavam á maravilha para a dura faina de missionario em Africa, dado que se resolvesse, com decisão, a negociar com os talentos que abundantemente havia recebido das mãos de Deus, e até essa idade conservára inactivos.

Quando em 3 de Novembro de 1873, com 19 annos de idade incompletos, entrou para o Collegio das Missões Ultramarinas, em Sernache do Bomjardim, ainda pelo valimento do dito seu visinho Bernardo Limpo, tinha pois na sua frente a barreira de quasi todo o curso preparatorio e todo o curso theologico a desafiar-lhe as energias, até então latentes; mas com tamanho denodo se atirou ao estudo, que em breve adquiriu fama de ser um dos melhores estudantes do collegio, sem que, por isso, incorresse nos zêlos e ciumes de condiscipulos rivaes; tamanha era a sua modestia e afabilidade de trato com todos.

Grangeava por igual, a sympathia de professores e condiscipulos, o que na vida collegial é phenomeno bem raro.

Os seus cursos de Historia Universal, Geographia, Sciencias Naturaes e Philosophicas, taes quaes estas disciplinas se achavam então organisadas no ensino, fôram dos mais brilhantes. Só na Mathematica Elementar fraquejaram as suas multimodas aptidões.

Era já essa aversão a calculos a manifestação do seu feitio sempre refractario a *calculismos*.

Das operações fundamentaes a unica que elle então e sempre manejou com desembaraço e exactidão, na pratica, pelo menos, foi a *divisão*.

Para augmentar o seu peculio nunca adicionou parcellas que não fôsem de boas obras e beneficio aos que recorriam ao seu valimento.

Foi comtudo no curso theologico que D. Antonio Barroso revelou e poz em evidencia toda a pujança do seu brilhante talento, e as faculdades de trabalho de que podia dispôr.

Pela conducta moral irreprehensivel que em tudo correspondia e se harmonisava com os seus progressos no estudo, ao terminar o primeiro anno do curso theologico, foi-lhe concedido mais como premio, do que por exigencia de saude, ir tomar banhos á praia de Nazareth, onde para o mesmo fim se encontrava o abalisado professor de Historia Ecclesiastica no Seminario de Santarem, Dr. Jeronymo.

Por qualquer circumstancia das que o acaso proporciona, e tambem pelo attractivo que a physionomia aberta, e naturalmente sympathica, do joven estudante já n'esse tempo inspirava, entabou o Dr. Jeronymo conversa com elle.

Como seria naturalissimo, entre um professor que ama a sua profissão e um estudante brioso que nunca trocou a applicação ao trabalho pela expectativa de protecções e recommendação no fim do anno lectivo, essa conversa resvalou para um assumpto familiar aos dois — Historia Sagrada e Ecclesiastica — um porque era professor distincto d'essa disciplina, e o outro porque a tinha cursado com brilho no anno lectivo proximo findo.

Haveria, podêmos suppô-lo, da parte do primeiro o intuito d'uma sondagem ao desenvolvimento intellectual do segundo, enredando-o n'um ponto intrincado de Historia Ecclesiastica.

A experiencia, porém, só serviu para levar quem a fazia ao convencimento de que tinha na sua frente um estudante de *verdad*, profundando, tanto quanto possivel, os assumptos em que o seu talento e estudo se iam exercitando.

Nos restantes dias de convivio que ainda tiveram n'aquella praia balnear, era vêl-os aos dois sempre versando assumptos d'aquella especialidade, com aprasimento do illustrado e lhano Dr. Jeronymo.

Nos restantes cursos de theologia fundamental, dogmatica, moral, sacramentos e exegese biblica, manteve-se sempre á altura de estudante dos mais distinctos.

*

*

*

Em fins de Julho de 1879, tendo já quasi 26 annos, deu fim aos seus estudos do curso theologico, sendo ao tempo já diacono; e havendo recebido a ordem do presbyterado das mãos de D. José Ferrão de Carvalho Martins, então superior do Col-

legio das Missões Ultramarinas, nas temporas de S. Matheus, logo a 15 de Outubro d'esse mesmo anno celebrou no humilde presbyterio da sua freguezia natal a primeira missa, na qual o acompanhavam condiscipulos amigos e um dos seus professores que sempre o admirou e extremeceu — o Dr. Francisco Martins, que depois foi lente da faculdade de theologia e a quando da extincção d'esta, da de letras, na Universidade de Coimbra, o qual expontaneamente lhe quiz dar a honra de ir prégar na solemnidade da sua missa nova.

Havia um *quid* de attracção mutua entre estas duas existencias, perdurando pelo tempo fóra, a despeito da differenciação de feitios que as caracterisava.

D'um lado era a rigidez e o culto exaggerado do dever profissional, curvando-se em homenagem ao estudante distincto e á bondade captivante de quem, dominado sempre pela ancia de bem-fazer, foi tudo para todos; do outro era essa bondade limpida e transparecendo no expressivo rosto a tributar a sua admiração a quem fez da Cathedra de mestre um sacerdocio, e da justiça o seu lemma.



O MISSIONARIO

Na expectativa de ir missionar na India, para onde chegou a ser designado, e d'onde o afastou a morte do então Arcebispo de Gôa D. Ayres Ornellas, ainda aproveitou os mezes que antecederam a sua sahida para o ultramar no estudo do *Concani*, um dos varios dialectos fallados no Industão; a providencia, porém, reservava-lhe outro campo de acção, e em meados de Agosto de 1880 embarcou em Lisboa com destino ás missões de Angola, e a 5 do mez de Setembro seguinte desembarcava em S. Paulo de Loanda em companhia de D. José Sebastião Netto, que ia tomar posse, como Bispo, da diocese de Angola e Congo.

Emquanto se preparavam os elementos indispensaveis para a installação d'um posto missionario no Congo, que o Padre Barroso devia chefiar, confiou-lhe provisoriamente o novo Prelado, que já durante a viagem fizera d'elle o seu confessor e confi-

dente, a parochialidade da freguezia da Ilha de Loanda, e só em fins de Janeiro de 1881 chegava ao Congo a iniciar os trabalhos de installação da missão, que tanto brilho daria ao seu nome, com tres companheiros, um dos quaes morreu alli pouco depois, e outro, obrigado por exigencias de saude, teve de retirar-se, ficando apenas a seu lado, a compartilhar com elle nos espinhos do seu intenso e arduo labor, o actual Bispo de Damão, D. Sebastião José Pereira, que obscura, mas efficazmente, muito o auxiliou, conservando-se e collaborando com elle até meados de 1888.

*

* *

A Acta de Bruxellas, primeiro, e a Conferencia de Berlim, depois, haviam aberto as portas das nossas colonias á livre propagação de todas as confissões religiosas, e a invasão protestante não se fez esperar n'aquella região africana, outr'ora tão catholica e submissa ao dominio de Portugal.

Sendo a religião elemento civilizador primacial, e a civilização, por sua vez, a signa arvorada pelas nações coloniaes, ou que aspiram a sê-lo, e pretendem consolidar ou adquirir direitos de soberania no Continente Negro, logo a grande Sociedade Biblica de Londres, avisada e pratica, vendo no elemento missionario um excellente meio de penetração e de alargamento da esphera de influencia politica e commercial da Gran-Bretanha, no Congo Portuguez, apressou-se a estabelecer alli uma missão protestante, a qual, dispondo de largos recursos materiaes, e favorecida pelas tradições religiosas que, dispersas e apagadas, ainda existiam n'aquelle meio, foi-lhe facil conquistar logo uma situação de prestigio, até sobre o proprio rei D. Pedro d'Agua Rosada, que bem pouco favorecia a estabilidade da nossa soberania e o bom nome portuguez.

Foi em condições taes que o então obscuro Padre Barroso, com a exiguidade de recursos que o Governador Geral da provincia de Angola lhe facultou, foi estabelecer a sua missão do Congo, tendo de defrontar-se com uma missão rival, já poderosa, e com a frieza de animo dos indigenas, alimentada por elementos de propaganda desnacionalisadora.

Em situação tão desigual e desvantajosa, só a firmeza de animo, vontade inquebrantavel e finura de tacto, de que deu provas o inexperiente Padre Barroso, poderiam abrir caminho.

Nada do que encontrou no Congo, á sua chegada, era de molde a estimular-lhe os brios. Nem fundas tradições catholicas, nem influencia portugueza. D. Pedro d'Agua Rosada, sem ser um revoltado contra a metropole, ia acceitando as blandicias da missão protestante, com bom manifesto detrimento da fidelidade que os seus maiores sempre observaram para com os reis de Portugal.

Percorrendo a região em que o zêlo e esforços do Padre Barroso iam dar as primeiras provas, não encontrou senão ruínas attestando no seu mutismo o descalabro do predominio que a crença catholica alli tivera em tempos idos.

Lembro-me ainda de que, n'um dos seus relatorios para o então ministerio da marinha e ultramar, a sua alma ardente de patriota e de padre cheio de zêlo pela causa de Deus, não podendo recalcar a magua que tantos padrões, quasi de todo apagados, lhe suggeriam, rompia n'esta affirmacão dolorida: — «Nunca a Cruz mutilada de Alexandre Herculano me pareceu mais bella e verdadeira».

A contrastar com tudo isso, havia apenas uma vontade que nunca fraquejou, e faculdades de trabalho que nunca souberam o que era fadiga, e só uma organização privilegiada comportava.

Ao lado d'uma residencia para a missão toda em madeira, a cuja montagem elle já presidiu, surgiram, como por encanto, da sua fecunda iniciativa uma capella para os actos do culto, uma escola, um hospital, um observatorio meteorologico e os primeiros lineamentos d'uma granja que era escola de trabalhos agricolas para subtrahir á preguiça, ingenta no preto, os alumnos da missão, e simultaneamente provisão de vegetaes, legumes e fructos para alimento do pessoal.

Só por um assombro de actividade e uma quasi multiplicação da propria personalidade, o missionario Padre Barroso podia acudir a tantas occupações sem prejuizo do bom andamento de qualquer d'ellas.

As observações meteorologicas, pontualmente feitas, eram exactas e apreciadas em Loanda. A escola progredia, e a capella era frequentada. O movimento hospitalar, principalmente na cura de pustulas e febres palustres, era importante; e o grangeio das hortas e pomares avançava animadora e proficuamente.

Com estes improbos labores tinha o missionario Barroso de accumular uma missão, tão delicada como difficil, mas indispensavel para o triumpho do seu zêlo apostolico e patriotico, que era subtrahir o rei D. Pedro d'Agua Rosada ao ascendente que sobre elle tinha tomado a missão ingleza, e afervoral-o no amor

de Portugal, e abrir caminho á expansão commercial portugueza, então quasi nulla n'aquella região.

E tão avisadamente e diplomaticamente se houve o Padre Barroso, que sem attrictos com a missão rival, antes vivendo amistosamente com ella, conseguiu annullar todo o seu prestigio sobre D. Pedro e contraminar-lhe por completo a acção desnacionalisadora.

*

*

*

Vencidos tantos obstaculos, e postas a funcionar harmonicamente todas as engrenagens da missão, no limite dos poucos recursos de que podia dispôr, eil-o a percorrer, em rapidas e quasi furtivas sahidas, a região congoleza, levando a todos os centros de população a propaganda do seu amor a Portugal, o tributo do seu zêlo pela salvação das almas, e a esperança de os resuscitar para a vida civilisada d'outr'ora.

Para fazer face á escassez de pessoal missionario com que luctava, recrutou na propria escola da missão, entre os alumnos mais adeantados e morigerados, os elementos mais utilisaveis para o estabelecimento de postos de catechese em aldeias mais afastadas, que a cada passo visitava, á custa de canceiras que só o seu arcaboço de athleta podia aguentar.

Só em 1885, e ainda mediante um prodigio de tenacidade e economia, o seu esforço fez brotar uma segunda missão regular — a da Madimba — em obediencia á execução d'um plano que a falta de recursos e de saude lhe não consentiu realisar.

A acção deleteria do clima, minando lenta, mas tenazmente, aquelle organismo, em que o cansaço nunca teve imperio, começou de minar-lhe as energias physicas, que não as moraes, e a reclamar d'elle uma tregoa com tão exhaustivos labores.

O Congo empolgára e absorvera o Padre Barroso, mas a cruel realidade impunha-lhe um retemperamento de forças, nos climas patrios; teve de obedecer a essa imperiosa necessidade e tambem ao conselho intimativo de pessoas cathegorisadas da nossa provincia de Angola, que entendiam ser o Congo o primeiro interessado na vinda á metropole do grande missionario, a retemperar-se dos estragos de climas malsins, e habilitar-se para a continuação da vida de abnegação e sacrificios, que no Congo lhe grangeára foros de quasi idolo.

Embalado também na esperança de, na metropole, obter recursos que lhe permittissem dar mais largo incremento á sua querida missão do Congo, accedeu, acceitando, todavia, como penhor do compromisso de voltar, tomado com D. Pedro d'Agua Rosada, o trazer na sua companhia dois filhos e um sobrinho do rei.

A Providencia, porém, reservava-lhe outros destinos, e não mais elle voltou ao Congo, a esse campo de trabalho, onde, durante oito annos, a vida do espirito e a vida do corpo se lhe dispersaram em sacrificios e benemerencias sem conta.

*

*

*

Uma vez em Portugal, o que menos preocupava o Padre Barroso era a saude.

A questão de missões e colonias era, ao tempo do seu regresso de Africa, um assumpto palpitante, prendendo as attentões do paiz, e muito particularmente, as da Sociedade de Geographia de Lisboa, da qual era socio.

N'uma d'essas conferencias, que corre impressa sob o titulo: *O Congo, seu passado, presente e futuro*, entre muitas coisas interessantes, diz elle o seguinte:

«Durante o meu tirocinio ecclesiastico, em Sernache do Bomjardim, no Collegio das Missões Portuguezas, collegio para mim de inolvidaveis recordações, li incidentemente alguns livros sobre assumptos africanos em geral, e em particular sobre as antigas glorias nacionaes.

«Ahi passavam, como meteoros luminosos deante do meu entusiasmo de rapaz, os nossos ousados marinheiros que mostraram á Europa estupefacta não só os contornos dos continentes, mas as enseadas e bahias do Atlantico.

«Em seguida eu admirava o ultimo consorcio da Cruz com a Espada, o missionario e o soldado, duas entidades, que eu igualmente amava».

Ainda n'essa conferencia, descrevendo a sua primeira viagem desde a foz do rio Zaire até S. Salvador, elle diz:

«Os trezentos e noventa e sete annos que me separam de Diogo Cam, o qual primeiro tinha admirado o grande estuario do Zaire, fôram galgados pelo meu pensamento, e encaminhei

«a minha vista para o fundo da bahia de Santo Antonio a pro-
«curar o porto de Pinda.

«O porto lá estava; parece que os nossos galeões ahi fun-
«dearam, recebendo todo o commercio do Congo; mas já lá não
«estavam; apodreceram, carcomidos pelo guzano da nossa incuria.

«Procurei ao menos o padrão que o descobridor do Zaire
«alli collocou como uma sentinella da nossa posse e do nosso
«direito; tambem lá não estava.

«Essa testemunha das nossas glorias projectava uma som-
«bra tão dilatada e intensa, que um dia os subditos marinheiros
«de S. Magestade Graciosa, para nos livrarem de um remorso,
«fizeram d'ella o alvo para experimentarem se as culatras dos
«seus canhões estavam tão limpas, como as suas almas. Não
«desanimei; ao menos o velho convento dos franciscanos, esse
«convento que, entre outros, foi illustrado por Canactin, que
«tinha missões no baixo Zaire, no Bamba, etc., esse deve ainda
«attestar o nosso amor á civilisação; as suas pedras ennegreci-
«das talvez ainda nos defenderão contra a inveja e ingratidão de
«extranhos!

«O convento desmoronou-se; ha perto de um seculo que os
«seus habitantes retiraram; o ultimo roçar do burel do ultimo
«franciscano nos abrolhos do atalho marcou o principio da der-
«rocada».

Então o Padre Barroso, a quem Luciano Cordeiro, secreta-
rio perpetuo e alma d'aquella Sociedade, muito considerava, pelos
seus trabalhos apostolicos, e sobretudo pelas informações e dados
scientificos sobre coisas africanas, que andavam dispersos pelos
seus relatorios e em artigos publicados no *Jornal das Colonias*
e na *Cruz*, esquecendo-se da sua saude abalada, lança-se deno-
dadamente no movimento, fazendo conferencias na Sociedade de
Geographia de Lisboa, no Atheneu Commercial do Porto, no
Instituto de Coimbra e n'outras terras do paiz, apostolisando
um patriotismo que lhe brotava do mais fundo do seu coração
de lidimo portuguez.

No cumprimento d'uma determinação da lei fundamental do
instituto, em que o indefesso trabalhador fizera a sua preparação
missionaria, e tambem, certamente, para estimular energias nos
seus compatriotas, embalados n'um sebastianismo chronico, e
agarrados á *theoria do menor esforço*, nos curtos intervallos que
lhe concediam as interminaveis e varias tarefas, por que tinha
de dividir-se, não omittia o Padre Barroso a obrigação de relatar

ao governo o fructo dos seus trabalhos e cancelas; e como n'elle o zêlo pela causa da pátria se não subalternisava ao zêlo pela causa de Deus e salvação das almas, assentando ambos no mesmo plano, os seus relatorios e artigos de informação para os dois jornaes citados são vasto e util repositório de observações directas e impressões pessoas do que ao seu espirito culto e pratico se ant'olhava interessante, sob o ponto de vista da politica colonial, do desenvolvimento do commercio, da hydrographia, orographia, fauna, flora e ethnographia da região congoleza.

Estes, os titulos que serviram de base á consideração que na Sociedade de Geographia de Lisboa era tributada ao missionario, recémchegado da obscuridade do sertão africano.

Retemperadas as forças pela acção benefica do clima, que não pelo repouso, a que tinha todo o direito, continuou a actividade do Padre Barroso ininterruptamente ligada, não já sómente á sua querida missão do Congo, cuja saudosa recordação nunca se lhe apagou pelo tempo fóra, mas á questão missionaria em toda a nossa Africa, que elle considerava vital e imprescindivel á consolidação da nossa soberania e valorisação das duas colonias de Angola e Moçambique.

Foi por esse tempo que surgiu a ideia d'uma remodelação das nossas dioceses africanas; e o Ministro dos Estrangeiros, então Henrique de Barros Gomes, estadista das melhores intenções, cuja acção, como politico, nunca teve outro objectivo que não fôsse o bem do seu paiz, aproveitou-lhe a competencia no assumpto, incumbindo-o de revêr e estudar a legislação civil e canonica, que regulava o *statu quo ante*, e, na conformidade d'esse estudo, de organizar o projecto, a que deveria obedecer a nova circumscripção das dioceses africanas, para ser submettido á approvação da Santa Sé.

Do que foi esse trabalho benedictino e esgotante pôde dar testemunho quem prestou ao missionario Padre Barroso um leve e insignificante auxilio na versão para portuguez de algumas Bullas, em latim, por signal bem arrevesado.

Ainda que valioso, resultou inutil esse trabalho, porque a

Inglaterra que se arroga o papel de protectora dos pequenos, d'essa vez, desempenhou o papel contrario, enviando-nos o celebre *Ultimatum* que impediu a formação do imperio portuguez em Africa, e esfrangalhou o mappa côr de rosa.

*

*

*

Passados mezes, talvez um anno, os filhos e sobrinho de D. Pedro d'Agua Rosada tiveram de regressar ao Congo sem o prestigioso missionario que, em tão pouco tempo, os adaptára ao convívio das sociedades cultas e civilisadas.

Antonio Ennes, então Ministro da Marinha e Ultramar, impôz-lhe a violação do compromisso de voltar para o Congo, e forçára-o a abandonar para sempre o governo da missão querida, á qual consagrara saude, forças e todos os seus disvelos, nunca se lhe apagando da lembrança, emquanto viveu, esse campo de acção, onde se revelaram enormes as suas aptidões missionarias, postas em jogo pelo zêlo, abnegação e interesse patriotico.

No conceito do Ministro Ennes que, depois, devia tambem, na nossa Africa Oriental, sacrificar a saude, o bem-estar e a vida, era forçoso que o missionario Barroso, havendo revelado, n'uma área restricta, talentos excepçionaes para a lucta pela civilisação do preto, acceitasse o encargo de ir pastorear a Prelazia de Moçambique.

Não era a recompensa de serviços prestados; era, sim, a utilização d'um *valor*, de que a Patria não prescindia.

Fallava o sentimento patriotico, e o missionario Padre Barroso teve de conformar-se. Acceitou.

*

*

*

Se foi funda a saudade e indestructivel o predomínio moral que o missionario Barroso conquistou em todo o Congo portuguez, não serei eu quem o diga, mas vae dizel-o um documento dado á publicidade, n'uma bella synthese, um ex-Prelado da diocese de Angola, D. Antonio Barbosa Leão, actual Bispo do Porto.

Vou transcrever o que affirma o eminente Prelado: « Quando percorri, em visita pastoral, as vastissimas regiões do Congo, bastou constar que eu conhecia e era amigo do Padre Barroso para ser recebido em toda a parte com delirantes manifestações de alegria. De povos distantes vieram á missão de S. Salvador numerosas deputações visitar-me, e saber noticias do Padre Barroso, do qual manifestavam fundas saudades. O rei do Congo quiz acompanhar-me na visita ao povo de Louqueji que, na occasião, estava um pouco rebelde; pois, para garantia de boa récepção, mandou tornar publico o seguinte: *«façam constar em Louqueji e nos povos visinhos que lá vae o rei do Congo com o Bispo, que é enviado de Jesus Christo, e prega a doutrina do Padre Barroso»*.

Fômos esperados a distancia por numerosa multidão, que á nossa chegada cantou com indescriptivel alegria o « Virgem Pura », o « Coração Santo » e outros canticos religiosos e patrioticos *em portuguez e em congolez*.

As manifestações de regosijo, realizadas por esse povo, as interessantes perguntas que me faziam as pessoas de idade a respeito do Padre Barroso, a fina diplomacia que souberam empregar para receberem, ao menos, a promessa de terem alli um missionario com residencia permanente, não me podem esquecer.

O mais commovente, porém, deu-se na minha retirada do Congo. Vieram aquelles povos acompanhar-me até grande distancia. Eram inuteis as exhortações para que regressassem a suas casas. Por fim, parei, fallei-lhes por meio d'um interprete missionario, que da minha parte lhes disse que eu não podia consentir que fizessem maior sacrificio.

Approximou-se então de mim uma massa enorme de povo, fallando, direi melhor, gritando, gesticulando, e alguns chorando.

Que quer este povo, perguntei? Sahiu á frente um indigena, que fallava correctamente o portuguez, e que julgo ser o secretario do rei, o qual disse: *« O povo do Congo diz que vá a salvamento, que volte cá em breve e que diga ao Padre Barroso que nos venha vêr »*.

E' bom frisar-se que entre a sahida da Missão do Congo do Padre Barroso e a visita á mesma região do ex-Prelado de Angola, que narra o facto transcripto, medeiaram dezoito a vinte annos.

Um outro missionario, mandado mais tarde para o Congo a

continuar a obra do Padre Barroso, contou-me um outro facto que, na sua simplicidade, é por si uma revelação do ascendente, que o Padre Barroso conquistou no conceito dos congolezes.

Fôra elle, no desempenho do seu ministerio, em visita a uma povoação, distanciada de S. Salvador do Congo, séde da missão, muitos kilometros por caminhos difficeis e escabrosos.

Uma vez alli, apresentou-se-lhe o sóba do sitio, a installal-o n'uma palhoça, deshabitada, mas bem reparada e limpa, dizendo-lhe: «n'este chimbeque ficam os missionarios que aqui veem, pois n'elle ficára o *mocorunto* (homem velho e de respeito) Padre Barroso, quando ha muito aqui veio, não se lhe dando outro destino como lembrança da sua vinda aqui».

Ainda mais: para se fazerem acreditar nas casas commerciaes, ao venderem qualquer producto, juravam «pelo sacramento Padre Barroso».

Não resisto a transcrever para aqui o que, em documento, que se acha publicado, disse do grande missionario Padre Barroso, J. da G. Correia e Lança, que foi Secretario Geral na provincia de Moçambique:

«Conheci-o a primeira vez, escreve elle, quando em 1880 passava por S. Thomé com destino á provincia de Angola, onde revelou os seus grandes dotes de evangelisador, e, como Superior da Missão de S. Salvador do Congo, creou um nome dos mais distinctos entre o clero missionario».

«A sua obra no Congo merecia-lhe tão desvelada protecção, que, indicado para uma das mitras do padroado portuguez no Oriente, declinou tão elevada honra, declarando que era na Africa onde entendia prestar mais serviços á Igreja e ao seu paiz».

«Attrahiam-n'os invencivelmente os misterios do sertão com todos os horrores das provações materiaes, com todas as angustias das decepções espirituaes na lucta ingente contra a superstição e as trevas do fetichismo».

«Seduzia-o essa vida obscura do missionario sertanejo, rodeada de perigos, de contingencias, de ameaças; mas tambem cheia de intimas consolações, quando fundava uma escola, convertia uma alma, desabrochava um character, formava um cidadão».

«E nem a inclemencia do clima, nem a resistencia de prejuizos arreigados lhe intimidavam o animo, ou lhe desalentavam a alma».

«Insuflava a crença, com a fé inabalavel d'um verdadeiro

christão; ensinava um officio, com a convicção sincera de que só o trabalho redime; e acrisolava o povo no amor da patria, como o mais dedicado dos filhos de Portugal».

«D'uma abnegação absoluta e d'um desprezo profundo pelas commodidades mundanas, sacrificava até os proprios recursos pessoaes a favor dos seus cathechisandos, em beneficio do povo selvagem, que queria salvar para a vida da graça e para a vida da sociedade».

«Com uma orientação lucida do estado actual da civilisação, e com o criterio scientifico de que não basta salvar almas, mas que é preciso formar o cidadão, o Padre Barroso deu exemplos d'um civismo incontestavel na sua obra missionaria do Congo».

«Quando foi das provações da sua patria no conflicto imprevisito com a maior potencia colonial da actualidade, tambem o Padre Barroso juntou a sua voz dolorida, mas firme, aos protestos que por toda a parte soltou a alma portugueza».

Só pelo receio de me alongar de mais em transcripções deixo de exharar aqui na integra, o que um jornal do tempo, *O Commercio de Portugal*, no seu n.º 2:171, diz do Padre Antonio José de Sousa Barroso: «E' a maior e mais importante individualidade europeia de todo o norte de Angola, affirma-se n'esse jornal, missionario que eguala os velhos missionarios, verdadeiro apostolo e verdadeiro portuguez que fez a reivindicação pacifica dos direitos historicos de dominação no antigo reino do Congo, antes que a diplomacia nol-os tivesse reconhecido, e, sob o influxo da sua auctoridade como missionario, o nome portuguez tornou-se n'aquella região o symbolo prestigioso de um dominio que se justifica e se sustenta».

Como remate ao ligeiro e deficiente estudo dos labores missionarios do Padre Barroso no Congo, darei aqui logar a algumas notas colhidas n'um fragmento de «diario» que consegui alcançar, nas quaes se espelham o zêlo e candura d'aquella alma de apostolo e a chamma patriotica, que sempre o abraçou, de tornar maior o seu paiz, por cujo engrandecimento elle tanto luctou.

Referem-se essas notas ao inicio do seu apostolado no Congo. Se uma por outra vez apparece uma pontinha de desanimo, vem logo a seguir o correctivo d'uma elimitada confiança n'Aquelle que é fonte de todas as boas inspirações e luz para todas as cegueiras.

Ouçamol-o no seu estylo simples desataviado:

«Estamos muito mal, pois não temos onde possamos celebrar o santo sacrificio, nem exercer outras praticas de devoção, nem sei quando sahiremos d'esta miseria. Deus desponha as coisas para que alguma coisa nós possamos fazer».

.....

«O rei mandou saber, por um filho, da saude do Padre Sebastião, que esteve doente, e agora está melhor. Louvado seja o Senhor; desde que chegámos ao Congo ainda não deixamos de ter doentes. Quem isto escreve é o medico de todos, já se vê, improvisado pela necessidade»...

Março, 8 — 1881.

«Fui fallar com o rei; porém nada consegui, pois o interprete não sabia nem o portuguez nem o congolez.

«Hoje chegou aqui o filho do rei, D. Alvaro; veio do seu povo que dista sete horas de viagem de S. Salvador. Tem costumes europeus, e é de todos os filhos do rei o que melhor falla o portuguez; infelizmente vae partir para Noki, onde é empregado n'uma casa franceza. Se este aqui estivesse, era bom para nós, pois com elle poderíamos estudar a lingua do Congo».

Março, 9.

«Estou queimado por causa da capella, nem sei como sair d'esta difficuldade; talvez só fazendo uma nova; mas isso custa muito trabalho e faz ainda esperar muito: seja tudo para gloria de Deus».

.....

Março, 11.

«O rei é um pobre homem, e creio na sua boa vontade; está, porém, cercado d'uma canalha que o perverte, á qual elle deixa fazer o que ella deseja».

«Parece estar muito bem disposto a respeito dos padres, mas pouco poderá fazer, porque este povo é essencialmente

« rebelde a toda a civilisação. Deus os guie para serem bons e
« felizes ».

Março, 13.

« Todos nós, os padres, estamos mais ou menos doentes,
« sendo eu o que mais tem resistido.

« O rei chegou para a missa ás 10 horas; o altar estava
« preparado dentro da cubata, pois ao ar livre não se pôdia cele-
« brar por causa do sol, que era muito forte... ».

« Se Deus Nosso Senhor me der vida, hei-de conseguir ter
« uma cubata-capella, para celebrar os mysterios da Semana
« Santa. Ainda tudo está por fazer, mas espero que conseguirei.

« Baptisei hoje tres creanças, e no domingo hei-de con-
« tinuar ».

« A respeito de comer, estamos pessimamente; não ha quem
« venda gallinhas nem animal algum que sirva para fazer um
« caldo; hoje estamos absolutamente entalados, pois não temos
« nada; mas nada ha a temer; Deus nos socorrerá ».

Março, 17.

« O Padre Sebastião está outra vez de cama, e o Padre
« Folga levantou-se hontem. Conta a gente com fazer alguma
« coisa e no dia seguinte não póde, porque as febres andam
« furiosas. Deus Nosso Senhor resolverá como fôr da sua divina
« e Santissima vontade... ».

Março, 18.

« Os padres continuam doentes, mas hoje tive uma grande
« consolação. Eis o caso: sahi de casa no fim do almoço em
« direcção ás obras, e, apenas alli cheguei, apontaram-me uma
« cubata, onde, ao que um preto disse, tinha morrido de manhã

«um menino; outro, porém, atalhou, dizendo que ainda tinha
«uns restos de vida, mas não tardaria a morrer. Indagando logo
«se era baptisado, e respondendo-se-me que não, pedi sem de-
«mora agua e baptisei a creancinha; depois fiz o que me foi
«possivel para instruir os que me cercavam, n'este assumpto, e
«recommendei-lhes com todo o empenho que me dessem parte,
«sempre que alguma creança, ou mesmo adulto, estivessem
«doentes».

Março, 19.

«O pequeno, que hontem baptisei, morreu pouco depois;
«já tenho quem deante de Deus rogue por mim, e já dou
«por bem empregados todos os incommodos que n'esta missão
«tenho soffrido. Louvado seja Deus, que nos envia estas con-
«solações. O enterro será de tarde, e vou fazel-o com o Padre
«Folga».

«A's 4 horas da tarde fômos buscar o cadaver da creança
«á cubata do pae, que é o D. Alvaro, filho do rei, e conduzindo
«o cadaver para os muros do mesmo rei, foi enterrado com toda
«a solemnidade».

«Fiz assim, apezar de me achar bastante doente, para vêr
«se estes pretos, observando as honras que eram prestadas a
«um christão, se resolviam a procurar com mais solicitude o
«baptismo».

.....

Março, 28.

«Por falta de saude, nada aponteí nos dias que faltam;
«aqui tudo tem febres, até os pretos vindos de Loanda; desde
«que chegámos ao Congo, ainda não estivemos talvez um dia
«sem ter alguém doente; são mimos que Deus nos envia; o que
«me mortifica é não se poder fazer coisa alguma, nem apren-
«der a lingua, nem ensinar doutrina...».

.....

«O Padre Sebastião está outra vez com febres, e desta
«vez de mau character; verêmos no que isto dá; vou adminis-
«trar-lhe os remedios, pois eu sou o medico n'esta casa».

Abril, 23.

« Um grande lapso de tempo ha decorrido desde que lancei
« n'estes apontamentos as linhas precedentes; devo, porém, dizer
« que, se o não fiz, foi porque outros motivos me tem impedido.
« As festas da Semana Santa fôram nos seus preparativos e na
« sua execução o que mais me prendeu. No domingo de Ramos
« fizemos uma procissão, a que assistiu o rei, bem como bastante
« povo; a missa foi cantada e tudo correu perfeitamente; tam-
« bem em quinta-feira Santa se cantou uma missa, e, á noite, os
« officios de trevas, a que assistiu pouca gente, como tambem
« aos mesmos officios em sexta-feira, e no dia seguinte fizemos
« apparecer a Alleluia, mas, bem entendido, quasi só para nós,
« pois a gente do Congo brilhou pela ausencia... ».

« Celebrámos, pois, como nos foi possivel, os mysterios
« augustos da nossa Santa religião. Que Deus Nosso Senhor per-
« mitta que aquillo que faltou em esplendor, no culto, abundasse
« em piedade, nos nossos corações ».

« Todas estas solemnidades fôram celebradas n'um telheiro
« construido ha pouco para os carpinteiros poderem trabalhar, ao
« abrigo do sol e da chuva ».

« Ainda não temos capella construida, nem mesmo sei
« quando a teremos, pois estou sem recursos, e este povo não
« faz a minima coisa sem que lhe paguem; se o governo de
« Loanda não enviar meios, nem uma capella de palha podere-
« mos levantar... ».

« Nas condições em que estamos, até me admira que algum
« de nós não tenha morrido ».

« Chove aqui quasi todos os dias, e as nossas cubatas fazem
« agua por todos os lados; mais baixas no lastro do que o sólo
« circumjacente, tudo n'ellas se estraga, tudo cria bolor e apo-
« drece. Se chegarmos a ter uma casa de pedra, poderemos viver
« no Congo; sem isso, torna-se impossivel viver aqui muito tempo,
« porque o organismo do europeu não póde soffrer todas estas
« inclemencias, ainda que fôsse de aço ».

Abril, 25.

«Hoje, quando menos esperados, ou talvez quando nós me-
«nós o esperavamos, chegaram os tres missionarios inglezes, que
«têm estado aqui no Congo. Por certo que chovia torrencial-
«mente, e chegaram com agua quasi pela cinta.

«Fôram recebidos muito bem pelos habitantes, que mostra-
«vam o seu contentamento, soltando grandes gritos e dando mui-
«tos tiros. Estou em affirmar que mostraram mais enthusiasmo
«pela chegada dos inglezes, do que pela nossa. E' que este povo
«não conhece outro movel que não seja o interesse, e quem mais
«der é quem mais sympathias tem».

«Consta-me que os missionarios inglezes, no dia da sua
«chegada, vinham com a sua bandeira arvorada, trazida por um
«preto que os antecedeu, pouco mais ou menos, uma hora. Não
«vi; julgo, porém, que o facto é verdadeiro. Desde que chega-
«ram, todos os dias tem arvorada a bandeira ingleza».

Abril, 28.

«Hoje o rei foi jantar com os inglezes; sei isto porque
«mandou cá por uma espada que nos tinha enviado para a
«limparmos; e á noite, nos muros do rei, os inglezes deram
«uma sessão de lanterna magica, á qual o rei não assistiu».

«Estou certo de que elle não desgosta de ter cá os inglezes
«pelos recursos, que d'esta fonte lhe resultam; quanto ao mais,
«creio que não tem por elles grandes sympathias».

«O que muito me tem apoquentado é que dois filhos do rei
«do Congo, ou, se não são filhos, são, ao menos, da sua casa,
«vão á escola da missão ingleza; em compensação, queria o
«mesmo rei que viessem para a nossa companhia tres rapazes
«que lá tinha; acceitámos-lhe dois e não o terceiro que nos pare-
«cia velhaco, e fômos assim contentando o rei, dizendo-lhe que
«quando tivessemos mais commodos, viria elle então...».

Malo, 1.

«Hoje, domingo, os nossos vizinhos inglezes preparam-se para fazer as suas prédicas no largo do Congo, onde costumam fazel-as».

«Em um dos dias da semana passada, vendo eu o rei disposto a mandar parte do povo para nós e a outra parte para os inglezes (o homem queria acender uma vela a Deus e outra ao diabo), disse-lhe eu que não podia ser assim, porquanto elle não podia favorecer os inimigos da Egreja Catholica e até da grandeza de Portugal, etc.».

«No domingo, estando eu preparado para dizer missa, mandei chamar o rei; eis senão quando se me apresenta uma carta do mesmo, em que dá parte de não poder vir á missa por doença, dizendo tambem que, quanto ao povo, viria em duas partes, uma para a nossa missa, que seria primeiro, e outra para a dos missionarios inglezes, que seria depois».

«Estando na occasião comnosco um filho do rei, incumbi-o de ir dizer ao pae que não podia elle metter-se a angariar gente para herejes; devia, pelo contrario, empregar todos os esforços para que lá não fôsse pessoa alguma».

«Então mandou-me pedir a resposta por escripto, ou para a mostrar a algum dos inglezes que lá estivesse, ou para se desculpar. Por esta razão apressei-me a mandar-lh'a, pouco mais ou menos, n'estes termos: Que, pelo que determinára com relação a missas, tinha a responder-lhe que, sendo elle catholico, de nenhum modo podia favorecer um culto condemnado pela Egreja Catholica Romana; antes era obrigado a impedir, por todos os meios legitimos, o exercicio d'uma religião falsa e procurar a expansão da influencia de Portugal no seu reino».

«Então o rei, como de costume, prometteu muito, mas convencido estou de que nada faz. A unica coisa, a que aspira, é manter o equilibrio entre as duas missões, não querendo desagradar a portuguezes nem a inglezes, entendendo lá para si que o melhor é ir comendo o que poder de ambos os lados».

Fecharei as transcripções com o seguinte, por elle exarado nas suas notas:

«Tenho notado que o povo do Congo não tem manipansos, ou, se os tem, conserva-os muito escondidos. Os congolezes

«nada sabem de religião christã; um ou outro falla em Jesus Christo, porém, não ligam a esta palavra significação alguma; «o que para mim é prova de que a missão ingleza não tem empregado esforço algum para os ensinar; se o tivesse feito, «a ignorancia religiosa não seria tamanha».

«Cada vez mais convencido estou de que a missão é toda «politica e nada religiosa».

O Bispo de Himeria

Por decreto de 12 de Fevereiro de 1891, referendado pelo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, foi o missionario Barroso nomeado Prelado de Moçambique.

Preconisado em Consistorio no dia 1 de Junho do mesmo anno, foi sagrado com o titulo de Bispo de Himeria a 5 de Julho seguinte, na Sé Patriarchal de Lisboa, sendo sagrante o Ex.^{mo} Cardeal Patriarcha D. José Sebastião Netto, e assistentes D. Henrique Read da Silva e D. João Gomes Ferreira, o primeiro dos quaes seu antigo condiscipulo e ao tempo já bispo de S. Thomé de Meliapor, e o segundo seu contemporaneo no collegio e bispo de Cochim.

O que fôra em esplendor essa solemnidade pelo numero e cathegoria das pessoas, que a ella concorreram, em homenagem ao missionario humilde que, em poucos annos, conquistára um nome prestigioso e nacional, póde vêr-se nos jornaes que, ao tempo, se publicavam em Lisboa.

Barros Gomes, o saudoso estadista, que na politica nunca procurou senão o bem do seu paiz, admirava-lhe os meritos e chamava-lhe o «modelo dos missionarios».

Armado com os poucos recursos que o governo pôz á sua disposição, e dispondo d'uma força de vontade que se não flectia deante de difficuldades, embarcou para Moçambique, acompanhado de alguns padres, em 21 de Fevereiro de 1892, e a 20 de Março seguinte entrava na pastoreação effectiva do seu novo rebanho.

Do que era o ambiente moral e religioso da vasta Prelazia, em que o tacto e luminoso espirito do inclyto missionario do Congo iam ser postos á prova, dão testemunho dois curtos periodos do consciencioso e bem elaborado relatorio do conselheiro Antonio Ennes sobre Moçambique, que passo a transcrever: *« Os centros de depressão relaxista estão localizados precisamente sobre as egrejas desamparadas da protecção dos poderes publicos, ermadas pelo indifferentismo do povo, e profanadas a meude pelos desregramentos do clero. Faltava totalmente, no meio d'aquella sociedade materialisada, até se deixar bestialisar pelas cubiças do ganho e do gozo, uma qualquer representação activa dos interesses espirituaes e ideias moraes »*.

Até á chegada do Bispo de Himeria a Moçambique a vida religiosa da Prelazia circumscrevia-se ás poucas parochias, e arrastava-se anemica nas mãos de alguns padres que Gôa para lá exportava, com mais ancia de rupias do que zêlo e interesse pelo levantamento moral e social do preto.

A passagem de dois Prelados tambem bispos, — o de Philadelphia e o das Thermopilas, — pela administração ecclesiastica da Prelazia de Moçambique, foi bastante rapida para quasi não deixar vestigios.

O primeiro, novo e intelligente, foi, decorrido um anno, pastorear a diocese de S. Thomé de Meliapor, na costa de Coromandel, e o segundo, já alquebrado de forças por uma longa permanencia no Brazil, pouco pôde fazer no tempo que lá permaneceu até á sua transferencia para a diocese de Angola.

Por este conjuncto de circumstancias, a investidura do Bispo titular de Himeria no governo da Prelazia de Moçambique effectuava-se em condições deploraveis para quem não tivesse uma força de vontade á prova de todas as difficuldades e obstaculos. Missões, propriamente ditas, só existiam tres com organização aproveitavel, confiadas aos padres jesuitas; mas essas mesmo vegetavam, arrastando vida difficil, á mingua de recursos materiaes e ainda de pessoal que o clima inclemente desimava impiedosamente.

A missão de Sena, principalmente, que se teimava em conservar, foi um verdadeiro cemiterio para os abnegados padres da Companhia de Jesus. Muitos, em poucos annos, por lá ficaram em holocausto a uma patria, natural ou adoptiva, que mais tarde, tão avessamente ás normas impostas pela gratidão, e ainda pelo patriotismo, deveria recompensar tão mal o Instituto a que pertenciam essas victimas do seu desinteresse e abnegação.

Era, pois, iriçada de difficuldades de toda a ordem a estrada que se desenrolava deante do novo Prelado moçambicense; mas a sua divisa era: «A Africa pertencerá a quem a civilisar», e abordado a esse lemma, e á sua perseverança inquebrantavel, lança-se na refrega com a coragem d'um heroe e a constancia d'um apostolo.

Acudindo, na medida do possivel, ás necessidades religiosas mais instantes, com o reduzido pessoal missionario que o acompanhára, reorganizou todos os serviços da Secretaria Ecclesiastica, que a ausencia dos seus dois antecessores puzera n'um cahos, restaurou duas parochias na cidade de Moçambique, então capital da provincia, jazendo, havia muitos annos, em completo abandono, sujeitou o clero da cidade a um viver de quasi communidade e, apenas as circumstancias lh'o permittiram, abandona as poucas commodidades que lhe offerecia o seu pobre Paço, para iniciar uma série de penosas viagens aos pontos mais populosos e distanciados da Prelazia, no intuito exclusivo de verificar e conhecer *de visu* onde a christianisação do indigena seria mais necessaria, facil e proficua, e ainda para exemplificar aos seus cooperadores que ao munus do missionario andam inherentes sacrificios de toda a especie.

Só quem tem algum conhecimento pratico da Africa poderá aquillatar com exactidão as difficuldades, contratempos e cancelas, a que o viajante alli se expõe. Chuvas torrencias, calores caniculares, nuvens de mosquitos e outros insectos flagellantes, fugas e latrocinios de carregadores, escassez e pessima qualidade de aguas potaveis, precauções a tomar contra provaveis ataques de feras, cacimbas e humidades, de cuja nocividade uma barraca de campanha não preserva, são factorès com que o viajante em Africa tem de contar; e o Bispo de Himeria, com o seu tirocinio do Congo, sabia bem ao que ia expôr-se.

Nada d'isso contudo o afastou de percorrer, em estudo e observação, á medida que a causa missionaria se ia desenvolvendo, no litoral e suas proximidades, o planalto de Manica, rico e abundante em minerios, o territorio de Gaza, todo o valle do Zambeze até ao Zenubo, entrando por Quelimane e Mopêa, e mais tarde, subindo pelo Chire, visitou Blantyre e a região sul e sueste do lago Niassa.

Foi, até, n'uma d'essas suas digressões que elle contrahiui o germen da grave doença que o forçou a embarcar precipitadamente para a Metropole, em Agosto de 1895.

Em frente da pequena Ilha de Moçambique, a uns trinta

kilometros da costa maritima, demora uma tribu da raça *makua*, cuja inferioridade, espirito de pilhagem e instinctos sanguinarios se salientam entre as demais familias ethnographicas da provincia.

Essa tribu é a dos Namarraes, organisada desde tempos immemoriaes em quadrilha de bandoleiros, tendo como occupação unica a pilhagem e a *razzia* nos territorios circumvisinhos. Por vezes a audacia os trazia em correrias até ao littoral.

Combater-os o mesmo era que combater a sombra d'um inimigo todo perfidia e cilada, protegidos, como eram, por espessos matagaes.

A auctoridade portugueza era por elles desconhecida, e o unico castigo que, de annos a annos, esta lhes podia infligir limitava-se á simples queima das ligeiras palhotas que n'um dia reconstruiam.

Europeu que se aventurasse a visital-os, se não era zagaiado, voltava de lá á certa, *alliviado* até do vestuario.

Chegava a ser um vexame para a nossa soberania ter ás portas da capital da provincia aquelle bando de salteadores que, a cada passo, talava os campos, incendiava e matava, e para despertar no Bispo de Himeria a resolução de visitar, no seu reducto, aquelles malfeitores nada mais era preciso.

Acompanhado apenas d'um padre, d'um interprete e alguns (poucos) carregadores para lá se encaminhou na expectativa christã e patriotica de trazer á obediencia e submissão aquellas feras desenjauladas.

Subjugados pela figura magestosa, e respirando bondade, e pela attitude pacifica e confiante do Bispo de Himeria, não o maltrataram nem desacatarem; simplesmente, n'um golpe de mão, rapinaram aos carregadores as provisões de bocca para a excursão, obrigando assim o intemerato Prelado a regressar mais cedo á cidade, cheio de fome e tambem de impaludismo.

*

*

*

A' medida que ia observando e estudando o terreno, em que a acção civilisadora do missionario obteria maiores probabilidades de exito, ia, do mesmo passo, pondo todo o seu empenho e esforços em estabelecer missões e outros estabeleci-

mentos reclamados pelas exigencias, indole e adaptação das populações.

Assim, logo quasi no inicio do seu governo, creou a missão de S. José de Langueni, nos suburbios de Lourenço Marques, e successivamente a do Maputo, no extremo sul da provincia; a do Mongué, no districto de Inhambane; a dos Anjos e a da Chupanga nos territorios da Companhia de Moçambique, afóra os postos missionarios com um só padre em Gouvêa, Chimoio e Matutuine.

Como remate de tudo isto, que é muito, attenta a escassez de recursos com que sempre esbarrava, fundou na florescente cidade de Lourenço Marques o « Instituto D. Amelia », confiado á sabia direcção das Irmãs de S. José de Chiny, onde, a par d'uma solida educação, as creanças europeias do sexo feminino recebiam o ensino de bordados, linguas, pintura e musica.

No elevado intuito de impedir, tanto quanto possivel, que as creancitas pretas do sexo feminino, que enxameiam na cidade de Moçambique, cahissem irremediavelmente no tremedal do vicio, aproveitando o ensejo que se lhe deparava favoravel na commemoração do quinquagesimo anniversario da sagração episcopal do inolvidavel Pontifice Leão XIII, a que a Prelazia moçambicense, por convite seu, se associou, pôde crear, mediante uma collecta feita nas parochias e missões e outros donativos arrancados á generosidade dos fieis pelo insinuante e caritativo Bispo, o Instituto a que deu o nome do immortal Pontifice, e estabeleceu-o na Cabaceira Grande, povoação fronteira á cidade de Moçambique.

*

* *

Essas duas instituições, de tão fecundos resultados civilisadores, e alicerçadas em tantos sacrificios, varreu-as uma rajada de jacobinismo estolidado, logo apoz a implantação do actual regimen.

Póde o sectarismo babar-se de gozo pelo triumpho alcançado no desmoronamento dos dois Institutos; a Colonia de Moçambique, na sua aspiração a civilisar-se, essa, é que só tem motivo para lamentar o desaparecimento d'elles.

Em carta datada de 17 de Abril de 1894, dirigida ao Conselheiro Barros Gomes, consolava-se o incansavel Prelado dos des-

gostos e contrariedades que lhe amorteciam as energias com o desabafo expresso nos periodos seguintes:

«A Prelazia a meu cargo continua a ser duramente experimentada d'um lado pelo quasi abandono official, do outro pela morte, que tem ceifado no campo missionario preciosas vidas.

«As duas ultimas victimas fôram o Padre Courtois, superior da missão de Inhambane, e o Padre Czimmerman, superior da missão do Zumbo; como V. Ex.^a sabe, eram dois excellentes missionarios, muito experimentados e com largo conhecimento das linguas africanas.

«Desde que estou na provincia, isto é, ha dois annos, entre mortos e inutilisados perdi dezeseis presbyteros, isto, n'um numero de missionarios muito restricto.

«Felizmente nem tudo é triste. A fundação do Instituto de ensino «D. Amelia» em Lourenço Marques está dando os melhores resultados, e tenho quasi concluida uma magnifica casa para o Instituto «Leão XIII», na Cabaceira, aqui em frente de «Moçambique».

Todavia as viagens em visita pastoral aos pontos mais afastados e menos accessiveis da Prelazia de Moçambique representam o periodo epico da operosa vida do apostolo portuguez dos tempos modernos.

Por tal motivo, não se me levará a mal que eu faça aqui um resumo d'ellas, apezar de me tornar mais longo do que seria para desejar.

Logo nos primeiros tempos, depois da sua chegada á cidade de Moçambique, foi em visita a Lourenço Marques, onde fundou a missão de Languene, sob o patrocínio de S. José, e a 16 de Agosto de 1892 encetava as suas viagens ao interior, começando pela região de

Manica e territorio de Gaza

N'esse dia 16, pelas 7 horas da manhã, sahiu da Beira, a bordo d'uma lancha, pelo rio Pungué acima; até ao ponto em que terminava a montante da maré, a viagem não podia correr melhor. As margens do rio, tristes e desoladoras, baixas e nuas de vegetação.

D'aquelle ponto para cima a navegabilidade do rio torna-se difficil. Vem a noite, que se passou na lancha, ancorada á margem; na coberta a humidade era excessiva; em baixo o calor era insupportavel, e o fetido nauseabundo. A' vegetação lacustre do mangue, nas margens, succede-se a de emmaranhadas *espinhosas e trepadeiras*.

Apparece um ou outro hipopotamo, e o crocodillo em abundancia.

No dia 18 pôde a lancha aportar a Neves Ferreira, povoação situada sobre um dos interminaveis meandros do caprichoso rio Pungué, correndo por vezes paralelo a si mesmo.

Durante a noite passada em Neves Ferreira o somno era interrompido a cada passo pelo rugido do leão.

Surge um ou outro exemplar da *ficus indiana* e abunda a canna brava.

A cultura quasi unica é o sorgho, de que os indigenas se alimentam, dando-lhe o nome de *mapira*.

A contrastar com a pobreza do terreno, são aos cardumes os antilopes, e os bufalos ás manadas.

Para deante de Neves Ferreira a viagem teve de proseguir por terra, ora a pé, ora em tipoia, lutando-se, de dia, com a ardencia do calor, e, de noite, com espessa cacimba.

Começa a lutar-se com escassez de agua e a marcha é difficultada pela doença de alguns carregadores, e outros accidentes; todavia, no dia 21 conseguiu chegar a Sarmento, povoação edificada em sitio aprazivel e sobranceira ao rio Pungué. Não obstante, a cultura é nulla e o indigena vive quasi exclusivamente da caça ao bufalo.

A região comprehendida entre Neves Ferreira e Sarmento é arida, e quasi só povoada por feras, antilopes, bufalos e zebras.

A 23 deixou Sarmento, e a 25 acampava perto de Angive prostrado por intensa febre. Antes, tivera de ceder a tipoia a um carregador que adoecera, e, á falta d'outro alimento, forçoso lhe foi recorrer á farinha de milho escaldado *que não era de todo má*, annota elle.

O terreno começa a ter mais relevo, a arborisação a ser mais tropical e a população mais densa, ainda que pertencendo a uma raça inferior, suplantada pelos Vatuas.

Apesar de alquebrado pela febre, e com quatro horas de caminho a pé, chegou a Chimoio a 26, onde lhe foi possivel comprar *mapira* para os carregadores que estavam *á bout de ressources*.

O precurso de Chimoio a Massiquece foi-se effectuando em

tres dias, atravez uma região abandonada e quasi deserta. Só de longe a longe topava com algum inglez a fazer insignificante negocio, mas luctando pela vida com a tenacidade propria da raça saxonica, o que fez occorrer ao seu espirito de observação este commentario: «o que tudo isto mostra é a coragem com «que esta gente se atira por esse mundo fóra, vivendo mal e «cheia de privações. Ainda isto é indicio evidente da sua força «expansiva, e da coragem com que proseguem no proposito de «*inglezar* tudo isto, o que acontecerá em pouco tempo, se da «nossa parte se continuar n'este abandono». Sempre o estimulo patriotico a manifestar-se!

Em 29 chegou, pois, a Massiquece, em cujos arredores foi escolhido o local para a installação d'uma missão a 200 metros de altitude, n'um sitio pittoresco, abundante de agua e de facil cultura.

Segundo o seu plano, esta missão seria a séde d'outras que deveriam ser fundadas n'outros pontos da região, dado que o Estado e a Companhia de Moçambique concorressem com os fundos indispensaveis.

Mas os effeitos da cacimba das noites passadas no Pungué e suas margens não tardaram a manifestar-se. O arthritismo e o impaludismo appareceram logo a impôr-lhe uma demora forçada de nove dias em Massiquece, em termos que só no dia 8 de Setembro seguinte pôde retirar com a sua reduzida committiva em direcção á Gorongosa, fazendo escala por Manica e Mendigo, onde um inglez lhe deu gasalhado. O inicio da marcha ao sahir de Massiquece não podia ser mais deploravel. Os carregadores apostados em contrariar o illustre viajante, ou antes, talvez, abusando da sua paciencia e bondade, adeantando-se uns e ficando para traz outros, até fome o fizeram passar. O pobre inglez que, a altas horas da noite, o recebeu em Mendigo, extenuado e faminto, foi uma verdadeira Providencia. «Sou-lhe immensamente grato, porque fez por mim tudo o que podia fazer», annotou elle no seu diario.

Na sua derrota de Chimoio, aonde teve de voltar, para Gouvêa, foi contornando a serra da Gorongosa; e acampando nas povoações em que haveria probabilidades de conseguir farinha para os carregadores e em sitios, onde a agua potavel não faltasse, pôde alfim chegar a Gouvêa no dia 18 de Setembro, mas á custa, Santo Deus, de que privações e contrariedades!!!

As impressões, que o aspecto e bellezas de Gouvêa e seus contornos lhe suggeriram, não podiam ser mais lisongeiras. A'

fertilidade do solo accrescia uma cultura já desenvolvida, e o indigena mais familiarizado com o europeu.

Na sua apreciação, foi um erro mudar d'aqui para Massiquece a capital de Manica. Confessa-se maravilhado com as plantações e culturas dos poucos soldados que alli estacionavam e, mesmo, dos indigenas.

«Que belleza de producções»! exclama elle, no seu diario.

Aproveitando a curta demora que alli teve, baptizou dois mulatitos, e a 20 retomou a marcha em direcção á antiga villa de Sena.

O terreno agora começa a ser mais aspero e pobre; pelo que respeita a agua, só se encontra em excavações praticadas no leito arenoso dos pequenos rios.

Proseguindo na marcha com paragens em Bacoze, Machinche, Inchéche, Imbila e n'outras povoações, onde, por via de regra, a escassez e pessima qualidade da agua se fazia sentir, a flora da região percorrida começa a mudar de aspecto, á medida que se ia approximando de Sena, e o preto, mais docil e respeitador do europeu, já não omitta cumprimental-o segundo o estylo do paiz, que é:—rapando com os pés para traz, ou batendo, inclinado e reverente, as palmas por tres vezes.

Tudo indicava não estar distante a antiga villa, onde a soberania de Portugal é effectiva e real—Sena—outr'ora sobranceira ao Zambeze e agora distanciada d'elle uns cinco kilometros pelas mudanças de leito do grande rio.

A 26 de Setembro entrava o zeloso Prelado na villa de Sena, hoje mui decahida, onde o esperavam, para lhe fazer uma recepção carinhosa, o Intendente, o dr. Juiz de Direito e o dr. Delegado.

Era uma compensação, ainda que pequena, das privações, agruras e dissabores que uma excursão de quarenta dias, pelo sertão africano, lhe custou.

Ao cortejo das febres que, a cada passo, o visitavam, vinha não raro juntar-se a escassez da agua potavel, a exiguidade de recursos alimenticios para si e para os carregadores, e sempre em lucta com a indolencia d'estes.

A despeito, porém, de tantas contrariedades, nunca lhe faltou alento para estudar os pontos da enorme extensão percorrida, onde mais conviria desenvolver a acção civilisadora do missionario catholico; e, simultaneamente, a fauna, a flora, a hydrographia, fertilidade do solo e condições de salubridade, á mistura com apreciações pessoaes, traduzindo não poucas vezes

o desanimo, sobre o abandono a que tem sido votado este nosso vasto patrimonio colonial, sob todos os pontos de vista — religioso, militar e administrativo, attribuindo tanta decadencia á falta de selecção do funcionalismo colonial, de ordinario incompetente e refractario a tudo o que demande esforço e iniciativa.

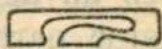
A benção e inauguração d'uma capella nova, dedicada a Nossa Senhora do Rosario, ainda por concluir, forçou-o a uma demora, em Sena, que não estava no seu programma. Só no dia 2 de Outubro seguinte a solemnidade da benção e inauguração se pôde effectuar com a assistencia de toda a gente da villa, fôsse qual fôsse a sua cathegoria ou côr.

A velha fortaleza, a desmantelar-se, ainda se associou áquella festa, salvando á elevação na missa, terminando a solemnidade com o baptismo d'um filhinho do Intendente, a cujos esforços e iniciativa se devia a construcção do pequeno templo.

No dia 8 de Outubro retirou de Sena, acompanhando-o aquelles amigos que alli o haviam recebido tão festivamente, á sua chegada do Sertão, fazendo pequena paragem na Chupanga, em Vicente e Mopêa.

Aqui, porém, quando já se faziam os preparativos para descerem a Quelimane, cahe com uma febre perniciosa um dos companheiros — o Juiz dr. Antonio Emilio da Silva Ramos — a qual em tres dias o victimou, não valendo esforços para o salvar, e resultando do infausto acontecimento, que immensamente penalizou o intemerato Prelado, a demora de alguns dias em Mapêa, para prestar ao fallecido as ultimas homenagens.

Só a 22 de Outubro chegou a Quelimane, termo da sua peregrinação pelas terras de Manica.



Viagem ao Niassa

No dia 27 de Setembro de 1893, embarcou o infatigável Bispo de Himeria em Quelimane, com destino ao Chinde, levando na sua companhia o superior dos jesuitas nas missões da Zambezia, Padre Moura.

Entrando a barra com dificuldades, por causa da arrebentação do mar, chegou ao Sombo no dia seguinte, e ali teve uma demora de tres dias gastos em preparativos. N'um d'elles veio celebrar missa a terra, comparecendo na assistencia toda a officialidade da esquadilha que alli estacionava.

A 2 de Outubro seguinte, a bordo da lancha-canhoneira Cuama, lá seguiu rio Chinde acima até entrar no Zambeze, que, como é sabido, entra no Indico por dois braços — o Chinde e o Inhamissengo.

As duas noites, passadas a bordo, frias e humidas; apesar de o calor durante o dia ser intenso, 31° a bordo.

No dia 4 a lancha-canhoneira ancorava em Grigudani, povoação que a Companhia de Moçambique chrismou com o nome de Lacerdonia, em homenagem ao explorador Portuguez dr. Lacerda.

No dia 5, passagem em Missomga, ou Chomo, povoação de alguma importancia commercial, nas proximidades da Foz do Chire, affluente do Zambeze.

Ao chegar a este ponto, a lancha-canhoneira devia deixar o grande rio africano, para continuar a sua derrota pelo affluente Chire, até onde a navegabilidade o permittisse.

Infelizmente, um banco enorme de areia, quasi obstruindo a barra, vedava a entrada á lancha-canhoneira, que teve de descer para o seu posto do Sombo, e o illustre viajante era obrigado, se quizesse proseguir, a fazer a viagem por terra, em tipoia e a pé, seguindo pelo rio apenas a carga, n'um lanchão que só á custa de muitas difficuldades foi possivel obter.

Seis dias se perderam n'estas contrariedades que logo se repercutiram no abalado organismo do intemerato viajante, com o apparecimento de febres e alterações no figado.

Só a 11 se proseguiu na marcha em direcção a Muzi, povoação de somenos importancia.

D'aqui para cima as margens do Chire vão a pouco e pouco perdendo a sua monotonia, o terreno começa a accidentar-se e a sua fertilidade a augmentar. Ha abundancia de agua, descida das quebradas da serra Marrumbala, como tambem bellas plantações de tabaco e optimas madeiras.

No dia 12 acampou em Pinda, região intensamente povoada, para ir visitar as chamadas — fontes quentes — abundante manancial de aguas sulphurosas, de elevada temperatura, rebentando n'uma planicie adjacente á dita serra Marrumbala.

O acampamento seguinte fez-se n'uma povoação chamada Insuje, que recebeu o illustre hospede com festas e danças, na mira, certamente, de algum mata-bicho, como lhe chamam os pretos, e a 14 chegava ao commando militar de Umtembi, onde se hospedou.

E' n'este ponto, em Cheringoma, — que a margem direita do Chire limita e separa os nossos dominios da possessão ingleza de Blantyre.

A alma de patriota do ousado Prelado não pôde recalcar a tristeza que experimentou ao encontrar aqui n'um miseravel chimbeque, junto a um regato, então sêcco, um guarda da alfan-dega, só e isolado, a zelar os direitos do fisco portuguez!

Com magua não menor, tambem elle consigna o facto de as mercadorias importadas pelos inglezes de Blantyre pagarem apenas 5 % *ad valorem* no nosso posto fiscal de Chilomo, quando as mercadorias destinadas á nossa Zambezia pagam em Quelimane ou no Chinde direitos aduaneiros muito mais elevados!!

E d'ahi deriva uma facilidade de contrabando pelo lado de Blantyre, com que os commerciantes da Zambezia não podem lutar.

No Umtembi as aguas do Chire são infestadas de hipopotamos, que por vezes constituem grave perigo para as peque-

nas embarcações; e nas margens encontra-se em quantidade o antilope, a que os pretos chamam *vacca do matto*, e é excelente caça.

Como o trajecto entre Umtembi e Chilomo, pela agreste dos caminhos, fôsse muito penoso e difficil, foi preciso renunciar a fazel-o por terra.

Obtida uma lancha da obsequiosidade do arrendatario do prazo Massingire, um holandez protestante, fez-se a viagem pelo rio até Chilomo. E não ficou aqui a gentileza do holandez.

Impondo-se a necessidade de estabelecer uma missão catholica nos pendores da Serra Marrumbala, comprometteu-se elle, apesar de protestante, a auxiliar largamente essa fundação, com o que o intrepido Prelado retirou satisfeitissimo.

Em Umtembi perderam-se quatro dias a arranjar gente para o transporte das cargas, e foi alli que o seu companheiro Padre Moura soube da triste noticia de haver fallecido o Padre Perrodin, em viagem para a missão do Milange, e da perda de tres malas, que elle fizera seguir para a missão de Baroma n'um escaler que a furia d'um hipopotamo metteu no fundo do Zambeze.

Fôram sem conta as contrariedades soffridas em Umtembi, com a demora que alli teve; mas a 19, por uma deferencia do commandante da lancha Chirua, conseguiu chegar, em pouco tempo e commodamente, a Port-Harold, que é uma estação ingleza, e d'alli para cima até M'passo e de M'passo a Chilomo n'uma embarcação a remos, correndo, a cada passo, serios riscos pelo cardume de hipopotamos que aqui abundam, além de encaihes successivos.

Comtudo a Providencia, a quem em absoluto se confiava em todos os lances arriscados, fêl-o chegar são e salvo a Chilomo no dia 22.

Chilomo fica, como se sabe, no ponto de confluencia do rio Rúo com o Chire.

Aqui novos embaraços surgiram por falta de meios para proseguir a marcha que, atravez de Mololo (povoação ingleza) e Madála, agora era orientada na direcção da missão catholica portugueza de Milange, nas faldas do monte Tumbini, a pequena distancia d'um commando militar nosso; mas emfim, a 31 de Outubro, conseguiu chegar ao almejado ponto.

Esta missão, susceptivel de grande desenvolvimento e expansão, achou-a pouco menos que incipiente, o que elle regista com accentuada magua, porque a região abunda em optima

agua, o sólo é susceptível de grande producção e o sitio tem todas as condições de salubridade.

Infelizmente a escassez de recursos com que a missão estava luctando, e as difficuldades do trajecto do littoral até alli impediam todo e qualquer avanço.

Em pouco mais de dois annos tres padres alli fôram sacrificados ingloriamente na ara do seu zêlo pela salvação das almas e prestigio do nome portuguez.

Aproveitando os dias que alli teve de demora, percorreu o infatigavel Prelado os pontos mais elevados dos montes Tum-bini, d'onde o panorama que se desenrola para N. E. é simplesmente surprehendente.

Devisam-se d'alli, a grande distancia, os picos da Cordilheira de Namuli, nos confins occidentaes do antigo districto de Angoche, onde muito conviria fundar uma missão, da qual mais tarde irradiariam outras.

Este era, no conceito do denodado apostolo africano, um ponto estrategico da rêde de postos missionarios que era urgente estabelecer na vasta provincia moçambicense, se se quizesse encarar a serio o problema da civilisação do preto e a consolidação da soberania portugueza n'aquella Colonia.

Foi sempre uma grande aspiração do zeloso Bispo de Himeria a creação de quatro postos missionarios, lá bem no interior do sertão, sendo um em Milange, outro em Namuli, outro ao Oriente do lago Niassa e ainda com outro no Noedo, interior do Ibo.

A acção do missionario sobre o preto, para ser proficua, tinha de ser exercida fóra do contacto d'este com o europeu. A missionação deveria vir do interior para o littoral, e não vice-versa; «mas tudo falta, exclamava elle, cheio de desillusões; não ha dinheiro, não ha pessoal missionario em quantidade e qualidade, e escasseiam, por completo, o interesse e a vontade».

Vinte longos dias se perderam na missão de Milange em esforços titanicos para arranjar carregadores indispensaveis para continuar a marcha para o norte até á margem oriental do Niassa.

E' que havia a luctar com a má vontade de dois potentados da região — o Motopuri e o Mutira-Manja — residindo alternadamente, segundo as conveniencias de momento, em territorio portuguez, ou inglez, mas tendo toda a influencia no territorio portuguez.

O commandante militar portuguez era impotente para se lhes impôr, e o despeito dos dois sobas provinha de não have-

rem recebido á passagem do illustre Prelado pelas suas terras a visita e o concomitante *saguáte* (presente) que elles queriam arvorar em praxe. Tão habituados andam a fazer pagar bem o reconhecimento ficticio da soberania portugueza!

Esgotados todos os meios, e postos em jogo todos os ardís e simulações dos dois cafres espertalhões, a quem giram nas veias particulas de sangue arabe, foi forçoso renunciar a proseguir a caminho de Niassa, e cuidar em retroceder para Quelimane, atravez o sertão.

A pedido do chefe da missão recrutaram-se alguns carregadores, e com mais uns vinte obtidos da *generosidade* do marau Mutira-Manja, tornou-se possivel a sahida da missão de Tumbini, no Milange, a 20 de Novembro, tomando a caravana a direcção de Macaby. Se era deficiente o pessoal para cargas, mais reduzido era o destinado ás tipoias; por isso o trajecto fez-se em grande parte *a pé, com muito sacrificio para um seu joanête*.

Registe-se tambem que á demora, inacção e aborrecimento, curtidos em Tumbini, veio juntar-se a febre com o cortejo d'uma inflammação ocular que muito o fez soffrer.

A 25 de Novembro chegava a reduzida expedição a Mezerara, onde pouco antes fallecera o jesuita Loubiere, que com o Padre Perrodin se dirigia para a missão de Tumbini; este cuidando em dar sepultura piedosa ao companheiro sob uma acacia, e collocando á cabeceira um crucifixo, retrocedeu para Quelimane, porque se sentia mal.

Ainda conseguiu deitar a Manjace com vida; mas alli falleceu tambem, sendo o seu cadaver levado pelos pretos para Quelimane, aonde chegou em decomposição.

Em Mezerara, como piedosa homenagem ao fallecido Padre Loubiere, celebraram missa no dia 26, sobre a sua humilde e solitaria campa o Bispo de Himeria e o Padre Moura.

No mesmo dia partida para Chipuira; d'alli para Palamela e Engadi, e seguindo o curso do pequeno rio Licuara, depois d'um leve repouso em Eirara, deu entrada na villa de Quelimane no dia primeiro de Dezembro de 1893.

«*Estamos bastante cansados, apontou nas suas notas o arrojado viajante, por causa do muito calor e das privações do caminho, sobretudo pelo que respeita a agua. Com a ajuda de Deus está terminada esta viagem, que não foi tão feliz, como a gente queria, mas da qual espero em Deus se tirará algum proveito.*

Viagem á Zambezia

Como se a nostalgia das viagens obsediasse o Bispo de Himeria ininterruptamente, e a sua grande alma se sentisse esmagada no estreito recinto da pequena ilha de Moçambique, que elle comparava a um paquete collossal alli fundeado, e na ancia de despertar brios aos seus compatriotas e estimular energias que tão precisas eram para levantar aquella rica e importante colonia do marasmo em que vinha jazendo, eil-o a deixar a cidade de Moçambique no dia 12 de Junho de 1894, e a desembarcar em Quelimane a 14, para seguir para a Zambezia.

Obrigado a uma demora de quinze dias em Quelimane, por falta de transporte para o Chinde, aproveitou-os em visita pastoral á parochia e missão dos Santos Anjos de Coalane, e em advogar perante o então Presidente da Camara e a gente grada da terra, sempre generosa e hospitaleira, a fundação d'um instituto de educação e ensino para meninas, sob a direcção de Irmãs educadoras.

A 30 de Junho desembarcava no Chinde, séde da esquadilha de lanchas-canhoneiras para a navegação do Zambeze e de alguns dos seus affluentes; e é tambem alli a estação

d'uma esquadilha ingleza para serviço de navegação para Blantyre.

Logo aqui, a sensibilidade de patriota do grande portuguez e zeloso Prelado foi maguadamente tocada pelas concessões feitas aos inglezes n'aquelle porto, as quaes capitula de *grosso espinho cravado no nosso corpo, e serve admiravelmente aos inglezes para desempenharem o seu papel de protectores...* de contrabando, sobretudo.

No dia 4 de Julho, partida do Chinde a bordo da canhoneira *Obuz*, chegando á povoação de Vicente a 7, onde aproveitou a paragem para ir visitar a fabrica de assucar da Companhia de Mopêa.

A visita a este estabelecimento industrial impressionou-o agradavelmente.

Em Chupanga tambem aproveitou uma curta demora da canhoneira, para ir vêr o tumulo de Madame Levingston, alli fallecida em 1862, e companheira do arrojado explorador do mesmo nome.

A passagem em frente do Missongo, no dia 8, mereceu-lhe uma leve referencia ao contrabando importante que para alli deriva do Chilomo inglez.

A viagem prosegue sem o mais leve incidente até Sena, aonde aportou no dia 12, e tres dias depois, chegava ao Guengue e avistava a aringa Maria Pia, onde estão sepultados o tenente de marinha Barba de Menezes e companheiros, victimas d'uma horrorosa catastrophe.

Proseguindo Zambeze fóra, começam já a desenhar-se, a grande distancia, os contornos dos montes Lupata que, n'uma extensão de doze milhas, comprimem e apertam o leito do grande rio africano.

No dia 19 ancorava a *Obuz* em Massangano, que foi residencia do celebre Bonga, nome a que andam ligados desaires e vergonhas que nunca esquecerão.

«A campanha de 1869, annota elle, ficará para nós um padrão de ignominia immorredoura».

No dia 20 desembarcava em Tété, onde devia esperar as duas lanchas a remos que sahiram do Chinde com as bagagens, ainda antes da sahida da canhoneira *Obuz*.

Os dias que alli teve de demora aproveitou-os na visita pastoral á egreja da parochia, ao cemiterio, sendo acompanhado, n'estes actos, por todo o elemento official, commerciantes e agricultores. Prevalecendo-se da simpathia que lhes havia inspirado,

e do sentimento religioso, ainda que latente e bastante apagado, da população indigena, não omittiu o illustre visitante meio algum de a estimular á vida e acção catholica, que outr'ora alli florescera.

Tambem visitou o forte D. Luiz que domina a villa, e o de S. Thiago que domina o rio, examinando minuciosamente os seus meios de defeza.

A artilharia, que guarnece as duas fortalezas, não é moderna; mas, ainda assim, sufficiente a da primeira para pôr a antiga villa ao abrigo de qualquer ataque do gentio, e a segunda para impôr respeito a duas lanchas-canhoneiras inglezas que, pouco antes, pretendiam seguir rio acima, affrontando a nossa auctoridade.

Tambem o illustrado Prelado regista com muita satisfação a existencia em Tété d'uma *Sociedade Litteraria*, apesar da grande distancia que a separa do littoral, a qual elle considerava restos longinquos da acção civilisadora que, na alta Zambezia, exerceu outr'ora o elemento missionario.

Como no dia 29 as duas lanchas das bagagens ainda não tivessem chegado a Tété, e o tempo é dinheiro, resolveu ir para a missão de Boroma, a montante d'aquella villa, onde as esperaria, aproveitando a amabilidade do commandante da *Obuz* que se promptificava a leval-o até áquelle ponto no seu navio. No dia 30, sahiu de Tété, e tres horas depois, a *Obuz* deixava-o na missão de Boroma, a mais importante da Prelazia, onde o esperava todo o pessoal educador e educando.

Fazendo a sua entrada com todas as ceremonias preceituadas, fez a visita processional á capella, levando os educandos d'um e d'outro sexo os seus estandartes.

Cumprido o ceremonial do Ritual, encaminha-se para uma pequena elevação sobranceira ao Zambeze, onde se erguia a residencia dos padres da missão, de fórma rectangular, ampla, toda construida em tijolo, alli mesmo fabricado, duas torres nos angulos virados ao rio e um bello terraço.

A agua que a abastece é captada no rio depois de filtrada pela areia e levada ao edificio por uma bomba de alta pressão.

No dia 31, festa de Santo Ignacio, celebrou missa de pontifical, e, terminada a solemnidade, fez a sua visita á escola das Irmãs educadoras que, com umas sessenta educandas, o receberam entoando canticos religiosos em portuguez e no dialecto do paiz, fazendo-se em seguida a demonstração do aproveitamento

das pretitas, por exercicios de leitura, escripta, contabilidade, trabalhos manuaes, incluindo a fiacção do algodão, etc.

No dia seguinte coube a vez aos pretitos de receberem na sua escola a visita do apostolico Prelado, cujo aproveitamento litterario e artistico nada deixava a desejar, tributando por isso rasgados encomios aos educadores. «Estes padres, annotou elle no seu diario, são uns trabalhadores incançaveis, e bem merecem da Igreja e de Portugal, cujo nome fazem conhecer».

Ainda alli administrou o sacramento do crisma a cento e cinquenta pessoas, entre creanças e adultos, alguns dos quaes já educados pela missão, e constituindo familias christãs.

A 7 de Agosto abandonou Boroma, para proseguir em direcção ao Zumbo, principal objectivo d'esta penosa viagem, que d'este ponto para cima passa a ser feita por terra, em tipoia e a pé, sobremaneira difficultada por plantas espinhosas, que ladeiam o caminho e, por vezes, dilaceram o fato e as carnes dos transeuntes.

Após quatro dias fatigantes conseguiu o Bispo de Himeria chegar a Chicova, onde o Capitão-mór Ignacio Xavier lhe fez uma recepção penhorante, apesar de não esperar o illustre viajante n'aquelle dia.

N'este ponto o caminho corre afastado do Zambeze, não lhe sendo possivel, por isso, ir visitar as cachoeiras do Cabora Bassa, que ficam em pouco á jusante de Chicova.

Segundo todas as probabilidades, esta região de Chicova e o seu prolongamento para o occidente constituiu, em tempos remotos, o dominio dos Monomatapas, dos quaes descende a população actual.

No dia seguinte, após a celebração da santa missa, avança para o Luane (aringa fortificada) do arrendatario Curado de Campos, que tambem recebeu gentilmente o illustre hospode. Pena foi que á chegada um machileiro se chapasse, arrastando na sua queda a do Prelado, que bastante se maganou.

No dia 15 de tarde, depois d'uma marcha, que se foi arrastando com peripecias varias atravez os luanes de alguns *mozungos* (indios ou europeus cafrealisados), chega ao commando militar de Cachompo. N'esta penosa marcha as grandes difficultades provinham da reluctancia dos carregadores em avançar, por medo do leão, que infesta as florestas que marginam alguns pontos do caminho a percorrer.

O pavor aos maleficios da terrivel fera é tal, que povoações inteiras se tem mudado para a margem esquerda do rio, ou

vão pernoitar a alguma ilhota do mesmo rio, para evitar assaltos nocturnos.

A superstição, corrente entre os indigenas, de que no corpo do leão se alberga a alma de algum regulo, faz com que estes evitem dar caça ao bicho, para evitarem males maiores.

Tal é a ferocidade com que é tratado o pobre preto pelos potentados zambezianos!

Para cortar embaraços á marcha, decidiu-se o commandante militar de Cachompo a mandar escoltar a caravana por seis soldados armados e bem municiados quasi até ás terras do Capitão-mór Sebastião de Moraes, ao tempo já fallecido, e representado por um filho, que fez as honras da recepção ao bondoso Prelado, sem faltar uma risivel charanga de pretos a tocar uma *marcha de D. Maria II*, segundo affirmava o hospedeiro.

No dia 19 chegava a Chidingo, no praso Panhame, onde egualmente foi bem recebido pelo Muzemgo Vicente José Ribeiro, em cujas terras falleceu ha annos um jesuita illustre, polaco de origem, chamado Padre Gabriel, o qual, sendo superior da missão de Boroma, e dirigindo-se ao Zumbo, para fundar alli um posto missionario, encontrou uma morte tragica junto ao Zambeze. Lá está no areal, a indicar o local onde foi sepultado por um irmão leigo que o acompanhava, uma resequida cruz. Este triste acontecimento provoca-lhe a seguinte maguada reflexão: «E' devido á nossa má administração que esta e outras victimas ignoradas nada de grande e importante deixam atraz de si».

No dia 20 chegada ao praso Araujo Lobo, o celebre Matacuenha, potentado cruel e violento, mas destemido e intelligente, apesar de preto, talvez com ascendencia indiana ou mesmo europeia, mui remota.

A hospitalidade com que foi recebido alli o Bispo de Himeria nada deixou a desejar.

Foi n'este ponto que o intemerato Bispo abandonou a margem direita do rio para passar á esquerda, onde está fundada, a uns 12 kilometros da villa do Zumbo, a missão de S. Pedro Claver, que queria visitar. Alli permaneceu quatro dias, mais para reparar as forças, do que para inspeccionar a missão, que, fundada recentemente, e tendo de luctar com a má vontade do Matacuenha que queria a concessão do praso Rissico, onde ella está creada, pouco tinha que inspeccionar.

A 24 de Agosto chegava, emfim, ao termo da sua viagem — a villa do Zumbo — como sendo o ponto do dominio por-

tiguez mais internado no sertão e distanciado do littoral, na Colonia de Moçambique.

Cabe incontestavelmente ao alto espirito de sacrificio de D. Antonio Barroso a gloria de ser o primeiro Prelado Bispo que poz os pés no Zumbo.

E' certo que um dos seus antecessores, o dominicano D. Frei Amaro José de Santo Thomaz, Bispo de Pentacomia, chegou a Tété, na sua visita pastoral á Zambezia; mas lá falleceu em 18 de Julho de 1801, não podendo, pois, proseguir, se era essa a sua intenção.

*

*

*

Chegado á villa do Zumbo, situada n'um lugar aprazivel nas faldas da serra Matemué, e a pequena distancia da foz do Aroangoa, eis o intemerato Prelado a visitar as ruinas da igreja do Convento em que Frei Pedro tanto se notabilizou entre os indigenas, e servem actualmente de cemiterio dos christãos.

Ainda hoje o preto, nas suas calamidades e desventuras, alli vae em romagem á sepultura de Frei Pedro.

Ha no Zumbo numerosos christãos, e todos os pretos pretendem sê-lo. Tão grande é o prestigio que o titulo de christão ainda hoje alli tem! Sem duvida, reminescencias da remota acção religiosa que intensamente os conventos alli exerceram.

Proximo ao local da antiga e celebre feira do Zumbo, mesmo no ponto de confluencia do Aroangoa com o Zambeze, hoje sob a soberania da Inglaterra, existem as ruinas duma outra igreja que o curioso Prelado tambem visitou, não sem commoção bem sentida do muito que alli fômos e do pouco que hoje somos.

*

*

*

Satisfeita essa aspiração imposta pelo seu zêlo apostolico, cuidou de deixar logo no dia 25 de Agosto esse ponto o mais distanciado do seu dominio espiritual, e descendo n'uma baleeira para o praso Rissico, regressa á missão de S. Pedro Claver,

onde já tinha estado, ao subir, para assistir no dia seguinte a uma festa religiosa, sendo a missa cantada n'um altar improvisado ao ar livre, para que todo o povo e *mozungos* do praso podessem assistir. De tarde conferiu o sacramento do chrisma a umas cem pessoas, incluindo uns sobrinhos do Matacuenha e os alumnos da escola official do Zumbo.

Como recordação d'esta visita á missão de S. Pedro Claver, foi-lhe offerecida uma cruz de Santo André, em cobre, encontrada n'uma cubata de pretos, o que incontestavelmente attesta que antigas missões alli floresceram.

No cumprimento d'uma promessa, feita ao subir, chegava no dia 29 ao Panhame, para benzer o tumulo do Matacuenha e alguns outros de pessoas de familia, encerrados n'uma casa expressamente construida para cemiterio da mesma familia, depois de removidos todos os utensilios alli accumulados, que haviam pertencido aos fallecidos e sob condição de não mais alli os collocarem.

No dia 31, vindo rio abaixo, chegou á povoação de Chingorizo, e, passando a noite no escaler, tocou na Aringa de Rofino de Carvalho, situada na margem esquerda do Zambeze. Ainda alli voga a tradição de ter existido uma missão sobre um monte em forma de meza.

Proseguindo a viagem pelo rio, em cujo areal celebrou missa, no dia 2 de Setembro, um pouco abaixo de Cachombo, chega a um ponto, em que o leito começa a estreitar-se e ericar-se de penedia, formando suaves cachões.

N'um sitio o rio comprime-se todo entre dois enormes rochedos, distanciados 10 metros apenas.

Como a navegação de Inamatute até Chicova offerecia serios riscos, seguiu o illustre viajante por terra.

Em Chicova, onde foi gentilmente acolhido pelo Capitão-mór Ignacio Xavier, tornou-se mister uma paragem para celebrar missa, e unir em matrimonio o dito Capitão-mór com a mulher que já era mãe dos seus filhos, havendo sido previamente instruidos nas principaes verdades da fé catholica.

Continuando a marcha, só com paragens onde era mister pernoitar, e ladeando uma das montanhas que comprimem o rio (a da margem direita) nos pontos em que elle fórma os rapidos de Cabora-Bassa, só no dia 7 de Setembro deu entrada na povoação de Massanangué.

D'este ponto para Boroma a navegabilidade do Zambeze não deixa de offerecer serios riscos, mas como o bello horrído

compensa, o ousado Bispo retoma a viagem pelo rio até á missão de Boroma, aonde aportou no dia 9, e presidiu a uma festa, no fim da qual administrou o chrisma a vinte pessoas.

A 14 entrava de novo em Tété onde se demorou apenas o tempo para chrismar umas cincoenta pessoas, e preparar-se para um outro empreendimento, que era, na sua alma de ousado patriota, uma velha aspiração.

Estava realiado o objectivo da visita ao Zumbo; mas os territorios portuguezes do Niassa atrahiam-no irresistivelmente. Gorada a tentativa, feita um anno antes, por difficuldades, que a sua vontade, apesar de tenaz e forte, não pôde vencer, fez de Tété o ponto de partida para novo tentamen que, d'esta vez, foi coroado de exito.

Antes, porém, de o pôrmos em marcha a caminho do Niassa, atravez do territorio inglez do Blantyre, parece-nos ter aqui cabimento uma ou outra impressão do intemerato e zeloso Prelado a respeito da Zambezia, colhida nos apontamentos da sua visita aos territorios marginaes do alto Zambeze.

Um facto, que sobremaneira affectou o seu espirito reflexivo e observador, foi a ausencia de idolos em todos os povos do valle do Zambeze; e, investigando acêrca da causa, nenhuma outra explicação encontrára fóra da influencia que antigas e florescentes missões religiosas por lá exerceram.

O culto dos espiritos — *mazins* — é o unico que lá se pratica. E' incontestavelmente o espiritualismo christão desvirtuado, atravez os tempos, pela suppressão de continuadores dos antigos missionarios.

Era tambem firme convicção sua que o marasmo, de que enfermava a rica região percorrida, provinha em grande parte da subalternisação de alguns commandantes dos postos militares aos potentados indigenas mais poderosos, que reconhecem a nossa soberania na proporção do valor dos *presentes* com que a auctoridade os vae segurando n'uma submissão apparente, que não real e effectiva, capitulando, pois, de *verdadeiros cancros* da região os *mozungos*, tanto pretos, como descendentes de brancos.

Dissertando sobre a fertilidade e produções do sólo, fazia consistir a sua principal riqueza em minerio, abundando, sobretudo, o carvão e o ferro magnetico, sem excluir no reino vegetal optimas madeiras em pau preto e pau ferro; *mas todas estas riquezas são perdidas, emquanto não houver quem as explore e meio facil de as transportar.*

No dia 17 de Setembro, deixando Tété e o curso do rio,

passa á sua margem esquerda, e orientou a marcha para nordeste, na direcção de Burga, e d'aqui avança para Chipanga até attingir as margens do pequeno rio Mejova; tudo á custa de esforços incontaveis; onde, porém, surgiram as maiores difficuldades, pela aspereza e invio dos caminhos, foi no tracto a fazer de Chipanga á fronteira de Blantyre. Todavia, apóz tres dias de penosa marcha, conseguiu chegar á margem direita do Chire, cuja passagem para a margem esquerda lhe offereceu não pequenas difficuldades.

Como compensação, teve na proxima povoação de Chicuana um captivante acolhimento feito por dois inglezes e um filho de Tété. No dia 21 celebrou missa em Chicuana, a que assistiram, com o maximo respeito e compostura, alguns inglezes, apesar de serem protestantes.

Na pequena cidade de Blantyre, aonde chegou no dia 25, hospedou-se em casa d'um hollandez, catholico, e, de passagem, foi estudando as engrenagens da administração d'aquella colonia sob o protectorado inglez, visitou os estabelecimentos da *African Lake's Company*, a qual, em principio, teve character missionario e propagandista, e hoje é empresa commercial de transportes e fornecimentos, mas, ainda assim, intimamente ligada á grande missão escoceza alli dominante, formando um só corpo com ella.

Cabe dizer-se aqui que os direitos de soberania da Inglaterra sobre esta região assentam apenas na propaganda religiosa alli feita por missionarios d'essa nacionalidade.

Na visita que o investigador Bispo de Himeria fez á missão principal foi bem acolhido pelo director.

A egreja da missão, ampla e magestosa, é um mixto de bysantino e gothico, com imagens e emblemas que o puritanismo escossez certamente reprovava, se os visse.

Tanto o internato como o externato da missão são numerosos.

São tres as missões filiaes que d'esta dependem, sendo uma d'ellas em Milange, em territorio portuguez, e outra nas proximidades do lago Niassa.

Ao lado da missão escoceza existe uma outra, em guerra aberta com ella, por causa da concorrência commercial. E' a chamada *missão industrial*.

No dia 27 abandona Blantyre e segue em direcção a Zomba, no sopé d'uma montanha, do alto da qual, em dias claros, se vê, nos confins do horisonte, o grande lago Niassa.

E' em Zomba que reside o commissario inglez.

No dia 29, a visita á missão protestante de Comassi, nas faldas da serra de Zomba, proporcionou-lhe o ensejo de vêr, tambem a distancia d'um ponto elevado da mesma serra, o lago Chirua, do centro do qual emerge um monte.

Interrompida a navegação do Chire pelo pequeno volume de agua que então tinha, e não havendo outro meio de transporte para chegar ao litoral do Niassa, teve de renunciar á satisfação d'esse *desideratum*, e regressar a Blantyre, onde o esperava a agradavel surpresa de se encontrar no dia 1 de Outubro com o Bispo Catholico de Tanganica, acompanhado de alguns padres e de cinco irmãs missionarias, por signal, as primeiras que iam exercer o seu apostolado na Africa Central.

Era uma ténue compensação á sua enorme contrariedade de não poder chegar ao grande lago africano.

No dia 4 de Outubro descia para Chicuana, fazendo parte do percurso a pé, não sem perigo de algum ataque do leão ou leopardo. Em Chicuana a inexgotavel paciencia do bondoso Prelado foi mais uma vez posta á prova com a falta de transportes, só podendo d'alli sahir no dia 7, embarcado n'um lanchão, sem o minimo conforto, na qual passou duas noites tormentosas, pelas febres que o prostravam, e mais ainda pela impertinencia d'uma nuvem de mosquitos, a que não havia meio de fugir. O supplicio só cessou com a chegada a Chilomo no dia 10, onde o esperava a semsaboria d'uma demora de seis dias, por falta de transporte.

Só a 16 surgiu a providencia salvadora d'um pequeno vapor da missão escocesa de Blantyre, o qual não podendo subir, á mingua de agua no Chire, teve de retroceder para Chinanga, povoação marginal do Chire, mas já portugueza. Na conformidade do aphorismo latino: *in canda venenum*, a viagem de Port Herold a Chinanga excedeu tudo o que possa conceber-se de flagellante e incommodo. Uma praga de mosquitos (*anophelis*), talvez preannunciando as primeiras chuvas da estação, invade o pequeno barco na noite de 17 para 18, não valendo ir fundear mesmo no meio do rio, nem acender varias fogueiras a bordo. A todos os meios de defeza resistiam os terri-veis e nocivos insectos, pondo em purpura a pelle dos passageiros, e isto á mistura com alguns encalhes do barco.

Ainda sob a impertinencia, mas já attenuada, dos incommodos mosquitos, conseguiu chegar no dia 20 á povoação de Chupanga, cujos campos acabavam de ser devastados pela voracidade d'uma nuvem de gafanhotos, o que deveras o contristou,

e a 21 desembarcava finalmente no Chinde o intemerato Prelado, em quem a coragem rivalisava com o espirito de sacrificio e abnegação, dando por finda aquella viagem de exploração e estudo aos pontos mais distanciados e menos accessiveis da sua vasta Prelazia.

Quatro longos mezes se consumiram na arrojada travessia, á custa d'um dispendio de energia, de paciencia e força de animo, de que poucos seriam capazes.

Valeu-lhe ao tão inflamado patriota, como zeloso Bispo, a sua robustez physica e mais ainda a sua confiança illimitada na Providencia, por quem trabalhava, e a quem offerecia as contrariedades soffridas. Nos revezes e contratempos da viagem, quer proviessem da falta de saude, quer de outra origem, a invocação de Deus era o baluarte a que sempre se abrigava, e era n'elle que a sua alma angustiada ia buscar consolação.

A sua fé, se não deslocava montanhas, era sufficientemente intensa para lhe não deixar vêr os perigos, ou para remover quaesquer temores.

Mas a Egreja e os seus homens, impregnados do verdadeiro espirito que a anima, não circumscrevem a sua acção benefica ao bem exclusivo das almas.

Tambem a relativa felicidade dos povos lhe merece solicitude e cuidados.

Nos intuitos do Bispo de Himeria, encetando e levando a bom termo a serie de viagens que fez em Moçambique, entrava o estudo de problemas, alguns bem complexos, que mais uteis se lhe ant'olhavam no sentido do desenvolvimento e progresso d'aquella importante colonia.

Nada escapou á penetração do seu olhar observador.

Riquezas vegetaes e mineraes, raças, sua maior ou menor adaptabilidade á civilisação, fertilidade dos terrenos e suas produções, regime dos prazos, deficiencias do functionalismo e processos antiquados de administração, todos estes assumptos lhe prenderam a attenção e constituíram uma parte importante do seu objectivo.

Só a 3 de Novembro de 1894 pôde desembarcar na cidade de Moçambique o Bispo de Himeria, por falta de transporte que tocasse mais cedo no Chinde.

Essa e outras demoras forçadas bastante attribularam o espirito do infatigavel Prelado, porque o chamavam á India os tabalhos d'um Concilio provincial, a que tinha de assistir, como Prelado Suffraganeo da Archi-diocese de Goa.

Por isso, mal refeitas as forças, e regularisadas as coisas na Secretaria da Prelazia, no curto espaço de dez dias, logo no dia 14 de Novembro embarcou para a India, aproveitando o ensejo para, em Dar-es-Salem, ir visitar a missão Catholica dos padres beneditinos, os seus dois internatos e o importante hospital para indigenas, o mesmo succedendo em Zanzibar com os estabelecimentos religiosos que os padres do Espirito Santo alli mantem.

Em Mombaça, que já foi nossa, não resistiu a ir visitar a fortaleza, que alli construíram os nossos maiores, recordando com intensa saudade o seu patriotismo, que o d'elle certamente egualava.

Talvez por culto á tradição, os seus actuaes possuidores, os inglezes, ainda conservam a antiga artilharia, egualmente portugueza.

D'alli aproou a Bombaim, grande e bella cidade, ainda que monotona nas suas construcções, na qual desembarcou a 11 de Dezembro.

Já fatigada a vista de horisontes liquidos, e solicitado pela urgencia de chegar a Goa, afim de dar principio aos trabalhos do Concilio, logo no dia 12 abandonou Bombaim, e fez a viagem por terra, admirando panoramas surprehendentes tanto na subida, como na descida, dos Gathes.

No dia seguinte, o comboio deixa-o em Mormugão, e um vapor costeiro leva-o a Pangim, onde já era anciosamente esperado.

Abertos os trabalhos do Concilio, aproveitou um ou outro intervallo que estes lhe concediam para ir até Velha Goa, onde a alma de patriota se lhe contrista em presença de templos magnificos ao abandono, taes como o vasto edificio da Sé, a

egreja do Bom Jesus, onde jaz o corpo do glorioso S. Francisco Xavier, e a de S. Caetano.

Tanto abandono e ruínas attestam bem o desconjuntar do grandioso edificio politico, concebido e architectado por Affonso de Albuquerque.

Tambem com que maguado sentimento elle recorda o que lá viu!!

« Apenas conegos e corujas residem em Velha Goa ».

Encerrados os trabalhos do Concilio, no dia 13 de Janeiro de 1895, nos quaes tomou parte preponderante, já pontificando, quando a sorte lh'o designava, já entrando nas discussões dos variados e complexos assumptos submettidos á resolução do mesmo Concilio, que rematou com uma imponente procissão, em que tomaram parte todos os Bispos assistentes, e o que em Pangim havia de mais serio e respeitavel, salientando-se o Governador Geral, que assistiu a todos os actos e solemnidades, com o maximo respeito e gravidade, cuidou o Prelado Moçambicense do regresso á sua querida Prelazia, onde a sua ausencia bastante se fazia sentir.

O seu desejo seria embarcar logo, todavia o paquete que o devia transportar a Moçambique foi forçado a uma demora de algum tempo nos portos da India, que o Bispo de Himeria aproveitou para visitar no Decan os varios pontos por onde se encontram dispersos, e não de todo apagados, varios padrões do homérico e aventureiro esforço portuguez no seculo XVI.

Visitou Madrasta, aonde tornaria a voltar como Bispo de Meliapôr, Cochim, Calicut e Cranganor.

Foi segundo todas as probabilidades, entre estes dois ultimos pontos que, em 1497, aportou Vasco da Gama. Testemunha-o uma igreja, ainda de pé, construida pelos portuguezes, tendo annexo um cemiterio, semeado de lapides com inscrições portuguezas.

Regresso a Moçambique

No dia 16 de Fevereiro de 1895 embarcava o Bispo de Himeria em Bombaim, e a 13 do mez seguinte aportava em Moçambique.

Apenas alli, o seu primeiro cuidado foi entrar em negociações com os trappistas da Colonia do Natal, no intuito de obter

elementos d'essa Ordem religiosa, que lhe permittissem a fundação de tres missões, e simultaneamente postos de colonisação, tão reclamados pelas necessidades espirituaes do preto e pelas exigencias que a civilisação moderna impõe ás nações coloniaes.

Infelizmente essas negociações, tão auspiciosamente começadas, e uma das suas melhores esperanças, fracassaram deante de obstaculos que a energica e tenaz resistencia do illustre Prelado não pôde vencer.

Essa contrariedade aos planos que elle afagava aggravou a doença que já o minava, e em breve o obrigaria a abandonar o theatro dos seus grandes esforços e sacrificios.

O seu coração de portuguez sangrava de dôr ao recordar o que viu e observou na sua arriscada viagem á Zambezia.

As sublevações dos pobres indigenas, provocadas quasi sempre pelos desmandos e incapacidade dos commandantes militares, obrigando a grandes despezas com expedições para as castigar e reprimir, poderiam evitar-se com dispendio muito menor, fundando e dotando missões religiosas que, pela persuasão doutrinaria, habitos de trabalho e trato alheio a violeñcias, captariam a sympathia e a submissão do indigena.

Nunca a violencia foi meio adequado a consolidar o reconhecimento perduravel d'uma soberania; e, por isso, os processos de colonisação, por nós adoptados, amarguravam sobremaneira a alma do bondoso Prelado pela sorte do pobre preto, sempre victima da crueldade dos Capitães-móres e Mozungos e do abandono moral e material a que tem sido votado pela mãe patria no sentido de promover, pelos meios mais adequados e economicos, a acção civilisadora do preto. E é por causa d'um preconceito, condemnado pela realidade dos factos, que já perdemos o enorme enclave ao sul do lago Niassa, trazido á soberania da Inglaterra pelos seus missionarios, e perderemos fatalmente o resto do nosso ainda importante patrimonio colonial, a continuar-se seguindo processos negativos de colonisação.

Regresso a Moçambique

No dia 16 de Fevereiro de 1895 embarcava o Bispo de Himeria em Himeria para Moçambique.

Um mez depois da sua chegada a Moçambique, de regresso da India, o Bispo de Himeria, sempre obsediado pela preocupação de bem fazer, apesar de adoentado, concebeu o humanitario

projecto de dotar a populosa cidade de Moçambique com um albergue ou leprosaria, no qual fôsem recolhidos os innumeros chaguentos e pustulosos, que enxameavam as ruas, aproveitando, para a realisação do intento, a festiva commemoração do Centenario de Santo Antonio, prestes a effectuar-se.

No dia 25 de Abril de 1895 expediu cartas de convite para uma reunião no seu Paço a todas as pessoas de cathegoria, e alli, com a sua habitual bonhomia e interesse pela causa dos desprotegidos, propõe e defende o alvitre d'essa fundação, pois convinha que a homenagem a prestar ao grande Thaumaturgo Portuguez, para ser proficua e de effectos duradouros, fôsse assignalada por essa instituição de caridade.

A ideia foi optimamente acolhida, e ainda se constituiu a Commissão Central e a sub-commissão, a quem incumbia angariar recursos; mas logo depois o despeito e a vaidade ferida, mettendo-se de permeio, não só fizeram gorar o plano, mas ainda encheram de semsaborias quem o concebeu. E tudo isto porque um dos assistentes não dispensava a gloriola de entrar na Commissão Central!

Salvou-se, ainda assim, a parte religiosa d'essa Commemoração Nacional ao Santo portuguez com uma solemnidade imponente na Cathedral.

Alguns dias depois, já em fins de Junho, alquebrado e perseguido a cada passo pelas febres, mas ancioso de conhecer bem o terreno em que mais conviria fortalecer o prestigio da soberania portugueza, abalançou-se ainda a ir percorrer uma parte da região que fica ao norte da ilha de Moçambique.

E', indubitavelmente, a zona da provincia em que a soberania portugueza é menos respeitada e reconhecida. Predomina o elemento mouro, refractario por indole e tradição á civilisação europeia.

A dois passos do littoral o nome e a lingua portuguezes são por completo ignorados.

Nada mais seria preciso para estimular no infatigavel Bispo de Himeria o desejo de a percorrer, procurando, nos centros mais populosos, captar o reconhecimento pelos indigenas da nossa auctoridade.

Durante oito dias por lá andou embrenhado, em visita á Matibane, á Serra da Meza e outros pontos. Em parte alguma foi desacatado, mas por vezes olhado com desconfiança e recebido com retrahimento; phenomeno tanto mais explicavel, quanto menor, senão nullo, tem sido o contacto dos habitantes da região percorrida com europeus e vice-versa.

Os estragos e maleficios do clima do Congo, durante oito longos annos alli vividos, acrescidos dos contrahidos em Moçambique, não podiam deixar de produzir em quem tanto se expunha, e a nada se poupava, os seus inexoraveis effeitos.

D'essa pequena e curta viagem regressou a Moçambique tão doente e anemico que o *veredictum* dos medicos impôz-lhe a retirada para Portugal, que teve de acatar, bem contra sua vontade.

Foi, pois, forçado a embarcar, sem perda de tempo, para a Europa, e no dia 23 de Setembro de 1895 desembarca em Lisboa.

Uma vez alli, retemperadas as forças pelo beneficio da viagem e ares patrios, servindo-se dos elementos colhidos na experiencia e observação directa, elaborou um relatorio no qual descrevia a verdadeira situação religiosa da sua Prelazia, e apontava veladamente os defeitos de que enfermava a administração d'aquella colonia, preconizando remedios que era urgente applicar.

Antonio Ennes, que foi um colonial distincto, dublé de litterato eminente, dedicava a D. Antonio Barroso verdadeira affeição e tinha em alto apreço o virtuoso Prelado.

Não era, certamente, uma inteira communhão de ideias que ligava tão intima e estreitamente aquelles dois homens.

Tambem o temperamento frio e rigido do primeiro não explica a sympathia e admiração que nutria pelo segundo, que era uma alma aberta e malleavel.

Seja, porém, qual fôr a explicação do phenomeno, é certo que elle se deu, como se deduz da carta que o auctor de *Os Lazaristas* lhe enviou de Lourenço Marques para Moçambique na occasião em que elle, já alquebrado e anemico, se preparava para a sua ultima travessia no sertão africano, da qual regressaria com a saude seriamente compromettida, exigindo uma sahida rapida para a Europa.

São do theor seguinte os termos da carta a que me reporto:

«Meu Ex.^{mo} Amigo. — Os meus trabalhos e especialmente «a guerra inibem-me de ir a Moçambique, o que sinto, princi-

«palmente por me privar da sua companhia, que tanto tenho
«desejado.

«Dizem-me, porém, que V. Ex.^a tenciona vir aqui; se
«assim é, peço-lhe que apresse a realisação do seu projecto e
«venha passar alguns dias commigo n'esta pacata residencia da
«Ponta Vermelha.

«Cá vou proseguindo nos meus trabalhos com muito maior
«esforço do que resultado. Tudo tinha chegado ao cumulo da
«desorganisação. De V. Ex.^a, etc. Lourenço Marques, 4-5.º-95.—
«*Antonio Ennes*».

Não permittiu o descalabro da saude ao heroico Bispo accei-
tar tão instante e amavel convite.

Era forçoso que elle deixasse, para nunca mais lá voltar,
essa região africana que lhe absorveu o melhor das energias, e
onde a vida e a sua batina de bispo missionario lhe ficaram em
farrapos pelas urzes dos caminhos tortuosos do sertão, em holo-
causto á religião, á sciencia e ao sentimento que n'elle primava
a todos — o amor da sua patria.

Talvez por isso, e apezar de tantos contratempos soffridos,
uma viva saudade de Moçambique o acompanhou sempre pela
vida fóra, mantendo, até á ultima, relações epistolares com
alguns missionarios d'aquella Prelazia, e desejando andar sem-
pre ao corrente do que alli se passava no tocante a movimento
religioso.

*

A indiferença, certas praxes legalistas impertinentes e a
mesquinhez dos governos da Metropole em secundar a acção
missionaria, onde ella se ant'olhava tão urgente e proficua ao
zeloso e abnegado Bispo e as tricas burocraticas das auctorida-
des provinciaes abriam brecha, uma por outra vez, no seu animo
varonil e sempre vibrando a nota do patriotismo.

D'aqui a necessidade de recorrer, nos momentos de maior
desalento, a expansões de desabafo com individualidades mar-
cantes na politica, como eram o Conselheiro Henrique de Barros
Gomes e o Conselheiro Antonio Ennes. Estes, porém, por muito
que desejassem attendel-o, e achassem sobremaneira justas e
cabidas as suas queixas, não podiam por si sós arcar com a res-

ponsabilidade de beliscar, ao de leve que fôsse, a centralisação feroz, em que o ministerio das Colonias e Ultramar mantinha as nossas possessões Ultramarinas.

Permitta-se me que transcreva para aqui a resposta a um d'esses desabafos, que lhe foi dada por Antonio Ennes, em carta de 17 de Junho de 1893:

«Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. e meu venerável amigo.

«Não recebi boas noticias da saude de V. Ex.^a, o que
«deveras lastimo. Poupe-se, tempère a sua abnegação e o seu
«zêlo, que tambem na Europa sabem encontrar ensejos de bem
«servir Deus e a patria.

«Anda agora travado no parlamento e na imprensa um
«debate que muito deve interessal-o. Pedese o restabelecimento
«das ordens religiosas, a pretexto das missões ultramarinas, e o
«tradicionalismo liberal reage contra o pedido. Sinto não poder
«ouvil-o sobre o assumpto.

«Por mim creio que será inconveniente tentar uma res-
«tauração que dividiria o paiz em dois campos armados, e
«parece-me que antes se deve emprehender a organização d'um
«instituto especial, ou de mais de um, que sob a direcção dos
«prelados do ultramar, eduque missionarios. N'este sentido estou
«elaborando um projecto, cuja copia lhe remetteria se o paquete
«se demorasse mais dois ou tres dias, para o submeter ao seu
«auctorisado criterio.

«Este projecto faz parte d'um conjuncto de trabalhos que
«tenho feito e continuo fazendo, para a reforma dos serviços
«publicos na provincia de Moçambique; só os faço, todavia, por
«dever de commissão e honra da firma, porque tenho a certeza
«de que serão desattendidos.

«E depois é muito provavel que nunca mais pense n'essa
«desgraçada provincia, porque já me convenci de que não posso
«luctar com influxos que a condemnam a ser ruina e desdouro
«da metropole. — (a) Antonio Ennes».

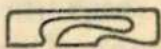
*

*

*

E' um triste conforto fazer compartilhar por pessoas que adoptam os nossos pontos de vista maguas que resultam da recusa e difficuldades que se levantam á realisacão d'um ideal que reputamos excellente; todavia é, ainda assim, um conforto.

Poupe-se e tempére a sua abnegação e o seu zêlo, aconselhava-se-lhe no documento acima transcripto; mas a força de vontade do grande luctador pela causa da civilisação africana impelliu-o, não para o descanso e para a amenidade do clima benefico e retemperante da Europa, mas para a trabalhosa e arriscada viagem ao Niassa, a que deu começo dois mezes depois; e isto apezar da affirmativa de que *não se podia combater com influxos, que condemnavam a provincia de Moçambique a ser ruína e desdouro da Metropole.*



O Bispo de S. Thomé de Meliapôr

Vagava entretanto a diocese de S. Thomé de Meliapôr, e o seu provimento não podia protelar-se, porque estavam pendentes irritantes questões de jurisdição com o Bispo de Trichinopoly, cuja causa era patrocinada por Mgr. Zaleschi, Delegado Apostolico, defensor nem sempre imparcial, dos interesses da *Propaganda Fide*, com prejuizo e menoscabo do nosso direito de padroado.

Cumpria pôr termo a esses deploraveis conflictos, que só em prejuizo da acção catholica redundavam.

Na solução e termo d'elles estavam, por igual, empenhados a Santa Sé e o Governo Portuguez; sendo portanto urgente a nomeação de pessoa que á energia, talento e firmeza alliasse criterio comprovado e invulgar lucidez de espirito.

Pelas provas já dadas no seu glorioso tirocinio de missionario e de Prelado, o Bispo de Himeria estava naturalmente indicado para essa espinhosa missão, reunindo-se n'elle todos os preditados requeridos.

A sua nomeação de Bispo de S. Thomé de Meliapôr, logo ractificada em consistorio de 15 de Setembro de 1897 pelo Santo Padre, foi pois levada a effeito, e em Maio de 1898, fazendo escala pela cidade dos Papas, embarcou em Lisboa com destino a Madrastra.

Em Roma, onde o grande Leão XIII o recebeu com carinhos e atenções muito para registrar, obteve as instrucções que lhe aplanavam o caminho para a honrosa solução dos varios

problemas e contendas que impuzeram a sua transferencia da Prelazia de Moçambique, onde a sua sahida abriu uma enorme lacuna, para S. Thomé de Meliapôr.

A' sua chegada alli, e no curto praso de quasi um anno, tudo se liquidou sem desdouro e sem prejuizo dos direitos do Regio Padroeiro.

Não obstante os estragos lentos, mas consemptivos, do clima africano, pela longa permanencia no Congo e em Moçambique, percorreu, inteira, a extensa diocese, resolvendo pleitos, remediando deficiencias e harmonisando rivalidades quasi seculares, e tudo á custa de difficuldades de locomoção quasi inverosimeis.

A sua visita ás quatorze egrejas do Maduré foi-lhe sobremaneira penosa pela aridez e excessivo calor que predomina na região, colhendo todavia a compensação de conciliar dissidencias antigas, que o Governo Portuguez e não menos a Santa Sé desejavam vêr terminadas.

Percorreu boa parte do valle do Ganges em visita ás missões de Calentá, expondo-se ás neblinas do grande rio, e aggravando, assim, o impaludismo trazido de Africa.

Eguaes disvelos lhe mereceram as missões de Bandel, Daccá e Nagory, onde a sua passagem foi assignalada por beneficios de monta. Reedificou e desenvolveu o Madras-Asylo (Orfanotrophio) que honra o nome portuguez.

Deve-se-lhe tambem a construcção de alguns edificios, em Nazapatam, para escolas que muito se desenvolveram e progrediram.

Reformou o curso preparatorio do seminario diocesano, ampliando e dando maior desenvolvimento aos estudos philosophicos, como base fundamental do curso theologico, ao qual acrescentou mais um anno.

Para á tudo estender a sua actividade, até a agricultura lhe mereceu cuidados, estimulando e animando o arroteamento dos terrenos contiguos ás egrejas, e pertenças d'ellas.

Onde todavia a acção intelligente e o tacto diplomatico do Bispo de Meliapôr se revelaram em toda a pujança, foi na questão dos *Camponds*, ou grandes adros, com o Bispo de Trichinopoly, e por este levantada, o qual, como bom francez, não via com olhos favoraveis as tradições e restos do poderio espi-ritual que Portugal ainda mantinha no Oriente.

Era o caso que elle se arrogava absoluto direito e jurisdicção sobre os terrenos adjacentes (adros) ás quatorze egrejas do Maduré, encravadas na área da sua diocese de Trichinopoly,

procurando impedir procissões e outras manifestações do culto, fóra dos templos. D'ahi uma infinidade de questões irritantes que dificultavam a acção pastoral do Bispo de S. Thomé de Meliapôr, a cuja jurisdição pertenciam as ditas quatorze parochias.

A patrocinar estas difficuldades, levantadas pelo Bispo de Trichinopoly ao de Meliapôr, lá estava em Colombo (Ceylão) o Delegado Apostolico, com o qual, e á custa de fatigantes viagens, D. Antonio Barroso teve de ir conferenciar tres vezes.

Chegando-se por fim a um accordo, ou concordata, em dez artigos, que só depois da sancção da Santa Sé seriam definitivamente obrigatorios, quiz o Bispo de Trichinopoly, sem duvida inspirado pelo Delegado Apostolico, emendar a mão, levando este ultimo a sua parcialidade ao ponto de fazer para a Nunciatura em Lisboa referencias menos justas ao Bispo de Meliapôr, ao tempo ainda na India, mas já nomeado, e confirmado pela Santa Sé, Bispo do Porto.

Prevenido do facto pelo proprio Nuncio em Lisboa, abrevia a sua partida da India, e dirige-se a Roma, onde foi logo recebido pelo Summo Pontifice no terceiro dia depois da sua chegada, ao passo que o Vigario Apostolico que essa ou outras questões, tambem trouxera a Roma, mendigava, havia um mez, uma audiencia do Santo Padre, a qual só lhe foi concedida dias depois de D. Antonio Barroso ter tratado directamente da questão, com o grande Leão XIII, informando-o minuciosamente de tudo o que se tinha passado.

A duplicidade do Vigario Apostolico deu-lhe em resultado, crystalizar no seu posto sem probabilidades de accesso, estancendo ainda hoje pela India na mesma situação, e D. Antonio Barroso sahiu de Roma para a sua nova diocese do Porto cumulado de affectos e attensões, que lhe dispensou o immortal Leão XIII, e as bases por elle lançadas no estudo d'uma questão tão complicada, tendo o *placet* e o bom parecer tanto da Santa Sé, como do Governo Portuguez, ainda não fôram substituidas, ou derogadas.

A tão assignalados serviços e benemerencias impunha-se merecidamente uma recompensa.

Quem, durante vinte annos, em climas inhospitos, tanto trabalhou fóra da sua patria, que tanto enalteceu, tinha incontestavel direito, n'ella, á gratidão nacional.

Reconheceu esse direito o Governo que então estava no poder, nomeando-o Bispo do Porto para a vaga aberta pelo

fallecimento do Cardeal D. Americo, no mez de Fevereiro de 1899.

A noticia da sua nomeação para a diocese do Portoprehendera-o n'uma d'essas peregrinações pastoraes, em que o bem espiritual das christandades era o principal objectivo, mas não o unico; o seu culto espirito comprazia-se no estudo e investigação dos usos, costumes, instituições, castas, crenças religiosas dos povos indús, fertilidade, produções do sólo e progressos agricolas, etc., etc.

A sua conversa, quando, principalmente, declinava para assumptos que se prendiam com as suas viagens, tornava-se de um interesse guloso, porque vinha sempre algum episodio instructivo a condimental-a.



O Bispo do Porto

Tendo de abandonar a Índia, para ir ocupar o novo posto, em que foi investido, e feita uma indispensavel paragem em Roma, para dar os ultimos retoques á solução honrosa das enredadas tricas, que tanto dificultavam a acção do Bispo de Meliapôr, chegou a Lisboa em meado de Julho de 1899, e no dia 2 de Agosto seguinte fazia a sua entrada solemne na cidade do Porto, onde os seus serviços e benemerencias eram por demais conhecidos e apreciados.

O renome, que já então o aureolava, preparou-lhe no Porto uma recepção que ficou assignalada nos annaes da capital do norte.

Já no trajecto de Lisboa ao Porto se havia formado um verdadeiro sequito de admiradores em torno do illustre Prelado, em sua homenagem.

Tudo o que eu aqui pudesse contar da recepção que lhe foi feita na estação de Campanhã, na egreja de Santo Ildefonso e no precurso processional até á Sé, seria uma pallida sombra da realidade.

Não foi só a elite portuense que occorreu a homenagear o Prelado, que a capital do norte recebia dentro dos seus muros; tambem o povo, em massa compacta, se associou á imponente manifestação de que os jornaes da epocha fizeram extensos relatos.

A sua entrada na diocese do Porto, e a recepção que lhe foi feita

Dos jornaes que ao tempo se publicavam no Porto — *A Palavra*, *O Commercio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, extractamos as notas seguintes:

« Verdadeiramente triumphal foi a entrada do novo Bispo do Porto.

« Estamos convencidos de que nunca a cidade do Porto fez, nem fará ao seu bispo um tão caloroso, tão sentido, tão entusiastico acolhimento.

« A alma popular, essa boa alma portugueza, vibrou comovida ao vêr passar, nas ruas do Porto, o glorioso filho do povo que, pela sua fé christã e pela sua dedicação cívica, conseguiu levantar-se á posição elevada, em que hoje se encontra. Era dia de trabalho; ainda assim, a multidão suffocava nas ruas.

« Se fôra domingo, como se chegou a designar, seria necessario alongar ainda mais o percurso do prestito, para que todos pudessem vêr o seu Bispo, tão anciosamente esperado.

« No dia 2 de Agosto de 1899, ás 10 e meia da noite, partiu o Snr. D. Antonio Barroso da estação da capital n'um *ragon-lit* com tres camas.

« A despedida, na estação central, foi, além de imponente, muito affectuosa. Fôram despedir-se de S. Ex.^a Rev.^{ma} os Snrs. Conselheiro Germano de Sequeira, Conego Castello Branco, Simões Margiochi, João Caetano de Almeida, Dr. Luiz José Dias, José de Alpoim, Conselheiro José Luciano de Castro, o Ministro do Reino, Eduardo Villaça, o Ministro da Marinha, Affonso Espregueira, Juiz Veiga, Dr. Eduardo Burnay, muitos socios da Mocidade Catholica, muitos funcionarios publicos e numeroso clero.

« A' partida do comboio fôram levantados muitos vivas ao venerando Prelado que, commovido, os agradecia.

« Incorporados no seu sequito, seguiram para o Porto os Snrs. tenente-coronel José Fernando de Souza — o erudito *Nemo* — e Petra Vianna, redactor do *Reporter*.

EM COIMBRA

« Quando o comboio chegou á estação de Coimbra, foi feita
« uma entusiastica recepção ao venerando Prelado, com vivas
« calorosamente correspondidos.

« Uma deputação de lentes da Universidade veio cumprir
« mentar S. Ex.^a Rev.^{ma}, e d'estes alguns — os Snrs. Drs. Fran-
« cisco Martins e Ribeiro de Vasconcellos, da Faculdade de
« Theologia, e Souza Gomes e Gonçalves Guimarães, da de Phi-
« losophia, acompanharam até ao Porto o illustre Prelado.

ATRAVEZ DA DIOCESE

Em Estarreja

« O comboio que conduzia o illustre Prelado chegou á esta-
« ção de Estarreja ás 6 horas e 22 minutos da manhã, vindo
« S. Ex.^a acompanhado do seu secretario, do vigario geral de
« Meliapôr, de Monsenhor Couto, parcho, de Quelimane, Mon-
« senhor Affonso Pereira, Santos Barroso, tenente-coronel de en-
« genharia, Snr. Fernando de Souza, jornalista de Lisboa, Snr.
« Petra Vianna, professor do Lyceu de Bragança, Padre Fran-
« cisco Manoel Vaz, parchos d'esta cidade: Mendes de Almeida,
« de Campanhã; Souza Alvim, da Foz; Moreira Maia, de Cedo-
« feita; Conselheiro Moreira Freire, de Santo Ildefonso; Nestor
« Gomes, de Massarelllos e Antonio Vallas, coadjutor da Sé.

« De Coimbra, além dos já mencionados, acompanharam o
« Ex.^{mo} Snr. D. Antonio os lentes Dr. Arzila, da Faculdade de
« Mathemática, Dr. Dias da Silva, de Direito.

« Na Pampilhosa tambem tomou logar no comboio o Snr.
« Dr. Manoel Homem de Mello, administrador do 2.^o bairro de
« Lisboa e filho do Snr. Governador Civil de Aveiro.

« Tambem na gare da estação d'esta cidade as auctoridades
« civis e militares e bastante povo aguardavam a chegada do
« Snr. D. Antonio para lhe levantarem vivas entusiasticamente
« correspondidos.

« Na estação de Estarreja, já nos limites da diocese do
« Porto, tocava a philarmonica de Murtosa, sendo n'essa occasião
« queimados muitos foguetes. Viam-se alli os snrs. deputado pelo

«circulo, administrador do concelho, secretario da Camara Municipal, conservador da comarca, vigario da vara do districto ecclesiastico da Feira, parochos das freguezias de Bunheiro, «Palmaz, Branca, Salreu, Canellas, Fermelã, Dr. Alexandre «Lobo, varios empregados publicos e muitas outras pessoas.

«Logo que o Snr. Bispo do Porto se apeou da carruagem, «fôram levantados calorosos vivas. Acercaram-se de S. Ex.^a as «pessoas mais gradas, beijando-lhe o annel e dirigindo-lhe affectuosas saudações. Em seguida, o illustre Prelado passou á sala «de espera da estação, sendo rodeado alli por muitos ecclesiasticos.

«O vigario da vara, Rev.^o Antonio de Azevedo Maia, exaltou o valor do Snr. D. Antonio Barroso, innumerando os relevantes serviços por elle prestados á religião e á patria. Fez «sentir o grande jubilo que lhe ia na alma pela nomeação de «S. Ex.^a para Bispo do Porto e, em nome do clero do districto «da Feira, deu-lhe as boas vindas, fazendo votos pela sua longa «vida.

«O Snr. D. Antonio Barroso disse sentir-se feliz por se vêr «rodeado do clero, em quem muito confia. Relativamente aos «seus serviços que eram engrandecidos com muita generosidade, «por quem d'elles tem conhecimento, disse ter dois fins grandes e nobres a cumprir: honrar e servir a religião e a patria «portugueza! Na diocese a que agora pertence, é chorado um «morto, prova evidente da dedicação que o clero lhe consagrava, «esperando, pois, encontrar a mesma afeição, afim de cooperar «com o clero na obra moral do bem, da honra, salvação das «almas e no amor da patria.

«O clero presente levantou um viva caloroso ao Bispo do «Porto, quando S. Ex.^a acabou de fallar.

«Seguidamente, entraram na sala as muitas pessoas que «aguardavam a chegada do Prelado, as quaes lhe beijaram o «annel.

«Apoz alguns minutos de demora na estação, seguiu o Snr. «D. Antonio em trem para o hotel Mattos, situado na Praça «Municipal, subindo então ao ar grande numero de foguetes e «tocando a philarmonica de Murtosa o hymno nacional.

«Depois d'um pequeno descanso no hotel, com a sua comitiva, foi vêr o edificio da Camara Municipal, onde se acham «installadas todas as repartições publicas. Visitou em primeiro «logar a sala do tribunal e suas dependencias, que lhe mereceram elogios, e foi alli recebido pelo Dr. Alexandre Lobo,

«Juiz Auditor do tribunal administrativo de Aveiro; e depois
«foi visitar as dependencias destinadas á vereação, sendo rece-
«bido pelo secretario. Passando ainda ao andar terreo, visitou
«tambem a Conservatoria, onde foi recebido pelo Dr. Moura
«Coutinho, Conservador.

«Ao sahir do magestoso edificio, aguardava o Snr. D. Anto-
«nio á porta muito povo, que se ajoelhava, procurando beijar-lhe
«o annel.

«Ao regressar ao hotel, já estavam collocadas duas mezas
«n'uma das suas salas, sendo o almoço servido pouco depois das
«10 horas da manhã.

«Na meza maior tomou a presidencia o Snr. D. Antonio
«Barroso, tendo á sua direita os lentes da Universidade Snrs.
«Drs. Martins, Ribeiro de Vasconcellos, Arzila e Dias da Silva,
«e o tenente-coronel Fernando de Souza, Conego Coimbra, Mon-
«senhor Affonso e Vigario Geral de Meliapôr. Em frente os
«Rev.º parochos de Campanhã (Porto) e o vigario da vara do
«districto da Feira. Na ala esquerda da meza, estavam os len-
«tes da Universidade, Drs. Gonçalves Guimarães, Souza Gomes
«e o jornalista Snr. Petra Vianna, o administrador do 2.º bairro
«de Lisboa, e os abbades da freguezia de Cedofeita e da Foz,
«Porto.

«Na segunda meza tomaram logar o deputado pelo circulo,
«o administrador do concelho e os representantes dos varios jor-
«naes do Porto.

«Quasi ao terminar a refeição, appareceram na sala o Snr.
«Governador Civil de Aveiro, Dr. Albano de Mello, Dr. Cos-
«gaya, D. Thomaz de Vilhena e Manoel Fructuoso da Fonseca,
«redactor da *Palavra*.

«Abriu os brindes o Rev.º vigario da vara do districto da
«Feira ao Snr. D. Antonio Barroso, a quem, em seu nome e no
«dos habitantes d'aquelle arciprestado, agradeceu a honra da
«visita do illustre prelado e a demora em Estarreja, terminando
«por lhe dirigir uma calorosa saudação.

«O Snr. D. Antonio, respondendo, manifestou o seu reco-
«nhecimento e alegria pelas provas de dedicação que recebeu,
«fazendo votos pela prosperidade de Estarreja, e saudou o seu
«clero, os seus habitantes e auctoridades.

«Seguiram-se muitos outros brindes, todos visando especial-
«mente o illustre Prelado D. Antonio Barroso.

«Por fim, o illustre Prelado do Porto encerrou os brindes
«com uma tocante allocução, agradecendo todos os encomios que

«lhe fôram dirigidos, e brindou, com enthusiasmo, á patria, «sendo este brinde correspondido com verdadeiro delirio por «todos os circumstantes.

«Durante o almoço tocou á porta do hotel a philharmonica «da Murtosa.

«Terminada a refeição, todos seguiram para a estação, «onde já se achava um comboio especial, que devia levar ao «Porto o venerando Prelado.

«Ao pôr-se em marcha o comboio, subiram ao ar muitos «foguetes, a philharmonica de Murtosa tocou o hymno nacional e «a multidão, que se aglomerava na *gare*, acclamou ruidosa- «mente o Snr. D. Antonio Barroso, levantando muitos vivas.

«De Estarreja ao Porto a viagem foi em toda a parte «triumphal.

Em Avanca

«A *gare* d'este apeadeiro estava embandeirada e a philar- «monica de Avanca alli se fazia ouvir.

«Na numerosa multidão que alli aguardava o comboio «encontrava-se o vigario da vara respectivo, alguns parochos e «seculares de representação. Houve beija-mão e á partida do «comboio, como tambem á chegada, foram levantados muitos «vivas e subiram ao ar numerosos foguetes.

Em Ovar

«A chegada do comboio á estação de Ovar foi annunciada «por uma girandola de foguetes e pelo hymno nacional, exe- «cutado pela philharmonica Ovarense.

«Na *gare* apinhava-se numerosa multidão, e, ao apear-se «S. Ex.^a Rev.^{ma}, tornou-se quasi impossivel o transito alli, para «chegar até junto do benemerito prelado.

«Magistrados, advogados, administrador do concelho, vereaa- «dores da camara, medicos, numerozo clero e grande multidão «de fieis, tudo alli compareceu a ovacionar o illustre prelado, «todos se comprimindo para lhe beijar o annel, na sala da «estação.

«Após curta demora, o comboio pôz-se em marcha, e ao

« chegar a Esmoriz uma recepção não menos festiva e carinhosa
« foi feita ao venerando prelado.

Em Esmoriz

« Ao avistar-se o comboio que conduzia o novo Bispo do
« Porto estralejaram no ar numerosos foguetes e tocou a banda
« de Murzelos. Encontravam-se alli numeroso clero, auctoridades
« e varias pessoas gradas, e os alumnos de ambos os sexos do
« Collegio do Sagrado Coração de Jesus, da Freguezia de Para-
« mos, entoavam um cantico religioso em honra do recém-che-
« gado; e á partida do comboio fôram levantados, como á che-
« gada, entusiasticos vivas.

Em Espinho

« N'esta estação a recepção foi altamente festiva, dando a
« nota mais viva do enthusiasmo as operarias da fabrica de
« conservas do Snrs. Brandão, Gomes & C.^a

« Ao apeiar-se da carruagem, cahiu sobre o Snr. D. Antonio
« Barroso uma copiosa chuva de flôres, no meio de calorosas
« saudações.

« Dado beija-mão no salão da Assembleia, partiu o comboio,
« repetindo-se eguaes saudações.

Na Granja

« Na estação d'esta praia era o Snr. D. Antonio Barroso
« aguardado pelo governador civil do Porto, pelo Rev.^{mo} Bispo
« de Bethsaida, pelo presidente e vereadores da Camara Muni-
« pal de Villa Nova de Gaya, pelo Dr. Antonio Moutinho, ao
« depois Bispo de Portalegre, e Dr. Lemos Peixoto, que alli
« fôram receber o novo Bispo do Porto e o acompanharam até á
« cidade no comboio especial.

« Tanto a chegada como a partida fôram assignaladas com
« grandes ovações.

Em Gaya

«Ao chegar o comboio á estação de Gaya encontrava-se
«esta apinhada de gente; e a corporação dos bombeiros munici-
«paes formada ao longo da *gare* com a respectiva banda, que
«tocou o hymno nacional.

«Logo que o venerando prelado desceu da carruagem, abor-
«dou-o uma commissão da Irmandade de Nossa Senhora das
«Dôres, de Santa Marinha, que leu, e a seguir entregou, a men-
«sagem que segue:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo do Porto. — A Commissão pro-
«motora do culto á Virgem Santissima, sob a invocação de
«Nossa Senhora das Dôres, do templo de Santa Marinha, d'esta
«villa, vem respeitosamente cumprimentar a V. Ex.^a Rev.^{ma} e
«dar-lhe as boas vindas.

«Aprove ao ceu escolher a V. Ex.^a Rev.^{ma} para pastor do
«rebanho catholico d'esta diocese, e isso encheu nossa alma de
«contentamento e de dôce esperança de que o zêlo apostolico
«que enaltece o nobilissimo coração de V. Ex.^a Rev.^{ma} ha-de ser
«o pharol que livrará do naufragio muita alma christã açoutada
«pelo vendavel da indifferença, ha-de ser o iman que attrahirá
«ao aprisco catholico muitas das tresmalhadas ovelhas.

«Que o altissimo permitta que esta dôce esperança seja em
«breve uma realidade, são os nossos mais ardentes votos.

«E beijando respeitosa e humildemente a mão de V. Ex.^a
«Rev.^{ma}, vos supplicamos a vossa benção.

«Villa Nova de Gaya, 2 de Agosto de 1899. — *A Meza.*

«Compareceram na estação varios industriaes com pessoal
«operario, commerciantes, direcções da creche de Santa Marinha
«e do Club de Villa Nova de Gaya, membros do Circulo Catho-
«lico de Operarios, alumnos do Collegio do Coração de Jesus,
«do Marco, etc.

«A' partida foi o Snr. D. Antonio Barroso alvo de caloro-
«sas saudações, como tambem á chegada. Ao passar o comboio
«na ponte Maria Pia, a fortaleza da Serra do Pilar salvou com
«vinte e um tiros.

NO PORTO

Na estação de Campanhã

« Na *gare* de Campanhã era enorme a multidão que espe-
 « rava S. Ex.^a o Snr. D. Antonio Barroso. Entre ella viam-se
 « os Rev.^{mos} bispo eleito de Meliapor e de Bethsaida, governador
 « do bispado, o cabido, professores dos seminarios do Porto e dos
 « Carvalhos, Camara ecclesiastica, do clero parochial e nume-
 « rosos ecclesiasticos da cidade e de fóra, e os snrs. governador
 « civil, secretario geral e empregados superiores do governo
 « civil, todos os vereadores da Ex.^{ma} Camara, Dr. secretario e
 « numerosos empregados do municipio, administradores dos bair-
 « ros, commissario geral e inspectores de policia, presidente e
 « juizes dos Tribunais da Relação, do Commercio, das varas
 « civeis e criminaes e respectivos delegados, procurador regio,
 « ajudante e demais empregados; directores e lentes da Acade-
 « mia Polytechnica, da Escola Medico-Cirurgica, do Instituto
 « Industrial e Commercial; reitor e professores do Lyceu Cen-
 « tral, director da Alfandega e muitos empregados superiores, e
 « pessoal dos Correios e Telegraphos, representantes da Asso-
 « ciação Commercial, Centro Commercial, Atheneu Commercial,
 « Associação Industrial Portuense e outras Associações Indus-
 « triais; da Liga dos Lavradores do Douro, Liga Agraria
 « do Norte, Associação dos Jornalistas, e de muitas outras de
 « Soccorros Mutuos e de Recreio, delegado do Thesouro, varios
 « empregados da repartição de fazenda, representantes dos Al-
 « bergues Nocturnos, direcções de Bancos e Campanhias, nume-
 « rosos Commerciantes, Capitalistas, Titulares, Corpo Consular,
 « representantes da Meza da Santa Casa da Misericordia e de
 « todas as Ordens Terceiras, Irmandades e de muitas Confrarias,
 « vice-presidente do Asylo de Villar, além dos representantes
 « de todas as outras Instituições de Caridade, bem como os
 « Albergados do Seminario dos Meninos Desamparados, Directo-
 « res e Engenheiros das Obras Publicas e dos Caminhos de
 « Ferro do Minho e Douro, o da Circumscripção Hydraulica,
 « general Luciano Cibrão e Ajudantes, Commandantes e Offi-
 « ciaes de Infantaria 6 e 18, Guarda Municipal e Guarda Fiscal,
 « Officiaes em Commissão, Directores do Observatorio D. Ame-
 « lia, Chefe do Departamento Maritimo do Norte, Officiaes da

«Corveta *Estephania*, Inspector Geral dos Incendios, Bombeiros Municipaes e Voluntarios, Centro Catholico dos Operarios do Porto, Associações de Classe dos Alfaiates e Fabricantes de Calçado, Associação Catholica, Mocidade Catholica, Officina de S. José, Associação dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos, com a sua Banda, á frente da Camara Municipal de Barcellos, Imprensa e immenso povo.

«A recepção que elle teve, o venerando prelado, não podia ser mais affectuosa, sendo entusiasticamente cumprimentado e felicitado, e dando-lhe todos as boas vindas.

«Terminada a recepção, tomou o illustre antistite logar no trem que lhe estava destinado, no meio de vivas saudações pelo povo que estacionava no largo da estação, e subindo ao ar, n'essa occasião, algumas girandolas de foguetes.

«Sua Ex.^a Rev.^{ma} tomou logar n'um trem tirado por cavallos brancos, e dirigindo-se acto continuo, para a egreja de Santo Ildefonso, acompanhado por cento e trinta carruagens, e o esquadrão de cavallaria 7, que alli fazia a guarda de honra.

No Templo de Santo Ildefonso

«A's 4 e meia da tarde chegou o Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso á egreja de Santo Ildefonso, no meio do estrallejar dos foguetes, dos repiques dos sinos, em todas as egrejas e do hymno nacional, executado por todas as bandas que se achavam nas proximidades.

«Extraordinario aspecto o que, n'este momento offerecia o Largo da Batalha e a rua de Santo Antonio.

«Fóra, fazia a guarda de honra um piquete de bombeiros municipaes. Dentro, achavam-se já bastantes corporações, o clero e seminaristas que, acto continuo á chegada, desceram ao largo a esperar o illustre prelado. N'este momento os operarios do Circulo Catholico ergueram muitos vivas a S. Ex.^a e á religião, effusivamente correspondidos.

«O Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso que vinha no carro acompanhado pelo Snr. Fernando de Souza, tenente coronel de engenharia, e redactor principal do *Correio Nacional*, conhecido na imprensa pelo pseudonymo de *Nemo*, e pelo Rev.^o Sebastião de Vasconcellos, revestia-se de capa magna e manto de arminho.

«Ao appear-se, beijou, ajoelhado, a cruz apresentada pelo
«Rev.^o Deão, estando presente todo o cabido que o esperava.

«O Ex.^{mo} Prelado, logo que entrou no templo, dirigiu-se
«ao altar-mór, onde fez oração.

«Em seguida, n'um gabinete préviamente arranjado na
«sachristia, dispoz-se para a paramenta e, voltando ao templo,
«tomou logar na cadeira episcopal assistido pelos Rev.^{os} conegos,
«conselheiro Soares da Motta, Alves Mendes, Cardoso Monteiro
«e Theophilo Salomão, os quaes o ajudaram a paramentar-se,
«collocando-lhe a capa de asperges e a mitra, bordada a ouro
«com pedrarias e fazendo-lhe a investidura do baculo.

«A's lavandas ministraram os Snrs. Gornernador Civil,
«presidente da Camara Municipal do Porto, presidente da Ca-
«mara municipal de Barcellos e o Chefe do Departamento
«Maritimo do Norte.

«Organisado o prestito, no qual superintendeu o Snr. Sei-
«xas Pinto de Lemos, empregado superior da Camara Muni-
«cipal, pôz-se este em marcha em direcção á Sé, indo o nobre
«prelado sob o pallio da Confraria do SS. Sacramento de Santo
«Ildefonso, a cujas varas iam varios ecclesiasticos. Ao chegar
«á porta principal do templo, o Snr. Lima Junior, presidente
«da Camara Municipal, já fóra da egreja, leu esta allocução:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. — Antigas leis s velhas praxes deter-
«minam que a Camara Municipal venha á presença de V. Ex.^a
«Rev.^{ma}, na sua primeira entrada solemne n'esta cidade, dar-
«lhe as boas vindas; cumpre gostosamente a Camara Municipal
«da minha presidencia a velha usança e preceito legal; cum-
«pre-a gostosamente porque vem, em nome da sua fé e em
«nome da fé da enorme maioria dos cidadãos portuenses, saudar
«em V. Ex.^a Rev.^{ma} o chefe supremo da Egreja portuense;
«cumpre-o gostosamente em nome de todos os municipes por
«vêr investido na suprema hierarchia da diocese portuense o
«missionario recém-vindo da nossa Africa, onde sempre diffun-
«diu com a religião de Christo o amor da nossa patria. Entraes,
«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr., na cidade da Virgem e na cidade da
«liberdade.

«O antagonismo, as luctas violentas entre a religião e a
«liberdade, que por vezes teem estalado em meio da nossa
«civilisação, não as encontrareis, felizmente, entre nós.

«Sempre pensámos que a emancipação do homem e a
«liberdade universal fulgiram pela primeira vez no Evangelho,

«e só lamentamos que transviadas paixões humanas hajam por
 «vezes desligado a liberdade das suas companheiras que Christo
 «lhe dera — a paz e o amor — e porque o lamentamos, a V.
 «Ex.^a Rev.^{ma} pede a Camara Municipal do Porto, em nome dos
 «cidadãos portuenses, que o exercicio do ministerio que V. Ex.^a
 «Rev.^{ma} hoje assume seja sempre norteado por essa gloriosa
 «triade evangelica — a liberdade, a paz e o amor — para
 «augmento do nome já glorioso de V. Ex.^a Rev.^{ma} e bem dos
 «fieis, em cujo governo V. Ex.^a Rev.^{ma} hoje é investido, e que
 «muito desejamos seja dilatado em tempo e abençoado em
 «fructos».

«O Ex.^{mo} Prelado, bastante commovido, respondeu com o
 «seguinte, que damos em resumo:

«Ex.^{mo} Snr. Presidente da Camara Municipal do Porto.
 «— V. Ex.^a, em nome dos representantes do povo d'esta
 «grande cidade, acaba de saudar no prelado o missionario sin-
 «cero e modesto, que se ufana de haver espalhado a luz do
 «Evangelho nas plagas africanas. V. Ex.^a sauda esse missio-
 «nario, que continua a pensar que a redempção da patria está
 «no nosso dominio colonial; V. Ex.^a sauda-me em nome da
 «tradição e dedicação que os portuenses consagraram sempre
 «aos seus prelados.

«Eu saúdo, em V. Ex.^a, Snr. presidente, a cidade do tra-
 «balho, da grande industria e do grande commercio; saúdo-a
 «no seu passado, no seu presente e no seu futuro; no passado,
 «por haver combatido em prol dos direitos do povo; no pre-
 «sente, pela sua riqueza e actividade, pela sua vida intelle-
 «ctual e physica; no futuro, porque vê no povo o mantenedor
 «das suas tradições e porque elle ama a liberdade e a expan-
 «são da religião, que se manifesta em tantas instituições de
 «caridade.

«Nas minhas orações exorarei a ventura do povo por-
 «tuense, e felicitar-me-hei sempre que tenha occasião de enxu-
 «gar as lagrimas dos que soffrem, e de dulcificar dôres, ou
 «cicatrizar as feridas da alma.

«São esses os votos do prelado que se consagrará ao bem
 «dos seus diocesanos, de alma, vida e coração».

«Eram 5-40 da tarde quando as varas do pallio fôram, á
 «porta da egreja de Santo Ildefonso, tomadas pelos vareadores

«da Ex.^{ma} Camara, e o cortejo se poz em marcha pela ordem
«seguinte :

«Tres soldados da Guarda Municipal montados, Asylo Pro-
«fissional do Terço, Officina de S. José, Estabelecimento Huma-
«nitario do Barão de Nova Cintra, com a respectiva banda de
«musica, Circulo Catholico de Operarios e Associações anne-
«xas, Associação de Soccorros Mutuos Maria Pia, Bandeira da
«cidade, Irmandades e Confrarias da Senhora da Silva, Nossa
«Senhora da Victoria, Senhora do Rosario de Lordello, Nossa
«Senhora de Campanhã, Senhora da Hora, da Capella de Fra-
«dellos, Escapulario de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Se-
«nhora do Rosario de Cedofeita, Santo Antonio da Porta de
«Carros, Senhora da Piedade e Senhora da Conceição, de Santo
«Ildefonso, Senhor dos Passos de S. João Novo, Nossa Senhora
«da Esperança, Extinctos Carmelitas, Devoção do Culto de
«Nossa Senhora das Dôres, de Gaya, Padroeiro de Santo Ilde-
«fonso, Nossa Senhora da Batalha, São Bento da Avè-Maria,
«Senhor Morto de Santa Clara, Almas de Massarellos, Almas
«de Santa Catharina, Almas de S. José das Taypas, São Chris-
«pim e Chrispiniano, Confrarias do SS. Sacramento de Para-
«nhos, Campanhã, Ramalde, Lordello, Victoria, Massarellos,
«Miragaya, Cedofeita, Santo Ildefonso, Devoção da Sé, Irman-
«dades e Ordens Terceiras da Lapa, Terço e Caridade, Carmo,
«Trindade, São Francisco, Santa Casa da Misericordia, Cadeira
«da Nobreza, Meninas Orphãs da Graça, Seminaristas, grande
«numero de ecclesiasticos e parochos das freguezias da cidade
«e de fóra, Bandeira de São Pantaleão e Cabido, seguindo-se
«o pallio, sob o qual ia o Rev.^{mo} Bispo D. Antonio Barroso,
«pegando ás varas o presidente da Camara, Snr. Lima Ju-
«nior e os vareadores Snrs. Conselheiro Wenceslau de Lima,
«Dr. Souza Avides, Isidoro Moura, Sampaio Baptista, Antonio
«Marinho, Victorino Larangeira e Dr. Francisco de Azevedo,
«e revegando-os os restantes.

«Atraz do pallio seguiam os juizes do Tribunal da Relação
«do Porto e da 1.^a Instancia, Professores de Estabelecimentos
«Superiores, incluindo os Lentes da Universidade de Coimbra,
«Pares do Reino, Deputados, Auctoridades, emfim todas as pes-
«soas distinctas. Fechavam o cortejo os regimentos de infantaria
«6 e 18, commandados pelo general Snr. Luciano Cibrão,
«seguindo-se no couce seis soldados de cavallaria da Guarda Mu-
«nicipal. Na Praça Almeida Garrett faziam a guarda de honra
«forças de cavallaria 7. Era admiravel a perspectiva do cortejo

«no percurso, durante o qual o Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso
«na magestade do seu elevado cargo, abençoava, sorridente, as
«grandes massas de povo. As barbas e o cabello quasi alvadios
«davam-lhe um aspecto de respeitavel bondade, que a multidão
«deveras apreciou.

Na Sé Cathedral

«A entrada no templo foi um d'esses espectaculos im-
«ponentes, que raras vezes se presenciam.

«A Capella Badoni executou um hymno triumphal, ajoe-
«lhando os membros das diversas corporações que alli se en-
«contravam, aguardando-o, e os ecclesiasticos entoaram trechos
«apropriados em acção de graças pelo facto de estar provida
«a cadeira episcopal portuense.

«Eram 6-40 da tarde quando o Ex.^{mo} Prelado chegou á
«porta da Cathedral, offerecendo-lhe o hyssope o Rev.^o Deão
«Dr. Soares da Motta, e aspergindo em cruz.

«Feito incenso foi S. Ex.^a, em seguida, incensado pelo
«mesmo Deão, que entoou o *Te-Deum*, durante o qual o ve-
«nerando prelado, junto ao faldistorio se conservou orando,
«assistido dos Rev.^{os} Conegos Alves Mendes, Cardoso Monteiro
«e Theophylo Salomão.

«Subindo depois ao altar, que osculou no centro, cantou,
«do lado da epistola, a oração da Padroeira da cidade, e deu
«a benção aos fieis e o Rev.^o Deão annunciou as indulgencias.

«A's lavandas ministraram os Snrs. Conselheiros Wences-
«lau de Lima, Corrêa de Barros, conde de Paçô Vieira e
«Dr. Ferreira Augusto.

«Recebendo a seguir o preito de obediencia do cabido e
«capellães, e feita oração na Capella do Santissimo, retirou o
«Snr. D. Antonio Barroso para o Paço, onde deu recepção ás
«numerosas pessoas que compareceram.

«Como se vê d'esta pallida noticia, não podia ser mais sin-
«cera, nem mais enthusiastica, a recepção feita pela cidade ao
«seu novo bispo. Este acolhimento deve ter enchido de jubilo
«o seu coração bonissimo, e deve ter-lhe provado quanto é
«grande a estima dos subditos d'esta diocese».

Como fecho d'este relato, transcrevo ainda uma das muitas
impressões que o seu aspecto venerando, não tanto pelos annos,

pois estava nos quarenta e quatro, como pelos estragos duma vida de insanos labores em climas inhospitos, suggeriu a um grupo de populares no tracto de Santo Ildefonso para a Sé — «Este bispo sabe bem o que é soffrer; por isso, podem contar com elle os desgraçados».

Era vasta a diocese que D. Antonio Barroso vinha pastorear, e não sem complicações o mechanismo da sua administração.

Além d'isso o seu arcaboço de athleta não pudera eximir-se ás influencias e estragos de climas malsins, em que lhe decorrerá uma parte importante da laboriosa vida; mas a sua capacidade de resistencia physica, ao serviço d'uma vontade de ferro soube e pôde sempre sobrepujar as difficuldades do elevado cargo, nos 19 annos que sobre a sua bem organizada cabeça pesou a mitra do bispado do Porto.

Assim, os seus trabalhos pastoraes tanto em instrucções escriptas, como de inspecção e visita ás parochias, denunciavam um zêlo que em nada desmerece do de missionario que no Congo e em Moçambique tanto se notabilizou.

Annualmente, ao menos até 1910, em que o jacobinismo triumphante o arredou do seu posto, condenando-o a um desterro que se protelou por tres longos annos, a sua palavra quente, affectuosa e impregnada de salutaes ensinamentos, era levada em pastoraes e provisões succulentas a todos os recantos da diocese, versando questões e pontos de doutrina, que a necessidade dos tempos mais instantes tornava, e o bem dos fieis exigia, nada omitindo para alimentar n'uns e despertar n'outros a fé e a crença catholicas, em que a ordem e o bem estar dos povos tem o seu grande ponto de apoio.

Era ordinariamente nos mezes que precedem o santo tempo da quaresma, a quadra mais apropriada para a reconciliação com Deus, que a solitudine pastoral do bondoso e sempre vigilante Pastor se explanava annualmente em ensinamentos preciosos sobre a penitencia, a eucharistia, o purgatorio, a necessidade de orar pelos mortos, a Bulla da Santa Cruzada, preceitos do jejum e abstinencia, a devoção rozariana, a catechese, o sacramento do matrimonio e o Dinheiro de S. Pedro, etc., etc.

O anno jubilar de 1900, e o quinquagesimo anniversario da definição do dogma da Immaculada Conceição deram-lhe ensejo de patentear em esplendidas pastoraes a sua filial dedicação á Santa Sé e a devoção fervida que tributava á Excelsa Rainha dos Anjos.

A pastoral de saudação, com data anterior ao acto da sua posse solenne, na qual elle appella e implora a boa vontade e auxilio de todos os elementos que, de qualquer fórma, possam suavisar-lhe o peso do seu munus, é todo um programma regulador da conducta que elle se propunha observar, e fielmente cumpriu, para com os seus novos subditos. «Podeis crêr, filhos carissimos, que o Paço do vosso Bispo ha-de ser o refugio dos vossos males». E se bem o disse, melhor o executou.

Não só manteve no mesmo pé e altura, sob os pontos de vista scientifico e disciplinar, os dois seminarios que ao seu antecessor, talento authentico de organisador e disciplinador, tantos cuidados e dispendios haviam merecido, mas ainda creou no curso preparatorio para o estudo da theologia a cadeira de Sciencias Naturaes, e fez adoptar a reforma do canto Gregoriano, á custa de despezas que teve de custear com a ida ao estrangeiro de dois presbyteros, afim de se aperfeiçoarem para o ensino do mesmo, como tambem, pelos seus cuidados, fôram notavelmente melhoradas as condições materiaes dos dois seminarios da diocese.

No dia do primeiro anniversario da sua posse, 2 de Agosto de 1900, annunciou a sua visita pastoral á diocese, e publicou as instrucções que a ella diziam respeito, dando começo, pouco depois, aos fatigantes e penosos trabalhos que lhe andam annexos.

Fazendo as experiencias das suas forças e energia, quiz principiar pelas parochias menos accessiveis e mais distanciadadas, como eram as que estacionam nos pendores do Marão e da Gralheira, nos districtos ecclesiasticos de Amarante e de Cambra.

No anno santo, ou jubilar, de 1900 fez a sua terceira visita *ad Sacra Limina*.

Ahi por 1908, sendo ministro da Marinha e Ultramar Augusto de Castilho, surgiu no governo a ideia de remodelar e dar feição mais moderna e pratica ao Instituto de Missões Ultramarinas, em Sernache do Bomjardim.

Para dar corpo a essa ideia foi nomeada uma commissão que, pondo de lado ideologias, redigisse um projecto de Estatutos baseado no conhecimento directo do que eram missões religiosas no Ultramar, e na competencia que só a experiencia podia dar.

A escolha recahiu, como não podia deixar de racahir, no ex-missionario do Congo e Bispo do Porto, em D. Antonio Barbosa Leão, ex-Prelado de Angola e no abalisado pedagogo Mar-

ques Leitão que era então director da Escola Industrial Marquez de Pombal, sendo o primeiro presidente, e o ultimo, secretario.

A commissão elaborou o seu trabalho, que a desvairada marcha da causa publica não permittiu effectivar, não perdendo, por isso, o valor que lhe imprimiram com a sua competencia e estudo os tres nomeados; e convencido estou de que, se, n'um futuro proximo ou remoto, vingar a necessidade, por todos reconhecida, de restaurar o Instituto de Missões Religiosas para o Ultramar, que o tufão revolucionario fez ruir, esse trabalho consciencioso será fatalmente aproveitado na sua totalidade.

Até 1910 a vida do Bispo do Porto decorrera-lhe absorvida pelos trabalhos pastoraes da diocese, sem attrictos de maior monta, antes cercado de attensões e respeitos que as suas benemerencias impunham á gratidão nacional.

Ahi por 1901, a quando da chamada questão religiosa, fôra D. Antonio Barroso, membro prestigioso e o mais novo do episcopado, designado pelos seus collegas para entregar ao Chefe da Nação uma mensagem em favor das ordens religiosas.

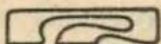
Este facto escandalisou o liberalismo indigena que na occasião se conteve, mas espreitando o ensejo de tirar o seu desforço.

Proporcionou-o um doutoramento na sala dos Capellos, em Coimbra, em que o Bispo do Porto figurava como padrinho do doutorando.

Pela primeira vez então viu esboçar-se, no acto da cerimonia, um principio de manifestação hostile, manobrada e dirigida na sombra por uma *personalidade gommosa e maneirenta*, á qual cabe a triste e tremenda responsabilidade de ter derrancado o espirito a algumas gerações academicas.

O caso todavia liquidou n'este tenue desabafo maçonico, logo suffocado pela maioria da assistencia com uma calorosa contramanifestação.

Foi, pois, no anno da graça, ou desgrça, de 1910 que a defeza dos direitos da Igreja, tão rudemente atacados pelo novo regimen implantado, abriu ao intemerato Bispo do Porto a via dolorosa que o conduziria ao desterro.



O primeiro desterro do bispo do Porto

Quando em 5 de Outubro de 1910 foi implantada a república em Portugal, as figuras de maior destaque, que, no novo regimen, empolgaram a situação, não traziam outra preocupação que não fôsse a de copiar o figurino francez de 1789.

A bem pouco se limitava a bagagem com que se apresentaram para o exercicio do poder, em que se investiram.

Os celebres «Direitos do homem e do cidadão», de que abarrotavam, absorviam toda a sua attenção e energias governativas; e o individualismo, gerado em taes principios, tinha de produzir, como em França, as suas naturaes consequencias.

Embaladas no influxo magico de palavrões sonoros e de effeito seguro, taes como: *liberdade, egualdade e fraternidade* — a augusta trilogia republicana — em opposição a outras que, por estafadas não deixam tambem de electrizar, taes como: *clericalismo, reacção, ultramontanismo*, etc., as massas populares, eternamente ingenuas, puzeram-se incondicionalmente ao serviço dos audazes e ambiciosos, dando em resultado a quantidade supplantar a qualidade, e a competencia ter de ceder ao numero, como succede sempre nas democracias.

Por isso, os primeiros golpes do governo provisório caíram sobre a Igreja e a acção catholica.

A Companhia de Jesus foi proscripta, as Ordens religiosas e Congregações dissolvidas, o ensino religioso desterrado das escolas, quasi todos os dias santos supprimidos para os funcionarios do estado e trabalhos escolares, o juramento religioso

abolido e o matrimonio christão ferido na sua indissolubilidade pela lei do divorcio, tão nocivo á estabilidade e constituição da familia; mais tarde, ainda em obediencia ao plagio do figurino francez, os bens da Egreja e as Congregações fôram declarados «bens nacionaes».

Perante tal accumulção de ruinas, as sentinellas de Israel — os Bispos portuguezes — não podiam conservar-se silenciosos; e, n'uma completa unidade de pensar e sentir, combinaram em publicar uma Pastoral Collectiva, na qual os direitos da Egreja eram defendidos e reivindicados.

Essa Pastoral que tem a data de 24 de Dezembro de 1910, por causas supervenientes, só foi publicada em fevereiro do anno seguinte.

Sendo esse documento um modelo de correcção e cordura, tanto na fôrma, como na exposição doutrinal, parece que nenhum entrave deveria surgir á sua publicação. Não atacava de qualquer fôrma o regimen, recentemente implantado, antes accentuava que a Egreja, sociedade perfeita e independente, póde viver com todos os regimens, ainda os mais avançados, quando o respeito mutuo anima os dois poderes — civil e ecclesiastico.

Explicava-se apenas aos catholicos os principios e doutrina da Egreja que tinham sido mais attingidos pela legislação civil, mas sem assomos de arrogancia e com uma moderação e delicadeza ao abrigo de qualquer violencia.

Pois não succedeu assim.

Impunha-se aos parochos, na propria Pastoral, a obrigação de a lêrem na estação da missa conventual, e nada mais legitimo, visto de instrucção religiosa se tratar.

Sob a invocação do pretexto de que o documento em questão não fôra submettido ao *placet*, apesar do novo governo ter rompido logo com a Egreja e rasgado a Concordata, em que o abusivo direito do *placet* melhor ou peor se fundamentava, o então ministro da justiça Affonso Costa, num lance de audacia, que lhe caracteriza o feitio, ou, talvez mesmo, para fazer um ensaio da força e popularidade, com que podia contar em futuros lances, prohibe aos bispos e parochos que a Pastoral fôsse lida, e isto com grande apparato de comminações.

Dir-se-hia que a existencia da joven republica estava dependente da inoffensiva leitura d'um documento puramente doutrinal, indicando apenas, com o maximo comedimento de linguagem, os aggravos mais fundos feitos pelo governo provisório da

republica á instituição divina da Igreja, cujos direitos aos bispos signatarios da Pastoral cumpria zelar e defender.

A violencia e o vexame avolumaram-se ainda pela circumstancia de a prohibição vir interromper a já começada leitura nas egrejas parochiaes d'algumas dioceses, visto que o documento era extenso, e essa leitura não cabia n'um só domingo.

Por temor ou prudencia, cedeu-se á imposição do aggressivo ministro da justiça, e a leitura da Pastoral foi sustada em todas as dioceses, menos na do Porto, cujo Prelado, sempre tão ponderado e acatador dos poderes constituídos, entendeu que devia manter a ordem dada aos parochos.

Seria essa attitude do pacifico e sempre reflectido Prelado uma imprudencia?

O futuro demonstrou que não.

As coleras do audaz ministro da justiça não desarmaram com a submissão dos outros Prelados a essa extravagancia do seu voluntarioso capricho, como mais tarde se viu em violencias que não puderam evitar, e tiveram de soffrer.

Todavia o Bispo do Porto foi a primeira victima da sanha jacobina do ministro omnipotente.

Pelos trabalhos e serviços, prestados ao paiz na Africa e na India, o nome do illustre antistite do Porto havia entrado na consagração nacional, e impunha-se do respeito e consideração de todos.

Era incontestavelmente *alguem* n'este meio, em que os homens de valor não abundam.

Talvez por isso, e porque as democracias, como o demonstrou E. Faguet no seu livro *O culto da Incompetencia*, são por essencia, adversas a tudo o que representa um valor individual, o prazer de deprimir e vexar o Bispo do Porto encontrou na pratica d'um acto, que só o dignificava, optimo ensejo de se saciar.

Era o caso das papoulas altas de Tarquinio o soberbo.

Ao mesmo tempo em que um *ukase* do ministro o intimava a, sem demora, comparecer no ministerio da justiça, era o illustre Bispo bloqueado, á ordem do governador civil do Porto, Paulo Falcão, por um cordão de policia, n'aquelle seu Paço, a que não mais voltaria, sob o fementido pretexto de o defender de algum desacato da população.

Na colisão de desobedecer ao ministro, que o intimava a comparecer em Lisboa, ou ao governador civil que pretendia

sequestral-o no seu Paço, optou pelo acatamento á ordem do primeiro, e pôde, vencidos os embargos da policia, tomar o comboio que o levou sem incidente a Lisboa.

Ao chegar á estação de Campolide, no dia 7 de Março de 1911, aguardava-o alli o automovel do proprio ministro que o chamava, no qual entrou e seguiu caminho para o ministerio da justiça.

A' passagem, porém, do automovel pela rua do Ouro, uma população desenfreada e fremente de coleras embarga-lhe o andamento, e aquella figura de Bispo, por tantos titulos respeitavel, assim exposta aos insultos, improperios e ameaças do populacho, nunca perdeu aquella serenidade só propria das consciencias fortes e limpidas, com grande espanto e admiração do emissario do ministro que, no auto, o tinha ido esperar á estação de Campolide.

A dois passos do ministerio da justiça fingiu-se a impossibilidade do vehiculo romper aquella massa de manifestantes assalariados, e retrocedeu-se para a residencia do autocratico ministro, onde, sob a presidencia do mesmo, e estando presentes o procurador geral da republica e dois ajudantes, se constituiu o conselho julgador.

Segundo a hermeneutica juridica d'aquelle tribunal *ad hoc*, o delicto do santo Bispo era grave a avaliar pela penalidade imposta.

Um decreto datado d'esse mesmo dia 7 de Março de 1911 « destitue o venerando Prelado das suas funcções de Bispo e governador da diocese do Porto, com prohibição absoluta de voltar a qualquer ponto do territorio da mesma diocese ».

Como premio de consolação, estabeleceu-se-lhe uma pensão annual de um conto e duzentos mil reis, a titulo de recompensa de serviços prestados no Ultramar, pensão que nunca quiz receber, apesar da falta de recursos com que, por vezes, luctava; e, passada uma noite no quartel general, para o eximir ás fúrias dos defensores do novo regimen, houve para com o bondoso Bispo a attenção de o enviarem para o Collegio das Missões Ultramarinas, em Sernache do Bomjardim, custodiado por um alferes.

N'esta localidade, que lhe foi designada para exilio, pouco tempo pôde permanecer, por motivo de acontecimentos anormaes, de que o mesmo Collegio foi theatro em 19 de Abril seguinte, vendo-se assim obrigado a ir asyalar-se na sua mais que modesta residencia de Remelhe, no concelho de Barcellos, e sua terra natal.

Faltava ao grande portuguez a aureola da perseguição, e o governo provisório da republica acudiu solícito a cingir-lh'a.

Nunca, porém, a aura de admiração que a sua bondade e relevantes serviços á patria lhe grangearam, attingiu maiores proporções.

Falliram por completo os intuitos de o abaterem.

A propria imprensa republicana, não enfeudada ao sectarismo, enalteceu o gesto que custou ao impavido e sereno Prelado tantas humilhações e vexames.

O *Intransigente*, jornal do fundador da joven republica, proclamava do alto das suas columnas que o Bispo do Porto cahira, mas « cahira de pé ».

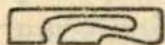
Fôram por centenas os telegrammas e por milhares as cartas que recebeu, exalçando-lhe o gesto varonil, digno dos Apostolos, de S. João Chrisostomo e de Santo Athanasio.

*

* *

Na sua thebaida de Remelhe o tempo escoava-se-lhe na simplicidade d'um viver de quasi anachoreta, dividindo-o e aproveitando-o sem perda d'um minuto.

Dois annos decorreram na tranquillidade da aldeia; mas a sanha jacobina ainda se não dava por satisfeita, e agarrou ás mãos ambas um frivolo pretexto para arrastar ao banco dos reus o Bispo do Porto.



*

O Bispo do Porto perante os Tribunaes

Pelo *ukase* de 7 de Março de 1911, que *destituia D. Antonio José de Sousa Barroso de Bispo do Porto*, e *lhe vedava definitivamente o voltar a qualquer ponto do territorio da sua diocese*, foi elle compellido a ir viver na sua casa de Remelhe, fazendo alli uma vida regulamentada de trabalho, sem se despreocupar do governo da diocese do Porto, em que superiormente intervinha, *apesar de destituído das suas funcções*.

A minorar-lhe as agruras do desterro que fundamente o affectava, porque o conservava afastado dos seus diocesanos, aos quaes devia amparo, doutrinação e assistencia, a sua thebaida de Remelhe passou a ser frequentadissima pelos numerosos admiradores das altas virtudes e bondades d'aquelle caracter de rija tempera, que, estoicamente, acceitava, sem um queixume, e sem recriminações, uma situação que só a violencia e o arbitrio lhe haviam creado.

Quizeram formar em volta d'elle o isolamento, e conseguiram apenas tornar conhecida do paiz inteiro a povoação obscura, onde se refugiára o grande perseguido.

Era constante a romagem para lá de gente de todas as cathegorias, e de toda a parte.

Do Porto, de Lisboa, de Braga, de Vianna, de Coimbra, etc., era raro o dia em que não appareciam visitantes.

Talvez por isso, e tambem porque o odio sectario não desarma nunca, os gansos do Capitolio Republicano estavam de atalaia, não fôsse caso que o decreto que expulsava e bania,

sine die, do Porto e seu districto o intemerato Prelado, fôsse violado.

Dois annos e mezes lhe haviam decorrido n'esta situação de desterrado, empregando o tempo que lhe sobrava dos seus labores epistolares e officiaes em combater os rotineiros processos agricolas dos seus conterraneos, quer pelo conselho, quer pelo exemplo, ensaiando culturas novas, e esforçando-se por desenvolver entre elles o espirito associativo, tão util á população dos nossos campos.

*

* *

N'este seu viver tão pacifico, surprehende-o a intimação secca e laconica d'um meirinho, para comparecer no tribunal de S. João Novo, no Porto, no dia 12 de Junho de 1913.

A Providencia, sem duvida para lhe exaltar os meritos e rebater a prepotencia dos seus perseguidores, quiz submettel-o a mais esta prova.

«Porque é que este homem, pergunta em pleno tribunal o abalisado jurisconsulto, Dr. Francisco Joaquim Fernandes, seu advogado, com uma larga folha de dedicações pela sua patria, e com lições de civismo tão flagrantes, que ninguem — nem mesmo aquelles que hoje se julgam optimos cidadãos — excedeu, porque é que este homem, que tanto tem honrado o seu paiz, prestando-lhe serviços relevantissimos que nunca souberam, puderam ou quizeram prestar-lhe aquelles que se arrogam a ingloria missão de seus perseguidores, porque é que este homem, que é o prototypo da humildade, o escravo do dever, a encarnação da bondade e da paz — violentado um dia a galgar vertiginosamente os degraus do seu paço episcopal, e expulso a toda a pressa da sua diocese, como se a sua convivencia fôsse nefasta, o seu contagio perigoso — é, pelo mesmo poder que o exilou, forçado a entrar hoje n'ella — não com as honras inherentes ao seu alto sacerdocio — mas chamado pela voz inexpressiva de um meirinho, para se defrontar com as justicas do seu paiz, e defender-se de quaesquer accusações que lhe movem?»

Fôra o nefando caso que o illustre reu entendeu que, sem desrespeito pelos poderes constituidos, e sem querer, de fórma alguma, illudir a pena de desterro que lhe fôra iniquamente

applicada pelo anti-juridico decreto de 7 de Março de 1911, podia ir á freguezia de S. Thiago de Custoias, nos suburbios da cidade do Porto, representar S. Santidade Pio X como padrinho de baptismo d'um neto do homem de bem e fervoroso catholico que foi José Joaquim Guimarães Pestana.

O facto incriminado era tanto menos para dar nas vistas dos zeladores da legalidade, quanto é certo que o acto religioso se celebrou na capella particular da casa, na qual o Estado nenhuma interferencia podia arrogar-se.

Não obstante os argus do regimen viram n'isto uma infracção grave ao celebre decreto de 7 de Março, e das instancias superiores baixou logo ordem para a instauração d'um processo.

A gratidão nacional, de que o processado era crédor por uma folha de serviços inegualavel, calcava-se a pés juntos, mas salvava-se a magestade da lei, com mais esta violencia.

* *

Notificado ao arguido a instauração do processo, esperava-se talvez que o Bispo do Porto interpuzesse recurso de injusta pronuncia, o que daria logar a um adiamento da causa e, no entre-tanto... viria a amnistia.

Se assim era, frustrados ficaram os intuitos.

Não lhe sobravam recursos para gastar em tribunaes.

Depois, era quasi de justiça que elle, o maior apostolo moderno do gentio africano, á semelhança de S. Paulo, o Apostolo do gentio europeu e Asiatico, comparecesse como reu perante Affonso Costa e os tribunaes, como deante do presidente Festus e dos magistrados romanos compareceu este ultimo.

Por isso, no dia marcado, que foi o 12 de Junho de 1913, não faltou no velho casarão de S. João Novo, no Porto, para ser julgado.

Podia defender-se por si, synthetizando a sua defeza n'uma simples pergunta aos seus julgadores: por qual das suas bene-merencias era arrastado áquelle logar? Não o fez.

Encarregou-se da defeza o eminente cansidico Dr. Francisco Joaquim Fernandes, amigo pessoal do illustre reu, o qual fazendo, com a sua reconhecida competencia de jurisconsulto a

analyse juridica do celebre decreto de 7 de Março de 1911, o esfrangalhou em pleno tribunal com bem pouca honra para a serenidade e competencia juridica do ministro que o redigiu, e para aquelles que o subscreveram.

«A pena que tal decreto comminava, disse o eminente advogado, na defeza do seu illustre constituinte, não existia na nossa legislação penal, e, contra os mais elementares principios de direito criminal, nasceu depois de realisado o facto incriminado; e, *por um incongrecente, arbitrario, anti-juridico e anti-scientifico criterio do legislador, teve logo os foros de retro-activa...*

Fustigada a precipitação e leviandade com que fôra redigido o celebre decreto de 7 de Março, que serviu de base ao processo que levou ao banco dos reus o venerando Bispo do Porto, o illustre advogado empunhando o latego da ironia, pergunta: «*e agora, senhores, que d'este fragil edificio (o processo) não ficou pedra sobre pedra; agora que toda esta accusação, que se apresentava com o aspecto d'um vulcão despedindo lavas inflammadas, não passa, afinal, de um vulcão vomitando cinzas frias, eu pergunto a mim mesmo qual o mobil que inspirou este processo?*»

«Habitudo a interpretar sempre favoravelmente as intenções alheias, não encontro outra explicação que não seja o desejo, por parte dos poderes publicos, de suavisarem as agruras do exilio cruel, a que condemnaram o meu respeitavel cliente!»

«Presentiram, e com razão, que o venerando pastor da Egreja portuense se ia deixando empolgar pela nostalgia da sua diocese; comprehenderam, por outro lado, que as suas ovelhas sentiam com igual intensidade a nostalgia do seu pastor!»

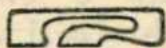
«Era necessario quebrar, por alguns momentos, este regimen odioso de separação forçada, em que todos viviam... E o meio era este: trazer aqui—sob a apparencia de um julgamento—mas, no fundo, sob a protecção valiosa da justiça—o santo e virtuoso Prelado, a quem todos tanto querem e tanto estre-mecem».

«E, assim, este dia virá a transformar-se n'um dos dias mais felizes da sua vida, pois veio fornecer-lhe a prova mais eloquente de que ha uma *diocese de onde não é possivel a ninguém, por mais forte e possante que se julgue, arrancal-o; é a diocese dos corações!*»

Nunca a palavra d'um advogado foi mais justa e verda-

deira, do que o foi n'este ultimo periodo a palavra do Dr. Francisco Fernandes.

Absolvido e illibado de culpa pelo tribunal, empreendeu, dias depois, uma viagem por França, Belgica, Hollanda e Valle do Rheno no estudo e observação de instituições e obras catholico-sociaes, que constituam uma das grandes preocupações do seu espirito.



Regresso do Bispo do Porto à sede da sua diocese

Nos primeiros mezes de 1914, decorridos tres annos de exilio, surgiu no parlamento, *de geração espontanea*, uma proposta para ser levantado o anathema, que arredava *in perpetuum* da sua diocese o Bispo do Porto.

A proposta foi admittida e votada, e a gloriosa victima teve o caminho aberto para voltar ao seu posto na cidade do Porto.

Como a prudencia e a serenidade eram o seu forte, entrou, quasi furtivamente, e ao cahir da noite, no dia 3 de Abril d'esse anno, acompanhado apenas de um padre e do amigo que o trouxe no seu automovel, de Remelhe para o Porto, evitando toda e qualquer manifestação que chocasse a sua modestia, e pudesse fornecer pretexto ao arbitrio imperante para novas violencias.

Mas o Porto, que é na sua grande maioria catholico, recuperava o seu Bispo tão ardentemente desejado, e o jubilo e o entusiasmo não conheceram limites no dia immediato ao da chegada e seguintes.

Durante quatro dias o palacete de Sacaes, que lhe foi preparado para residencia, tornou-se o centro de uma romaria, em que a cidade inteira tomou parte, sem exclusão de qualquer classe social.

O hebdomadario *A Ordem* publicou um numero comme-

morativo do festivo regresso, e os outros jornaes do Porto relataram minuciosamente a festival recepção.

Seguidamente, a diocese do Porto, em peso, pelos seus parochos, confrarias, irmandades e aggremações catholicas, vem apresentar, em mensagens e felicitações, o seu preito de admiração ao grande perseguido; o mesmo succedendo dos pontos mais afastados do paiz, aonde chegava o renome da illustre victima, tão mal recompensada pelas suas benemerencias á patria.

*

*

*

Restituido ao seu rebanho, e entrando na normalidade das funcções do seu alto cargo, faz o Bispo do Porto convergir grande parte da sua acção para o desenvolvimento e progresso das obras catholico-sociaes.

Já anteriormente ao seu primeiro desterro fôra desvelado protector da Officina de S. José, do Asylo de Villar, do Recolhimento das Meninas Desamparadas, do Recolhimento do Ferro, das Irmãsinhas dos Pobres e do Circulo Catholico de Operarios, o qual, reduzido a um montão de escombros pela furia iconoclastica da jacobinagem, pouco depois de implantada a república em Portugal, pôde renascer das proprias cinzas em 1916, graças á imponente commemoração do jubileu episcopal do sandoso Prelado, em 5 de Julho d'esse anno, com donativos obtidos á sombra, e a pretexto, d'essa solemnisção.

Logo em Dezembro de 1914 publicou duas Provisões sobre a Liga da Boa Imprensa aos Pobres, estimulando e recomendoando a sua propagação e desenvolvimento; e, em Provisão de 10 de Agosto do mesmo anno, fundou o *Boletim da diocese do Porto*.

Prestou valioso e decidido auxilio á fundação da « Associação dos Medicos Catholicos Portuguezes », e patrocinou desveladamente circulos catholicos de estudos, e associações de Juventude Catholica, Obra da Santa Infancia e a Associação Protectora da Infancia.

Em 1916, por sua iniciativa, abriu-se na diocese do Porto uma subscrição para auxiliar os padres que se alistassem como capellães militares no corpo expedicionario das tropas portuguezas, em França.

Nunca se arreceiando da pobreza propria, temia-a pelo seu clero; e, no intuito de conjurar situações angustiosas aos seus cooperadores, lançou os fundamentos á «Obra de Assistencia aos Clerigos Pobres», em Junho de 1916, e em documento de 18 de Janeiro de 1917 regulamentou-a e deu-lhe estatutos.

Perante os flagellos da fome e das doenças que assignalaram o anno de 1918, trazidos pela guerra e pela colera do céu, o coração condoído do caritativo Prelado, á falta de outro auxilio, que mui grato lhe seria distribuir, publicou, em data de 25 de Abril d'esse anno, uma interessante Pastoral, preconizando os cuidados que convinha prestar á agricultura e á hygiene.

*

*

*

Mas o espirito do mal perturba-se e irrita-se com a bondade assignalada do Bispo do Porto. A sua alma, omnimodamente bemfazeja, incommodava com a sua acção apostolica o sectarismo e a intolerancia que têm sido a caracteristica dos governantes da republica.

Sob o falso pretexto de que elle havia concedido tacitamente auctorisação a tres ou quatro piedosas mulheres de viverem em commum, na pratica dos conselhos evangelicos, em Villa Boa de Quires, com *menoscabos* da lei iniqua, que dissolvera as Congregações religiosas em Portugal, mais uma vez, pela pasta da Justiça, então sobraçada... por Alexandre Braga, lhe foi apontado o caminho do exilio para fóra do districto do Porto e de qualquer dos districtos limitrophes.

A' imperativa violencia correspondeu elle com a sua proberbial mansidão; e no dia 7 de Agosto de 1917 sahiu do seu Paço, quasi a occultas, para se esquivar a uma manifestação de protesto contra a injustiça que o feria, a caminho de Coimbra, lugar escolhido para cumprir o desterro, e onde, por falta de casa alugavel, teve de se albergar no desconforto d'um hotel durante os cinco mezes que alli viveu.

No intuito de poupar a mais esta prova o Prelado benemerito e já alquebrado de forças pelos annos e pela doença, tudo o que no Porto havia de maior representação na sciencia, na finança, na burocracia, no commercio e na industria, repre-

sentou em favor da illustre victima; mas a inflexibilidade capulosa do ministro da justiça a nada se dobrou.

Em abono da verdade deve dizer-se, ainda, que o então presidente da republica offereceu spontaneamente os seus bons officios para procurar sustar a penalidade, mas tambem estes resultaram inuteis.

No dia 8 de Dezembro d'esse anno, o malogrado Sidonio Paes conseguiu varrer a demagogia do exercicio do poder que ella tanto conspurcava, e um dos seus primeiros cuidados foi annullar o decreto oppressivo, que mantinha no desterro o Bispo do Porto, o qual a 20 do mesmo mez entrava sobrepticiamente no seu Paço de Sacaes, evitando cuidadosamente qualquer explosão de enthusiasmo, que tão desejado regresso podia provocar.

*

*

*

Todavia o poder da resistencia tem limites.

Por maior que fôsse o stoicismo christão que lhe serviu de escudo para serenamente aparar tantos vexames e humilhações, á conta de defender a causa da Egreja, esta ultima violencia feriu D. Antonio Barroso no mais fundo da sua energia.

Supportou-a, é verdade, com magnanimidade e resignação; mas no seu intimo muito a sentiu, e o seu organismo depauperado não pouco se abalou.

Por isso na doença, ainda que benigna, que mezes depois o victimou, pouca resistencia lhe offereceu, contra a expectativa do abalisado e solícito clinico, Dr. Gomes da Costa, que lhe foi assistente e luctou, quanto pôde, para o salvar.

Ao termo de quatro semanas de soffrimento indizivel, mas supportado com invejavel resignação e coragem, na madrugada de 31 de Agosto de 1918, entregou serenamente ao Deus que tanto amára, e por quem tanto trabalhára, o luminoso espirito que na vida terrestre só cuidou em praticar o bem. *Pertransiit bone faciendo.*

O infausto acontecimento ficou inscripto nos annaes luctuosos da cidade do Porto, que durante quatro dias cercou de homenagens e sentidos respeitos o cadaver do grande portuguez e grande Bispo, que foi D. Antonio Barroso.

Jaz em modesto tumulo, no cemiterio da humilde freguezia em que nasceu.



D. ANTONIO BARROSO

NO SEU SEGUNDO DESTERRO EM COIMBRA

Predicados intellectuaes e moraes de D. Antonio Barroso

Não passa pela minha acanhada mente focar, com exactidão e justas proporções, o luminoso espirito e diamantino coração que fôram a força dominadora e o talisman que deram a D. Antonio Barroso a superioridade incontestada que elle usufruiu no meio dos seus contemporaneos.

A tanto não chega a minha pretensão.

Isso, porém, não impede que eu borde ligeiras considerações sobre a mentalidade poderosa, que em D. Antonio Barroso se revelou n'um espirito claro e penetrante, n'uma vontade forte e n'um coração magnanimo e todo bondade.

Ainda que a vida movimentada que sempre viveu se não compadecia muito com as lucubrações de um estudo aturado, é indubitavel que D. Antonio Barroso foi uma individualidade superiormente culta, e bastantemente familiarisada com os varios ramos do saber humano, tanto nas sciencias sagradas, como nas profanas.

Na geographia, na historia, na zoologia, na botanica, na

geologia e ainda na litteratura os seus conhecimentos e saber eram invulgares.

A perspicacia e agudeza do engenho, auxiliada por uma memoria feliz e fiel, permittiam-lhe ingresso facil e franco em qualquer assumpto, quer fallando, quer escrevendo.

Não era, positivamente um tribuno; mas dispunha de grande facilidade de palavra, imprimindo um cunho de clareza e concisão notaveis no que expunha.

Nunca escrevia os seus discursos, sem que por isso a ordem e sequencia das ideias ficassem prejudicadas.

Tinha o condão de aproveitar, com felicidade rara, qualquer circumstancia de occasião para, sobre ella, architectar o discurso.

N'uma simples allocução a noivos, que elle unia em matrimonio, era, por vezes, eloquente, e um encanto ouvil-o descretear sobre a santidade do casamento catholico e a harmonia que deve sempre reinar n'um lar christão, revelando-se ao mesmo tempo um sociologo.

Como homem da sua epocha, era um panigirista do movimento associativo bem orientado, tomando parte activa na fundação, em Barcellos, de um syndicatò agricola, tendo annexa uma caixa de credito para os associados, que a ella carecessem de recorrer.

Abrilhou com a sua presença o acto da inauguração do syndicato, e, apezar do extranho do assumpto, espraçou-se em considerações technicas, que deixaram o auditorio surprezo e maravilhado.

Nunca, como então, a sua palavra me pareceu tão suggestiva e cheia de bellezas. E isto deu-se a pouco mais de um anno antes do seu fallecimento.

Era notorio e admiravel o seu poder de synthese.

Na presidencia de saraus litterarios, em sessões de abertura de aulas e de distribuição de premios, sem tirar um ligeiro apontamento, conseguia rematar sempre com um apanhado fiel e completo dos discursos que precediam o seu.

Os seus escriptos, dispersos em artigos que lhe eram pedidos para jornaes, e em prefacios de livros, abordando assumptos varios e de responsabilidade, sem fallar da sua obra pastoral, formariam volumes.

Nos seus relatorios de missionario no Congo, e exposições feitas ao Governo, quando Prelado de Moçambique, encontram-se disseminados dados scientificos que comprovam vastos conhecimentos em geographia e sciencias naturaes.

Todavia as fulgurações do seu talento, em confronto com a belleza moral que o aureolava, terão de ceder a primazia a esta ultima.

Dir-se-hia que a modestia, a generosidade, o desinteresse e a caridade fixaram em D. Antonio Barroso a sua morada, para fazerem d'elle uma figura moral unica no meio utilitario e egoista em que viveu.

Possuia algumas condecorações com que fôra merecidamente agraciado, sem comtudo as solicitar, antes pretendendo sempre declinal-as, porque a acceitação d'ellas e o correlativo pagamento dos direitos da mercê não lhe afagavam vaidades a que era alheio e, o que era peor, cerciavam o patrimonio dos seus pobres; pois nunca as ostentou em publico; e, apesar de ser largo o seu convivio e innumeradas as suas relações, pouca gente sabia d'essas mercês, tão justamente conferidas.

Sendo essencialmente communicativo, não fugia do trato com os grandes, mas tambem não repudiava nem evitava o trato dos humildes e pequenos.

A sua afabilidade e lhaneza distribuiam-se egualmente por pobres e ricos, por sabios e ignorantes.

Temperava por tal fórma o seu valor intrinseco com a modestia, que a ninguem afrontava em pruridos de superioridade, antes todos lhe reconheciam a sua.

Por um conjuncto de circumstancias de todos sabidas, foi D. Antonio Barroso altamente considerado no tempo do regimen deposto em 5 de Outubro de 1910.

Nymbava-o uma atmospheria de respeito e gratidão, a que lhe dava jus uma larga e brilhante folha de serviços prestados ao seu paiz; todavia com o advento do novo regimen, a situação de prestigio que elle gozava no meio dos seus concidadãos e perante os poderes publicos mudou quasi por completo, logo nos primeiros mezes de 1911.

O pendão republicano arvorou-se desde o principio em attitude de declarada hostilidade á Igreja, que era mister afrontar, e por isso o sectarismo turbulento e irrequieto escolheu para victima do seu odio o bondoso Prelado, como sendo um dos mais categorisados membros da Igreja portugueza, desterrando-o por duas vezes, e fazendo-o comparecer perante os tribunaes.

Nunca, porém, a sua bocca se abriu n'um desabafo contra os seus algozes e inimigos gratuitos, calando sempre os seus nomes, e recalcando para o mais fundo da sua alma generosa e soffredora qualquer assomo de indignação, aliaz legitima; antes

no meio de tantas attribuições, á semelhança dos Apostolos, dos quaes era authentic successor, *ibat gaundens a conspectu Concilii, quoniam dignus habitus est pro nomine Jesu contumeliam pati.*

Perfilhava e realisava na integra a maxima de Santo Agostinho — *diligite homines, interficite errores.*

Quando em Julho de 1917, por uma abjecta e miseravel denuncia, surgiu o minuscuro caso de Villa Boa de Quires, que tanto sobressaltou a pasta da justiça, então sobraçada por Alexandre Braga, e começou a despontar nos horisontes da *fraternidade democratica* a probabilidade de um segundo desterro para o santo Prelado, offereceu expontaneamente Bernardino Machado ao tempo presidente da Republica, os seus bons officios para que a ameaça, que a imprensa já annunciava, não se traduzisse em facto.

N'uma noite, estando por certo, ausente em Remelhe, aonde o levára o cumprimento d'um voto, feito por occasião da gravissima enfermidade que mezes antes o prostrára, o santo Prelado, telephonou-se da presidencia da Republica para o Paço de Sacaes, solicitando a chegada do bondoso Bispo ao telephone, pois que o snr. presidente da Republica tinha empenho e pressa em fallar-lhe.

Prevenido sem demora do desejo do mesmo presidente, regressou immediatamente ao Porto D. Antonio Barroso.

Ignoro nos seus detalhes o que se passou entre os dois, n'essa conversa pelo telephone.

O que é certo é que, com sinceridade ou não, o presidente da Republica não occultava um certo empenho em attenuar a dureza do golpe, que se dizia eminente e prestes a cahir sobre a cabeça d'aquella nobre victima do dever.

Com essa troca de impressões pelo telephone prende-se innegavelmente uma exposição dirigida ao mesmo presidente da Republica, parte da qual aqui transcrevo:

«Tendo constado pela imprensa que o abaixo assignado ia
«ser castigado a proposito do caso de Villa Boa de Quires, no
«Marco de Canavezes, diocese do Porto, e podendo haver duvidas sobre o sentido das palavras empregadas nas summarias
«declarações que fez, julga o signatario opportuno fazer as affirmações seguintes:

«Auctorizou a installação de tres senhoras, pertencentes a
«uma associação religiosa, canonicamente erecta e destinada a
«tratar do culto e doutrinação de creanças na egreja parochial
«da referida freguezia.

« Não lhe pertencia fiscalisar se esse numero era mantido, « mas sempre isso lhe constou.

« Como consequencia, auctorisou a celebração do Santo Sa- « crificio e outros actos do culto, no seu oratorio particular, « como o tem feito a todas as pessoas que assim o desejam.

« A existencia d'essas senhoras entregando-se áquelles mis- « teres era de todos conhecida, pois se não escondiam, e foi para « ellas uma surpresa que as auctoridades fizessem a descoberta « d'uma coisa que toda a gente conhecia e estimava.

« *Como Bispo Catholico acata os poderes constituidos e « muitas e muitas vezes tem prégado o respeito e obediencia ás « leis, quando estas não firam os direitos de Deus e da cons- « ciencia christã.*

« *Nunca praticou, e espera não praticar, acto algum de « hostilidade contra os regimens e leis do seu paiz; só lhes deso- « bedeceu e desobedecerá, quando essas leis invadirem a esphera « espiritual da Egreja Catholica.*

« *N'esse caso a obediencia seria uma cobardia, que espera « em Deus não commetterá.*

« No caso sujeito de Villa Boa de Quires diz-lhe a cons- « ciencia, e póde juridicamente proval-o, que não exorbitou, e « se conserva strictamente dentro da esphera espiritual do seu « poder e da doutrina da Egreja, de quem é Ministro.

« *Por ultimo toma o abaixo assignado inteira responsabili- « dade de tudo que escreveu nas cartas que, sendo particulares, « ignora como fôram publicadas na imprensa periodica»...*

Comtudo a tentativa presidencial fracassou, ou porque encontrasse pela frente a rigidez legalista do Ministro Alexan- dre Braga, ou porque fôsse uma mystificação pura e simples.

Dez dias depois de ser enviada ao seu destino a exposição acima transcripta, o santo Bispo deixava o seu Paço, a 7 de Agosto de 1917, para seguir, pela segunda vez, o caminho do desterro.

A' dureza do ministro, com que, mais uma vez, eram recompensadas as suas incontestaveis benemerencias ao paiz, respondeu o acerrimo defensor dos direitos de Deus com uma carta protesto nobre, levantada, mas serena, onde a sua alma de apostolo se revela em todo o seu brilho e generosidade, como se deduz dos poucos periodos que passo a transcrever:

.....

« Em toda a minha vida nunca fugi ao cumprimento dos deveres de cidadão portuguez, de padre, ou de Bispo.

« Recebendo o castigo que me foi imposto, protestarei contra a illegalidade do mesmo, e darei graças a Deus por mais uma vez *me julgar digno de alguma coisa soffrer*, por ter cumprido, tanto quanto possivel, com os meus deveres.

« De resto, qualquer perseguição á Egreja, ou aos seus ministros, *redunda sempre em beneficio da mesma e em desprestigio das instituições que a fazem.*

S. Pedro não hesitaria em subscrever os periodos transcritos, se tivesse de defrontar-se com os governantes da republica portugueza, como outr'ora se defrontou com o Conselho dos Anciãos, que lhe impunha silencio: *Obedire oportet Deo magis, quam hominibus.*

Que grandeza de alma, que compenetração dos seus deveres de Bispo, e que submissa resignação á vontade de Deus!

*

*

*

Na tarde do dia 2 de Agosto de 1918, anniversario da sua entrada solemne na diocese do Porto, sentiu-se ligeiramente incommodado D. Antonio Barroso.

O que, ao principio, pareceu uma simples indisposição de estomago resolveu-se, dois ou tres dias depois, n'uma febre para-typhoide com o seu cortejo de mal-estar e desasocgo que as affecções intestinaes d'aquelle character trazem sempre consigo.

Uma secura sem intermittencias, obrigando o doente a bochechos continuos, não lhe permittia cinco minutos seguidos de repouso.

A isto, que era muito, juntára-se uma diarrheia, que egualmente o sujeitava a frequentes evacuações e movimentos.

Diariamente, o desvelado medico assistente lhe limpava a bocca saburrosa com um pincel, á custa de vomitos violentos que o extenuavam.

Pois, apesar de tudo isto, nunca a placidez e serenidade de espirito o abandonaram. Na via dolorosa, que o resignado paciente levou quatro longas semanas a percorrer, só lhe foi ouvido este inoffensivo queixume: *«isto vae bem, diz o medico todos os dias; pois a mim parece-me que isto vae mal, e muito mal».*

Ha phrases que definem um character; e nos apontamentos particulares de D. Antonio Barroso encontra-se uma que retrata nitida e fielmente, no que toca a desinteresse, aquelle espirito superior e abnegado, sempre despreoccupado de si, e afanosamente preoccupado com o bem alheio:

«Désde que estou em Moçambique ainda não deixei de me empenhar, não obstante a mais rigorosa economia que reina n'esta casa; é signa velha dos portuguezes dar tudo a quem nada faz e quasi deixar morrer de fome aquelles que desejam trabalhar.

«Os meus antecessores pediram augmento de congrua, e não fôram attendidos; pela minha parte não pedirei, pela repugnancia que sinto em pedir para mim».

E todavia, desposando a Causa de todos os desprotegidos e necessitados que, em grande numero, e de toda a parte, recorriam ao seu valimento, difficil seria encontrar quem tanto pedisse, como D. Antonio Barroso.

Era inacessivel ao enfado sempre que de valer a alguem se tratava.

A' sua caridade sem limites repugnava responder a qualquer solicitação que se lhe fizesse, com essa palavra terrivel que, no dizer do grande Vieira, não tem direito nem avesso — o Não.

Cedia sempre. A todos procurava sorrir, embora á custa de um sacrificio proprio ou olheio. Por ambições de popularidade?

Mas como? se elle era a modestia personificada?!

Por fraqueza de animo?

Elle que em Africa arrostou e se expoz aos maiores perigos e, na defeza dos Direitos de Deus e da sua Egreja, se mostrou um gigante nas luctas que teve de sustentar com o despotismo e tanto o fizeram soffrer? Por bondade e só por bondade se explica o phenomeno.

A bondade era a sua força (ou fraqueza se assim se quizer).

A bondade era o fundo estructural d'aquella individualidade, que só no bemfazer se comprazia.

Foi por vezes victima de falsos necessitados?

Estando ainda quasi quente o seu cadaver, houve quem aventasse para a imprensa, á mistura com confrontos que, na

ocasião, nada vinham ao caso, a insinuação de que o pranteado morto fôra muito logrado, no exercício da sua inexgotável caridade, por suppostos indigentes. E' provavel que assim fôsse.

Mas para elle a caridade era cega, como a justiça.

Era a sua divisa: *fazer o bem sem olhar a quem*.

Sabia elle muito bem que Deus nosso Pae *solem suum oriri facit super bonos et malos; et pluit super justos et injustos* (Math. v, 45).

Sob a epigraphe — Bispo dos Pobres — e por ocasião da celebração do Jubileu Episcopal do saudoso D. Antonio Barroso em Julho de 1916, n'um numero da *Ordem* consagrado a esse festival, escreveu o Dr. Correia Pinto, com tanto sentimento como verdade, o seguinte:

«Levaram-lhe o Paço, as rendas da mitra, a propria cruz
«pastoral.

«Não houve contemplações de especie alguma com este
«*detentor* a beneficio dos pobres.

«Fez-se em muitas casas soturnas, frequentemente aqueci-
«das pela caridade do Snr. Bispo, uma queixa amarga, um
«protesto lamentoso. Mas em vão. Soluços e lagrimas de pobres
«são afinal coisas minimas, de que não conhecem nem curam
«triumphadores insolentes.

«Preoccupava-se com ellas, e muito e sempre, e do fundo
«do coração, o virtuoso Prelado.

«Santa imprudencia!

«Não lhe pouparam desgostos, quizeram-lhe mal, talvez por
«isso...

«Com um pouco do seu pessimismo doloroso, diz Pascal,
«nos *Pensamentos*, que os homens, não podendo manter a jus-
«tiça forte, procuraram tornar a força justa.

«Será assim em longes terras, por esse mundo em fôra...
«Entre nós, desgraçadamente, a força é rude e brutal, é só força.

«E o Snr. Bispo ficou apenas com o seu nobre e generoso
«coração, sem casa e sem rendas, quasi tão pobre como os
«pobres que soccorria.

«Os seus filhos espirituaes offereceram-lhe então uma pou-
«sada.

«Mal a conheceram, os indigentes para lá fôram, para lá
«vão ainda, pedir pão, agasalho, conforto, as boas e santas pa-
«lavras que só elle sabe dizer, — pedir até por vezes o impos-
«sivel!

«E' que faz bem pedir, seja o que fôr, quando uma alma
«compadecida nos escuta e nos attende. Encontra-se um pouco
«de alivio n'esse instinctivo e sincero desafogo. E o Snr. Bispo
«dá sempre. Parece que a par e passo que lhe *dilata o coração*
«— a palavra é de S. Paulo, — a caridade lhe multiplica prodigiosamente os recursos incertos e reduzidos.

«E' por isso que, entre os pobres, que fazem parte, como
«diz Taine, da *grande federação das dôres*, a romaria para
«casa do Snr. Bispo não cessa. E' o caminho da esperança, ás
«vezes da ultima esperança...

«Vêem-se até, frequentemente, na mão dos pobres recommendações, palavras do virtuoso Prelado. São esmolas...

«Confesso que nunca as leio sem me commover profundamente.

«E' a alma do Prelado, amoravel e carinhosa, que passa
«pelas ruas da cidade a facilitar o caminho dos seus filhos mais
«desgraçados...

«Inspirado pela caridade, que lhe abraçou sempre o coração, o Snr. D. Antonio Barroso resolveu fundar uma obra de
«assistencia aos clérigos pobres.

«Não o sabias, leitor?

«Pois é verdade. Ha padres pobres, pobrissimos por honra
«da sua fé e da sua consciencia.

«Fôram encontrar no declinar da vida, quando menos o
«esperavam, a dolorosa surpresa da miseria.

«Quando o Snr. D. Antonio Barroso acabou de esboçar,
«commovidamente, o plano da sua obra, n'uma reunião de
«parochos da cidade, uma voz obscura e simples, afeita a não
«trahir os impulsos do coração, disse-lhe palavras de muito reconhecimento que todo o clero da diocese do Porto não teria
«duvida em perfilhar.

«Bem haja o Bispo dos pobres!

«N'um gelado dia de inverno, D. Fr. Bartholomeu dos
«Martyres privou-se do seu *mantéu* de agasalho para n'elle
«envolver um pobre clérigo que tinha vindo de longe e teritava
«de frio.

«Foi em Braga, ha muitos annos, n'uma hora para sempre
«bemdita na historia da caridade...

«Ha um gesto igual — sagrado e resplandecente na obra
«pia, a que o Snr. Bispo acaba de ligar o seu coração e o seu
«nome. Bem haja o Bispo dos pobres».

Ainda por ocasião do mesmo festival do Jubileu Episcopal de D. Antonio Barroso, e no numero do jornal consagrado a commemorar as benemerencias e virtudes de tão inclito Prelado, um outro seu admirador, o Dr. Castro Meirelles, n'um estylo, em que as bellezas só têm a egualal-as a delicadeza do sentimento, escreve o seguinte:

« Destaca-se a figura moral do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso pela bondade.

« Já se faz um proloquio...

« Quando precisarmos d'um *simile* perfeito que bem caracterisê esta delicada flôr d'alma — a bondade — temos de recorrer ao insigne Bispo do Porto.

« E' bem merecida esta consagração. A imaginação popular até já rodeou a sua personalidade com os delicadissimos poemas da lenda, que sómente é lenda para a nossa sociedade verminada pelas ruins sementes da hypocrisia e doblez...

« Alma de Santo, e d'esta maneira a virtude nas suas multiphas fórmias, iriza-lhe todo o ser moral, assentando arraiaes no seu coração e refulgindo na sua fronte de vidente, propheta ou patriarcha...

« E' que a bondade, quando viceja ao sol da fé e aos orvalhos da graça, é uma seiva espiritual que percorre todo o ser sem deixar recanto, onde se não aloje com a sua comitiva de fulgores e encantós. Por isso mesmo é que o bom não se sente fatigado no caminho aspero da virtude.

« E' a sua atmospheria, o seu ar e meio de existência.

« Eis a explicação dos prodigios de virtude do Snr. D. Antonio Barroso.

« A sua simplicidade confunde os gestos theatraes d'uma sociedade *snob* que pratica a *virtude* segundo uma etiqueta rigorosamente complicada.

« E' a imitação de Jesus.

« A sua palavra não tem refulhos e as paisagens da sua terra são o livro immenso onde reza orações a Deus e á Patria.

« E' isto a bondade...

«Em nada artificio e em nada esforço...

«Chegou áquelle sublime cume da perfeição em que a virtude se tornou quasi *inconsciente* á força de se repetir em *actos conscientes*.

«E' o seu ser moral, illuminado de bondade, semelhante áquella arvore do Psalmista que está plantada junto ás aguas correntes.

«Sempre verdejantes os seus ramos, sempre frescas as suas flôres, sempre deliciosos os seus fructos.

«A bondade é um par de grandes azas brancas que a sua alma possui e que a leva continuamente, e sem esforço, para o ceu lindo das nossas eternas esperanças, onde melhor bondade havemos de gozar...

«Ainda por esta razão a bondade é a liberdade da alma no meio das sollicitações variadas do mundo peccador.

«Póde a dialectica esteril não lhe definir os contornos e até achar, na espontaneidade da palavra e da acção, alguma coisa de censuravel, mas uma intuição profunda das consciencias tributa homenagem a esta belleza suprema do coração.

«E' a unica soberania cujo sceptro o mundo nunca esmigalhara...

«Quando John Ruskin descreveu a felicidade pela simplicidade da vida, parecia ter retratado na mente a figura nobilissima do venerando Bispo do Porto.

«A sua fronte está realmente coroada de oliveira silvestre, que é planta dos deuses, não pelos fulgores da folhagem, nem pela belleza dos fructos, mas pelo oleo delicioso que serve ao culto da propria divindade.

«E' assim a bondade de Sua Excellencia Reverendissima o Snr. D. Antonio Barroso.

*

* * *

Prendendo-se ao mesmo thema, mas certamente mais expressivo, por estar ao abrigo de toda a suspeita de lisonja, é o artigo publicado em fundo, no ponderado e circumspecto jornal — *O Commercio do Porto*, escripto dez dias depois do fallecimento do virtuoso Prelado do Porto, no seu numero de 10 de Setembro de 1918, o qual na integra aqui transcrevo.

Segue o artigo:

«A caricia da bondade alheia deslisa sobre nós deixando-nos sempre a impressão dôce de um beijo de creança.

«Ensinou Jesus que é melhor ser muito bom do que mui justo, e elle proprio praticou esta doutrina, em toda a sua vida e até, quando attendeu o seu discipulo Thomé, condescendendo em que elle visse as chagas e mettesse n'ellas a mão e os dedos para se convencer da verdade da sua Resurreição.

«A bondade que deve sobredourar todos os nossos actos, até em politica, não pôde ser excluida, porque é força emanante do homem, capaz de attrahir outros homens.

«Ao sopro das paixões más, aos golpes do odio feroz, não se organisam sociedades; desconjuntam-se e perdem-se.

«E' lição, sobejamente averignada, de todos os tempos.

«Porque assim pensamos e porque assim sentimos, reconhecemos que a nossa pena de chronista politico é hoje dominada por uma caricia de bondade, que nos vem de paragens, onde menos conseguiu a politica assentar arraiaes.

«O que ha de mais austero é precisamente o que nos domina com o seu nymbo de bondade.

«A figura barbada do missionario, que lidou annos e annos, empenhando a vida ao serviço da Patria e da Religião; a do Ministro da Egreja, cuidando sem cessar de a defender contra as arremettidas da iconoclastia, e servindo-se n'essa defeza não de armas que ferem e fazem sangue, mas de palavras de convencimento e amor que fazem adeptos — essa figura singular é a que, por uma indomavel approximação da politica, nos avasala, ao traçarmos hoje esta chronica semanal.

«E' a figura — todos o adivinharam já — empolgante e dominadora, generosa e santa, veneranda e biblica de D. Antonio Barroso, Bispo do Porto.

«A sua morte serviu aos politicos, simultaneamente, duas lições, qual d'ellas mais eloquente e mais severa:

«Demonstrou-lhes que o homem perseguido pela inquebrantavel fé nas doutrinas do seu ministerio Augusto não perdera nada d'aquella bondade ingênita que foi o seu grande predicado e d'aquella abnegação heroica que foi o seu grande apogio de pastor de almas.

«No seu pobre testamento, feito mais para legar bons ensinamentos, do que para legar bens, lá o diz: *De todo o coração e deante de Deus perdão a todos os que voluntariamente me offenderam.*

«Demonstrou-lhes também, aos políticos, a morte do grande
«prelado que um povo essencialmente bom, como o povo portu-
«guez é insusceptível de ser desviado do caminho da bondade,
«por mais que o pretendam desvairar e arredar d'esse caminho.
«Os milhares e milhares de pessoas, de todas as classes e de
«condições diversas, que fôram ajoelhar deante do corpo do
«sacerdote que nasceu humilde, e humilde quiz viver — *nasci*
«*pobre, nunca fui rico e pobre quero morrer* — não eram
«attrahidas pela vã ostentação de serem vistas, mas pelo acri-
«soladô empenho de deixarem n'essa reverencia e em lagrimas
«de commovido preito a homenagem devida a quem só fez bem
«e a quem não reparou nunca em que as alcatifas herdadas ou
«doadas dos seus paços fôsem conspurcadas pelos pés mal cal-
«çados dos que nasceram tão pobres como elle.

«Para conquistar esse amor do povo nunca o grande Bispo
«soube, ou quiz, lisongear-o. Intelligente como era, bem sabia o
«que succedeu a Curcio e a tantos outros; bem conhecia a dou-
«trina do phylosopho quando escreveu:

«*Que coisa ha mais louca do que lisongear cobardemente*
«*o povo para ganhar honras; comprar os favores da plebe*
«*por meio de prodigalidades; exultar com as suas acclama-*
«*ções venaes; dar-se triumphalmente em espectaculo como um*
«*idolo, ou plantar-se mesmo no centro do Forum, como uma*
«*estatua de bronze?*

«Tantos seculos, vão passados sobre estas palavras e, to-
«davia, ellas parecem escriptas para os nossos tempos!...
«D. Antonio Barroso nunca soube o que era lisongear as
«multidões.

«Lá no sertão da Africa não chegavam os olhos de gente
«esclarecida que lhe pudesse apreciar os sacrificios e espalhar
«a fama dos serviços á Patria e á Religião. Nos seus paços
«episcopaes não se rodeava da grandeza que deslumbra, nem
«fazia ostentação do bem que fazia e que o conduziu á aspera,
«mas para elle consoladora, situação de não ter recursos para
«cuidar da saude perdida, nem deixar dinheiro para modesto
«enterro.

«Isso nada tirou á sua nobre figura de Prelado, antes a
«sublimou e divinizou. Olhando-o paramentado, todos se sentiam
«dominados pela magestade que exprimia. As suas vestes
«brancas de linho fallavam da sua vida sem mancha; a mitra
«de duas pontas dizia da sua sciencia do Velho e Novo Testa-
«mento; as luvas que lhe protegiam as mãos eram bem o em-

«blema do desinteresse nas funcções sagradas do seu ministerio;
«empunhando o baculo, figurava-se-nos condignamente o pastor
«velando pelo rebanho e, reparando na sua modesta cruz peito-
«ral, sabiamos vêr n'ella o symbolo da renuncia ás paixões
«humanas.

«Todo elle era imponente, todo expressivo!

«Contemplando-o na magestade da sua figura moral, que-
«damo-nos a pensar como ousou a politica investir contra esse
«grande homem, que era, ao mesmo tempo, um grande e leal
«portuguez.

«E bem depressa recordando-nos do que haviamos lido no
«*Elogio da Loucura*, de Erasmo, achamos a causa de taes
«desatinos no que Erasmo diz, a proposito dos que gover-
«nam povos:

«*Vêmol-os resuscitar absolutas pretensões, afim de cobri-
«rem com a mascara do direito as suas monstruosas iniqui-
«dades.*

«*Verdade é que, feita a injustiça, se dignam, ás vezes,
«dirigir alguns cumprimentos ao povo, para não perderem a
«sua affeição, ao menos por um lado.*

«Só no *Elogio da Loucura* podia apparecer explicação para
«o modo como D. Antonio Barroso foi aggravado por politicos,
«esquecidos do que lhe devia essa mesma patria, que blasonam
«defender e engrandecer.

«O dia do desaggravo chegou, porém: foi o dia da der-
«radeira homenagem de um povo agradecido. Não a chegou a
«vêr o nobre portuguez. Até n'isso foi prototypo de abnegação
«christã e de generosidade clemente».

Como complemento d'este humilde trabalho—simples tri-
buto de homenagem e admiração ao grande Bispo e grande
portuguez, que a morte colheu de surpresa, em pleno labor
pastoral, sem todavia o amedrontar, tão conscio e seguro estava
de haver consagrado a asperosa existencia ao serviço do seu
Deus e da sua Patria, vou transcrever aqui o que a imprensa
periodica do Porto disse por ocasião do fallecimento de D. An-
tonio Barroso.

A Voz Publica, no seu n.º 149 de 31 de Agosto de 1918, escreveu o seguinte, sob a epigraphe:

D. Antonio Barroso

«Morreu esta madrugada, no Paço de Sacaes, o glorioso
«velhinho, que era o Padre Antonio de Sousa Barroso, o rude
«pioneiro dos sertões africanos, a alma de patriota e coração de
«santo, que, Bispo do Porto, figura primacial da Igreja e do
«Episcopado Portuguez, era para todos nós portuenses, para
«todos nós portuguezes, uma das mais lidimas e gloriosas figu-
«ras da nossa terra, do nosso Portugal.

«Grande na sua fé ardorosa e candida, espalhando a pa-
«lavra do Evangelho entre selvagens e negros, servindo a
«Christo, seu Deus, elle espalhou sempre o nome e a gloria
«de Portugal, entre brancos e negros, entre herejes e cren-
«tes, servindo a terra e a gente portugueza, a gente e a
«terra da sua patria.

«Ninguém mais crente, mais bondoso, mais santo, dirão as
«hordas humildes dos que elle catechizou em paragens longin-
«quas, que ainda o lembram, e que o não esquecerão nunca, e
«dizem-no, por certo, n'um tranze amarissimo de lagrimas e de
«emoção os que, em toda a cidade em luto, em toda a diocese
«em crepes, choram a morte e encommendam aos ceus, a alma
«christianissima do seu Pastor.

«Para nós, amigos das horas incertas do austero Prelado,
«seus admiradores de sempre, não póde ser mais viva, nem
«mais sincera a dôr cruciante que nos punge ao vêr tombar no tu-
«mulo a figura mascula d'um dos ultimos portuguezes d'aquelle
«velho Portugal.

«Bom e forte, crente e esforçado, que, pelo seu Deus
«e pela sua grei, nunca conheceram obstaculos, nunca recuaram
«deante de sacrificios.

«D. Antonio Barroso era para os crentes um santo — para
«nós, para todos os portuguezes, no culto sagrado dos nossos
«corações, o seu nome perdurará, luminoso e vivo como o nome
«crystalino e glorioso d'um grande portuguez, d'um grande
«patriota.

.....
.....

O Primeiro de Janeiro — Este jornal, no seu n.º 206, de 31 de Agosto, de 1918, escreveu sob a epigraphe:

D. Antonio Barroso — O seu fallecimento

«O venerando prelado do Porto, que ha tempo se encontrava bastante doente, tinha peorado muito nos ultimos dias, sendo o prognostico clinico absolutamente desanimador; e, na madrugada de hoje, o Snr. D. Antonio Barroso expirava.

«Não é sem uma emoção profunda que traçamos o elogio funebre do grande Prelado, que foi uma das mais nobres figuras de que o episcopado portuguez póde honrar-se.

«Missionario em Africa e na India, a sua vida de apostolado é simplesmente admiravel, sendo tecida das mais fulgidas virtudes christãs.

«N'elle, a devoção religiosa era uma derivação do seu character, assentando no fundo d'uma alma de clara bondade, onde acordavam os sentimentos da mais exaltada belleza moral.

«De aspecto rude, mas na realidade amoravel, generoso e esmoler, a caridade exerceu-a tão largamente, como o seu coração lh'o pedia.

«O preceito do Evangelho recebeu do illustre prelado a maxima consagração, porque, na verdade, *transiit benefaciendo*.

«Deante d'elle, da sua vida de simplicidade e de ternura, tinha-se a impressão de que o Bispo Bemvindo não era meramente uma creação de romance, mas encarnára, de facto, no velho prelado de Meliapôr, que, na diocese do Porto, havia de continuar a obra alevantadamente christã que no Ultramar iniciára.

«Irradiava da sua figura extremamente sympathica a belleza moral da sua alma.

«Era um simples, era um crente e era um bom.

«O typo perfeito do prelado catholico apparecia deante de nós na figura austera, limpidamente pura, do grande portuguez e patriota que foi D. Antonio Barroso. Tinha a eloquencia natural que vem do coração aos labios, que a rethorica convencional não ensina e que brota com a expontaneidade d'um sentimento profundo da alma emocionada.

«Nenhum artificio, apenas a communicação do espirito

«christão do orador com o auditorio que religiosamente o escutava.

«No convívio íntimo revelava-se um conversador adorável, «pondo na estima dos seus amigos o fervor e a simplicidade que «communicava a todos os actos da sua vida.

«Chamado a dirigir a diocese portuense por morte do Cardeal D. Americo, correspondeu absolutamente á profunda confiança que inspiravam as suas admiráveis virtudes.

«Contam-se d'elle interessantes episodios de bem fazer, que «patenteiam a nobreza do seu espirito caritativo.

«Que profunda tristeza, que magua immensa que é vêr «desapparecer um homem assim!

.....

O Commercio do Porto, no seu n.º 200, de 31 de Agosto de 1918, refere-se ao passamento do inolvidavel Prelado nos termos seguintes:

Bispo do Porto

«Perdeu a diocese do Porto o seu Bispo D. Antonio José «de Sousa Barroso, venerando pelas virtudes que o exornavam «e venerado pelo respeito e pelo amor que soube inspirar aos «seus diocesanos.

«D. Antonio Barroso era o prototypo d'essa nobreza que «emana de berço humilde, mas que se enaltece ao calor das «grandes virtudes, á luz das grandes abnegações e ao impulso «do grande respeito que soube conquistar.

«Não voltará tão cedo a occupar o solio episcopal no Porto, «para não dizermos em Portugal, um prelado que tanto tenha «sabido impôr-se á consideração publica, como D. Antonio Barroso.

«Ministro d'uma religião toda de amor, elle foi o mais «amoroso dos prelados; cidadão de uma patria de heroes, elle foi «um verdadeiro heroe no civismo e na abnegação com que a «serviu.

«Prelado e patriota, a sua figura moral, como a sua figura «physica, impunham-se ao respeito de todos.

«Quando entrou na sua diocese, *O Commercio do Porto* «previu que as portas do paço episcopal iam abrir-se de par em

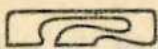
«par para acolher todos os desventurados e para suavisar todas
«as dôres humanas.

«Não nos enganamos.

«O paço do bispo do Porto passou a ser o dôce refugio de
«quantos desventurados se acolhiam sob a protecção de D. An-
«tonio Barroso.

«O seu nome permanecerá na memoria de quantos lhe
«admiraram as virtudes, e esses são quantos seguiram dia a
«dia a vida, sempre modesta, mas nimiamente piedosa e pres-
«tante, do bondosissimo Prelado.

«No seio de Deus tem jus a repousar aquelle que serviu a
«religião como um verdadeiro apostolo de Christo e que, para
«exaltar a religião, não conheceu sacrificios, porque empenhou a
«propria vida!



Os funeraes de D. Antonio Barroso

Nem sempre os registos da Historia abonam a gratidão das altas potestades para com os grandes benemeritos.

Vinga-os, porém, mais cedo ou mais tarde, das injustiças soffridas uma justiça immanente, superior a todo o arbitrio e contra a qual se pulverisam as velleidades do posso, quero e mando.

Póde citar-se entre mil o caso do immortal delineador do Collossal Imperio Portuguez no Oriente que, no seu testamento, e já quasi agonisante, escreveu: «mal com o rei por causa dos homens, mal com os homens por causa do rei».

E todavia a posteridade desaggravou-o, conferindo-lhe o titulo de: O grande Portuguez.

Tambem D. Antonio Barroso poderia, com absoluta verdade, exarar no seu humilde testamento: «mal com a republica por causa de Deus, mal com o despotismo por causa dos direitos da consciencia».

Vedou-lhe esse desabafo a sua eminente caridade christã, ficando-se na declaração seguinte:

De todo o coração, e deante de Deus, perdão a todos os que voluntariamente me offenderam.

Mas tambem uma consagração quasi nacional ao vulto prestigioso, que tantos vexames soffreu, se não fez esperar.

Bastou que se apagasse a luz n'aquelle olhar de infinda bondade, para que uma grande cidade, uma diocese e um paiz quasi inteiro se conjugassem n'uma grande demonstração de inequivoco sentimento perante o cadaver do benemerito Bispo do Porto.

E' que o merito e a bondade ainda são para a sociedade, mesmo requintadamente egoista, alguma coisa que vale.

A confirmar as minhas asserções será sufficiente o relato, feito pelo jornal *O Commercio do Porto*, do que foi a importancia que revestiu essa memoravel manifestação de condolencia e saudade prestada á memoria do bondoso Prelado.

Eil-o :

«Se houvesse duvidas de quanto era amado pelos seus diocesanos o saudoso Bispo do Porto, Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, bastaria a manifestação de toda a cidade concorrendo a prestar a homenagem da mais profunda saudade ao seu prelado, para que essa duvida—se em alguns corações existisse—se dissipasse, como n'um ceu ennovado se dissipam as nuvens aos primeiros ardores do sol.

Foi imponente a manifestação; a ella concorreu tudo que o Porto conta de mais elevado e de destaque na sua actividade social; mas bem mais significativas que essa manifestação fôram as lagrimas que em muitos olhos vimos, lagrimas de saudade e de respeito, quando, no coche funerario, passava pelas ruas, coalhadas de povo, o caixão d'aquelle que soube fazer-se amar, sobretudo dos humildes, para os quaes, tanto o seu coração como a sua bolsa nunca se fecharam n'um gesto de recusa.

Verdadeiro pastor de almas, bondoso e querido de todos, o illustre Prelado teve a consagração devida aos seus altos meritos e ás suas inegualaveis virtudes, e que a cidade raras vezes tem presenciado, tão expontanea e tão significativa.

No Paço de Sacaes

O corpo do venerando Prelado foi durante a noite de sabado para domingo velado por seu sobrinho e pelos familiares do Paço.

De manhã celebraram-se quatro missas; ás 8 horas pelo Rev.^o Deão da Sé, Theophilo de Seabra, ás 9 pelo Rev.^o Conego Thomaz F. Pinto, ás 10 pelo Rev.^o Gaspar J. de Freitas; e ás 11 pelo Rev.^o Abilio Cardoso P. da Cunha.

A exposição do cadaver

O cadaver do illustre prelado, Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, conforme manda o ritual, esteve ante-hontem exposto ao publico, na sala do throno, paramentado com as vestes prelaticias.

Deante do corpo do saudoso prelado, que soube pelas suas virtudes conquistar o respeito de todos os portuenses, desfilaram ante-hontem milhares de pessoas de todas as cathegorias sociaes.

De todos os labios só se ouviam palavras de saudade e veneração á memoria do illustre prelado, sendo innumeras as pessoas que antes de abandonarem a camara ardente ajoelharam, rezando commovidamente pelo repouso do venerando Bispo.

O desfile prolongou-se até á noite, continuando hoje, como a seguir dizemos.

Telegrammas de condolencias

Ante-hontem receberam-se no Paço de Sacaes numerosissimos telegrammas de condolencias, entre os quaes dos Rev.^{mos} Bispos do Algarve e Portalegre, Arcebispo Primaz de Braga, Arcebispo de Evora, Bispos da Guarda e do Funchal e Deão da Sé de Braga; e dos snrs. Branco Rodrigues, D. Maria de Souza Botelho, Manoel, Alberto, Carlos e Francisco Ortigão de Oliveira, Antonio Ferreira Marques, Francisco Duarte Ramalho Ortigão, familia Barbosa Mendonça, Direcção do Nucleo Regional de Lisboa das Juventudes Monarchicas Conservadoras, Pinto Mesquita, França Amado, Miguel Teixeira Lopes, Irmandade do Bom Jesus de Braga, Conde de Villas Boas, Annibal Rego, Dr. Carlos Gonçalves, D. Elvira Barroso Santos Pereira, Ramalho Ortigão (pae), familia Alcoforado, Sebastião de Brito, Di-

recção do jornal *Acção Social*, Director da Juventude Catholica de Setubal, D. Marianna de Mello, em nome da Associação Catholica de Protecção ás Raparigas, presidente da Camara Municipal da Villa da Feira, Conselheiro Adolpho Pimentel, Dr. Camossa Saldanha, Meza da Confraria do SS. Sacramento da Foz, Vice-Provedor da Santa Casa da Misericordia de Amaranthe, D. Thomaz de Mello Breyner, presidente da Junta de Freguezia de Vallega, D. Maria e João Santiago, Dr. Garpar de Abreu, D. Elvira, Arthur Mendes Almeida e filhos, Carlos das Neves, Juventude Catholica de S. Martinho do Campo, Joaquim Allen e esposa, Capitão Alexandre Paiva e Bacellar Sotto Maior Pinto Guedes, etc.

O representante da Santa Sé, em Lisboa, Mg.^r Aloisi Mazzulla, enviou ao Vigario Geral, Dr. Antonio Joaquim Pereira, o seguinte telegramma:

« Profundamente maguado pela dolorosa noticia do fallecimento venerando Bispo d'essa diocese, peço a Deus lhe conceda eterna recompensa pelos eminentes serviços que prestou á Egreja e á Patria. Foi elle um verdadeiro apostolo, e o seu nome será sempre por todos abençoado ».

O Snr. Governador Civil de Villa Real telegraphou, encarregando o major Snr. Alberto Margaride de apresentar ao Vigario Geral Dr. Pereira, em seu nome e no do districto, sentidas condolencias.

Os preparativos para a trasladação

Eram duas horas e meia da tarde quando terminou o desfile deante do cadaver, que póde contar-se por milhares de pessoas, que pela derradeira vez viam o seu Bispo.

Começaram em seguida os preparativos da trasladação para a Cathedral, procedendo o Deão da Sé do Porto, Theophilo Salomão, revestido de capa de asperges, ao levantamento do cadaver.

Depois de encerrada a urna, foi esta conduzida pelo Cabido para o *landeau*, que ao fundo da escadaria do Paço esperava ladeado pelos bombeiros voluntarios, de grande uniforme.

O cortejo funebre

A's primeiras horas da tarde já na rua Ferreira Cardoso, em frente ao Paço de Sacaes, se accumulavam numerosissimas pessoas, attrahidas alli pela curiosidade de assistir á trasladação do cadaver do venerando prelado.

Forças de policia continham a custo a enorme massa de povo que, em fila, se estendia ao longo da rua.

Cerca das 4 horas formou-se o cortejo funebre, o qual era assim constituindo: quatro soldados de cavallaria da guarda republicana, internados do Asylo Profissional do Terço, Officina de S. José, e Seminario dos Meninos Desamparados, educandas da Associação Protectora da Infancia, Recolhimento de Nossa Senhora das Dôres e S. José das Meninas Desamparadas, Asylos das Raparigas Abandonadas e de Villar e internados do Instituto de Surdos Mudos Araujo Porto; Confrarias do Senhor dos Passos e Cruz de Christo de S. João Novo; Nossa Senhora da Conceição, da Victoria; Nossa Senhora do Rosario, de Cedoteita; Irmandade das Almas de S. José das Taypas, Confrarias de Nossa Senhora da Saude, da Capella da rua do Heroismo; S. Crispim e S. Crispiniano, da Capella da Boavista; Nossa Senhora do Rosario, de Lordello do Ouro; commissão administrativa da Capella de Nossa Senhora dos Anjos; Confrarias de Nossa Senhora da Piedade e N. Senhora da Conceição, de Santo Ildefonso; Nossa Senhora do Rosario, de S. João Novo; Senhor e Senhora da Hora, Senhor Jesus, de Campanhã; Santissimo Sacramento e escólas da Confraria de S. Nicolau; Santissimo Sacramento da Victoria e Ramalde; Senhor Jesus, da Boavista; Santissimo Sacramento de Miragaya e de Cedoteita; do Senhor do Calvario, da Ramada Alta; Santissimo Sacramento do Bomfim e de Paranhos e Devoção do Santissimo Sacramento da Sé, todas precedidas de cruces e ceriaes; Circulo Catholico de Operarios do Porto, Grupo de Defeza e Propaganda Catholica, Associação Nun'Alvares dos Jovens Catholicos Portuenses, Centro de Democracia Christã, Grupo dos Amigos de Santo Antonio e Grupo de Estudos Sociaes, fazendo-se todas estas associações acompanhar de bandeiras.

Seguiam-se os alumnos e professores do Seminario, familiares do Prelado, clero da diocese, parochos da cidade e de diferentes freguezias limitrophes, Camara ecclesiastica, auditorio

ecclesiastico, Cabido; Rev.^o Conego da Sé de Lisboa Joaquim Martins Pontes, Secretario particular do Patriarcha de Lisboa, representando-o; Rev.^o Thomaz Pinto, Secretario particular do Rev.^{mo} Bispo de Coimbra, que tambem o representava; Rev.^o Nestor Seraphim Gomes, representando o Rev.^{mo} Bispo de Beja; e Rev.^o Conego Antonio Joaquim Pereira, que representava o encarregado dos negocios da Nunciatura em Portugal.

Tomavam depois logar os Rev.^{os} Abilio Cardoso, conduzindo a Cruz peitoral, Sebastião d'Oliveira Braz, o chapéu episcopal, G. Joaquim de Freitas, a mitra, e Joaquim Pereira da Rocha, as condecorações, que constam das Grã-Cruzes de Christo e de Nossa Senhora da Conceição.

Após seguia o *landeau* puchado a uma parelha, conduzindo a urna, que era ladeada por uma deputação de bombeiros voluntarios e seis palafreiros com brandões.

Viam-se depois os snrs. general commandante da 3.^a divisão militar Macedo e Brito, que tambem representava o snr. Doutor Sidonio Paes, e os ajudantes d'aquelle militar; governador civil do districto e varios empregados superiores do governo civil; alguns vereadores, com o seu presidente, da Camara Municipal, inspector e sub-inspector da policia, commandantes e muitos officiaes da guarnição e da guarda republicana, professorado da Universidade e de outros estabelecimentos de ensino superior, senadores, deputados, consules da Dinamarca, Grecia e Panamá, Mezarios da Santa Casa da Misericordia, Ordens do Carmo, de S. Francisco, da Trindade, Irmandades do Terço e da Lapa; Membros da Liga Nacional Monarchica, do Porto, uma deputação da Sociedade da Cruz Vermelha, directores e outros membros da Associação Commercial, Centro Commercial, Associação Industrial Portuense, Liga Agraria do Norte, Associação dos Commerciantes do Porto, Commercial de Lojistas do Porto, Commercio e Industria, Proprietarios e Agricultores do Norte de Portugal, Protectora dos Animaes e Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios do Porto, representantes de varias agremiações religiosas, de instrucção e de recreio, empregados superiores dos Caminhos de ferro do Minho e Douro, representantes de algumas juntas de parochia, uma deputação de bombeiros voluntarios de Barcellos, directores de Bancos e Companhias, commerciantes, industriaes, juizes, delegados e escrivães dos tribunaes civis e criminaes, professores de ensino primario e muitas outras pessoas de representação social.

Fechavam o cortejo tres soldados de cavallaria da guarda republicana. Organisaram e dirigiram o cortejo os Rev.^{os} Julio Albino Ferreira e Arthur Pinheiro e o Dr. Eugenio Pimentel.

O cortejo percorreu as ruas Ferreira Cardoso, Avenida Rodrigues de Freitas, rua Duque de Loulé, Alexandre Herculaniano e Batalha, rua Saraiva de Carvalho e Largo da Sé, sendo a concorrência numerosissima.

A policia era feita por muitos guardas civis que, por vezes, se tornavam impotentes para conter o povo. No jardim de S. Lazaro e outros pontos era grande a affluencia de povo.

Algumas janellas e varandas estavam revestidas de crepes.

Fizeram-se representar no funeral: Os Rev.^{mos} Arcebispo de Evora e Bispo do Algarve, pelo Deão Rev.^o Dr. Theophilo Salomão; o Ex.^{mo} Bispo da Guarda, pelo Conego José Antonio Pereira; o de Lamego, pelo Rev.^o conego Victor d'Oliveira; a Camara Municipal, o clero e associações de Barcellos, pelo Rev.^o Gaspar Joaquim de Freitas; o governadar civil de Villa Real, pelo governador civil do Porto; o governador civil de Bragança, pelo Snr. Dr. Julio de Araujo; o Snr. Conde de S. Salvador de Mattozinhos, pelo Snr. José Augusto da Silva Ribeiro, vice-consul do Brazil; a Assistencia Nacional aos Tuberculosos do Porto, de que o Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso foi fundador e presidente, pelo Snr. Conde de Lumbrales; a Tuna-Orchestra dos Empregados do Commercio do Porto, pelo Snr. João Silva; o Snr. Dr. Oliveira Lima, pelo Snr. Carlos Guerreiro; e o Snr. Dr. Pina Calado, pelo Snr. Alipio Moutinho.

No largo da Sé tornou-se difficil a passagem do cortejo, tal era a accumulção de povo.

Cerca das 5 horas da tarde chegou o cortejo á Sé Cathedral, onde a guarda de honra era feita por uma força de infantaria da guarda republicana.

A' porta d'aquelle templo era o cadaver aguardado pelo Cabido, parochos e demais ecclesiasticos que tomaram parte no cortejo.

A urna foi depois conduzida por alguns bombeiros voluntarios do Porto para a Capella-mór, onde se encontrava um soberbo sarcophago, e colocada sobre uma eça de talha dourada, rodeada de serpentinas e pedestaes dourados.

N'essa occasião o Cabido e Capellães do côro cantaram e *Subvenite*.

Deposto o cadaver sobre a eça, deu-se começo ás Vesperas e Matinas de Defunctos presididas pelo Rev.^o Deão com a assis-

tencia do Cabido, representantes dos differentes prelados, parochos da cidade e outros ecclesiasticos.

Nas cadeiras canonicas tomaram logar os representantes do Em.^{mo} Cardeal Patriarcha, dos Rev.^{mos} bispos de Coimbra e de Beja, e bem assim o Snr. Visconde de S. João da Pesqueira, cavalleiro de Christo, a maior dignidade conferida pela Santa Sé.

Findas aquellas ceremonias, com numerosa assistencia, ficou o cadaver do Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso velado por bombeiros voluntarios d'esta cidade e socios do Circulo Catholico de Operarios, os ques se conservaram alli até ás 10 horas da manhã, hora a que ficou exposto o cadaver.

Condolencias

Hontem de tarde estiveram no paço de Sacaes a apresentar as suas condolencias ao Vigario Geral os snrs. governador civil d'este districto, general Comandante da 3.^a divisão, officialidade dos differentes regimentos da guarnição, direcções da Associação Commercial do Porto, Associação Catholica, Mezarios da Santa Casa da Misericordia, da Irmandade do Terço e uma deputação de bombeiros voluntarios ».

No seu numero de 4 de Setembro de 1918, relata o mesmo jornal:

« Foi pequeno hontem o grandioso templo da Sé para conter a multidão que pela derradeira vez, quiz prestar ao Snr. D. Antonio Barroso, bondoso e amado bispo d'esta diocese, as suas homenagens.

Todas as classes sociaes alli acorreram; e em todas ellas transparecia o mesmo commovido pezar em testemunhar, ainda mais uma vez, junto do corpo inanimado do pastor querido, o seu respeito e a sua consideração *por quem tantas virtudes possuia, e tão poucos bens deixou sobre a terra.*

Consola, realmente, n'estes tempos de indifferentismo, vêr assim premiada a virtude, d'esta maneira consagrada a bondade, não apenas por um grupo de pessoas, mas por uma cidade inteira que, no vasto templo, se agglomerava contricta e commovida.

Se fôsse dado aos que partem d'este mundo acompanhar as

acções dos homens, como o Bispo bondoso havia de exultar, como a sua alma se enterneceria ao constatar que não fôra improficua a sua obra de bondade na terra, nem perdida a sua missão de pastor de almas; tantas as que elle conseguira grangear á volta de si pela clara luz do seu coração sem macula.

Foi um exemplo, n'esta epocha em que os exemplos faltam, o bondoso Bispo do Porto.

Por isso o Porto tambem assim o comprehendu, enchendo a vasta cathedral, n'uma grandiosa manifestação de saudade e de amor — saudade por quem foi bom; amor por quem, com tão simples viver, soube fazer-se amar.

As homenagens funebres

A' 10 horas começaram as exequias sollemnes por Laudes, após as quaes foi cantada a missa de «Requiem» pelo Rev.^o Deão Dr. Theophilo Salomão. Seguidamente rezaram-se os cinco responsos do estylo com as respectivas absolvições dos Rev.^{mos} D. Antonio Barbosa Leão, Bispo do Algarve, D. Antonio Alves Ferreira, Bispo de Vizeu, D. Manoel Luiz Coelho da Silva, Bispo de Coimbra, D. Manoel Mendes da Conceição Santos, Bispo de Portalegre, e D. Manoel Vieira de Mattos, Arcebispo de Braga.

O templo achava-se literalmente repleto de pessoas das differentes classes sociaes, vendo-se na Capella-mór os Snrs. general Macedo e Brito, Comandante da 3.^a divisão, com os seus ajudantes, representando tambem o Snr. Dr. Sidonio Paes; governador civil major Alberto Margaride e o seu secretario particular Snr. Romualdo Torres; A. Couto, representando a Camara Municipal do Porto; Dr. Sebastião de Vasconcellos, que representava a Junta Geral do Districto; Honorius Grant, consul da Inglaterra, que tambem representava a Italia; Agostinho José de Sousa Guedes, consul do Mexico; José Augusto Dias, consul do Japão; Francisco Ramalho Ortigão, consul do Panamá; João Ribeiro de Faria Mesquita, consul da Dinamarca; Alfredo de Gouveia Alen, secretario official do consulado da Grecia; commandantes e officiaes dos differentes corpos da guarnição e da guarda republicana, inspector e sub-directores da policia; Conego Joaquim Martins Pontes, secretario do Em.^{mo} Cardeal

Patriarcha de Lisboa, representando-o; Dr. Adolpho Pimentel, Dr. José Duarte dos Santos, curador geral dos orphãos; José Menezes, da casa do Vinhal; conselheiro Dr. Ferreira da Silva, vice-reitor da Universidade do Porto; Dr. Pinheiro Torres, deputado; Dr. Antonio Faria Carneiro Pacheco, lente de Direito da Universidade de Coimbra e deputado; Visconde de S. João da Pesqueira; parochos da cidade, professores e alumnos do Seminario; mezas da Santa Casa da Misericordia, das Ordens da Trindade, do Carmo e de S. Francisco; das Irmandades do Terço e da Lapa; representantes de quasi todos os prelados do Continente e do Cabido de Braga; a Camara Municipal de Barcellos, pelo Snr. Sebastião Pereira de Brito e Alexandrino Leituga; Rev.^o Adriano Pinheiro de Sousa, representando o clero do arceyprestado de Arouca; a Associação Commercial de Barcellos, pelo Snr. Aurelio Romano; a Santa Casa da Misericordia de Barcellos, pelo Snr. Ferreira Dias; bombeiros voluntarios d'aquella villa, pelo chefe Snr. Domingos P. do Valle; o jornal *A Ordem*, de Lisboa e os missionarios do Espirito Santo, pelo Rev.^o Alves Terças; presidente da Associação dos Advogados, pelo Snr. Dr. Eugenio Pimentel; conselheiro Luiz de Magalhães, pelo Dr. José Domingos de Oliveira; representantes dos snrs. Visconde de Pindella e Dr. Carlos Lima; representante da Associação dos Medicos Catholicos Portuguezes; idem do Integralismo Luzitano; Dr. Antonio Jorge Lemos Ferreira, Francisco de Menezes, Conde de Vizella; José da Costa Lima, representando o Snr. Julio Petra Vianna; Joaquim Leite de Carvalho, representado pelo seu capellão, Rev.^o Antonio Maria Coelho; Marquez de Holstein, pelo Snr. Joaquim Torquato Alvares Ribeiro; Conde de Lumbrals, representando a circumscriptão do Porto da Assistencia Nacional aos Tuberculosos; os Albergues Nocturnos do Porto, pelo seu conselho administrativo, e Direcção do Atheneu Commercial do Porto.

A Sociedade de Geographia de Lisboa, que tinha no maior apreço o venerando prelado, fez-se tambem representar pelo jornalista e lente da Universidade do Porto, Snr. Bento Carqueja ».

*

* *

Levar-me-hia, porém, mais longe, do que este modesto trabalho comporta, a ennumeração detalhada de todas as demonstrações de sentida emoção que se fizeram em volta do cadáver do virtuoso e chorado prelado D. Antonio Barroso nos quatro dias que medeiam entre o seu fallecimento e a descida á campa humilde que a seus paes mandára levantar no raso cemiterio da sua aldeia natal.

Se o Porto, pelas suas innumeras collectividades de todo o genero e elementos officiaes e de representação, como de resto, a diocese inteira, nada omittiram na sua consagração derradeira ao grande benemerito que durante longos annos fôra seu pastor solícito e bom; tambem Barcellos, a pittoresca villa do Cavado, não regateou homenagens e manifestações de apreço a este illustre filho seu.

Já no Porto, já na trasladação do cadáver do Porto para Barcellos e de Barcellos para Remelhe, os barcellenses fôram inexcusaveis da dedicação para com o conterraneo illustre, com o qual justamente se orgulhavam; e a compartilhar nas suas demonstrações de sentido preito veio expressamente de Braga o governador civil, snr. Féria Theotonio.

Fôram até talvez excessivos, quando, pela sua Camara Municipal, reclamaram os despojos mortaes do prestimoso prelado que, em climas inhospitos de Africa e Asia e na importante diocese do Porto «tanto soube dignificar pela sua fé e pela sua immensa bondade a sua missão de pastor de almas».

Se pelo nascimento pertencia a Barcellos, pelos intensos labores, em que a vida se lhe foi consumindo no governo da vasta diocese do Porto, a crypta dos seus prelados, na Cathedral que elle tantas vezes enchera com a magestade do seu porte prelatício, tinha talvez direitos mais fundamentados a reclamar esses despojos.

E' muito problematica a manifestação do desejo do illustre finado de ser inhumado no cemiterio da terra em que nascera.

Seja, porém, como fôr, a modestia do sarcophago, em que repousam para sempre os seus restos mortaes, casa-se admira-

velmente com a simplicidade do viver d'aquelle que na terra foi tudo para os outros, e nada para si.

Nem do seu cadaver ousou dispôr!

*

*

*

E agora que está no fim esta modestissima homenagem minha á memoria inapagavel do santo e infatigavel prelado, D. Antonio Barroso, permitta-se-me que eu termine propondo-o aos bons portuguezes como modelo de bondade, espirito de sacrificio e de amor patrio, e implorando d'elle, lá da mansão celeste, onde certamente repousa, um olhar seu compassivo para esta Patria, tão aviltada pelo egoismo, pela indiferença religiosa e pela repulsão ao trabalho honesto e honrado.

FINIS

LAUS DEO VIRGINIQUE MARIAE

INDICE

	PAG.
Ao LEITOR	5
CARTA-PREFACIO.	9
D. Antonio Barroso	15
O Bispo de Himeria	37
Viagem ao Niassa	47
Viagem á Zambezia	53
O Bispo de S. Thomé de Meliapôr	73
O Bispo do Porto	77
O primeiro desterro do Bispo do Porto.	95
O Bispo do Porto perante os Tribunaes	101
Regresso do Bispo do Porto á séde da sua diocese.	107
Predicados intellectuaes e moraes de D. Antonio Barroso	111
Os funeraes de D. Antonio Barroso	129

INDICE

120	Os funerais de D. Antonio Barroso
111	Procedimentos intellectuales e maneiras de D. Antonio Barroso
101	Relatorio do Bispo do Porto e sede da sua diocese
101	O Bispo do Porto perante os Tribunaes
95	O primeiro bispo de Bispo do Porto
77	O Bispo do Porto
76	O Bispo de S. Thome de Meliapor
65	Visita de S. Leopoldo
47	Visita de S. Maria
37	O Bispo de Coimbra
15	D. Antonio Barroso

Bibliotheca Catholica da Livraria Portugueza Editora

de Joaquim Maria da Costa, Successor

PORTO

- Cartilha da doutrina christã**, por Antonio J. de Mesquita Pimentel, abbade de Salamonde. *Edição da Livraria Portugueza Editora*. A mais completa até hoje publicada contendo 384 pag. No prelo.
- Preparação e Acção de Graças para a Santa Communhão**, segundo a norma de Santo Ignacio, traduzido pelo Padre Sebastião d'Oliveira Braz. — Broch., 500, enc. 900
- Officio da Santissima Virgem**, segundo o rito romano, pelo Padre Martinho Gomes Ferreira. — Enc. 800
- Thesouro do amor Divino ou completo devocionario das familias catholicas**. — Conjuncto de seis bons livros mysticos. — *Primeiro* — Livro de ouro do Christão ou thesouro de Paciencia. — *Segundo* — Thesouro do bom Christão ou Gemidos da Mãe de Deus Afflicta, pelo padre Theodoro d'Almeida. — *Terceiro* Piedosas meditações sobre a Sagrada Morte e Paixão de Jesus Christo. — *Quarto* — Harmonias Eucharisticas ou Meditações para antes e depois da Sagrada Communhão. — *Quinto* — Thesouro precioso da Mulher Catholica. — *Sexto* — Officios da Semana Santa até á festa de todos os Santos. — Enc. . . . 2\$500
- Thesouro mystico** — Quarta edição muito correcta e augmenta com corôa e muitas devoções ao *Sagrado Coração de Jesus*, canticos a Nossa Senhora e responso de Santo Antonio. — 1 vol. de 480 pag., enc. 1\$500
- Thesouro de consolação. Breve compendio ou Ramalhete de Orações e Devoções** — 1 vol. de 357 pag., enc. 1\$500
- Thesouro do bom christão ou Gemidos da Mãe de Deus afflicta** — Estimulos de Compaixão de suas Dôres — 1 vol., enc. . . . 2\$000
- A mesma obra** — Sem o additamento, contendo o Officio do Santissimo e Immaculado Coração da Virgem Maria, oração prodigiosa a Nossa Senhora, Devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o mais perfeito methodo para ouvir missa. — 1 vol. de 344 pag., enc. 1\$200
- Thesouro de Graças da Santissima Virgem** em 15 meditações representando os seus principaes mysterios, para nos dispormos a celebrar com devoção e fructo, nos quinze primeiros dias de Agosto, sua triumphante Assumpção aos ceus. — 1 vol., cart. 1\$200
- Thesouro de Paciencia ou Livro d'Ouro do Christão**. — 1 vol. de 617 pag., enc. 2\$000
- A mesma obra**, sem o additamento, contendo as piedosas Meditações sobre a dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o verdadeiro Methodo de ouvir Missa. — 1 vol. de 361 pag., enc. 1\$200
- Precioso Thesouro da Mulher Catholica, ou Grinalda de orações e devoções**. — 1 elegante vol. de 300 pag., enc. 1\$500
- Mez de Janeiro** — Flôres de Inverno. — 1 vol., cart. 1\$500
- Mez de Março** — Flôres da Primavera — Homenagem das Almas Devotas e Religiosas a S. José. — 1 vol., cart. 1\$500
- Mez de S. José** — Violeta de Março — Vertido de um livro allemão por Carlos H. Pioper e revisto pelo Dr. Theologo Domingos de Sousa Moreira Freire. — 1 vol., cart. 1\$000

Mez de Maio — Flôres do Mez de Maio ou o Mez de Maria Immaculada consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus, extra-hido d'uma obra do Padre Manoel Bernardes. — 1 vol., cart.	1\$500
Mezes de Março, Maio e Junho ou a Triplice Devoção de Jesus, Maria e José. — 1 vol. de 800 pag., enc.	3\$000
Mez de Junho — Flôres do Estio ou o Mez do Sagrado Coração de Jesus, coordenado por um Padre da Congregação da Missão, fundada por S. Vicente de Paula. — 1 vol., cart.	1\$500
Mez de Junho ou o Mez de Jesus — Açafate Eucharistico consagrado aos divinos Mysterios do altar, contendo: Meditação, Oração, Exemplo, Lição e Aspiração para todos os dias do Mez, pelo Padre Vieira da Rocha. — 1 vol. de 340 pag., enc.	1\$500
A mesma obra , muito augmentada com todas as devoções. Novenas, Ladainhas, Canticos e Orações ao Sagrado Coração de Jesus, pelo Padre Vieira da Rocha. — 1 vol. de 536 pag., cart.	2\$500
O Mez de Agosto ou Thesouro de Graças da SS. Virgem. — 1 vol., cart.	1\$500
Mez de Outubro — Maravilhas e Excellencias do brilhante e inexgotavel Thesouro, a salutar devoção do Sacratissimo Rosario de Maria. — 1 vol., cart.	1\$200
A mesma obra , augmentada com um importante appendice, contendo tudo que diz respeito a Nossa Senhora do Rosario, Canticos, Novenas, Ladainhas, Orações e devoções, Methodo para assistir á Santa Missa. — 1 vol., cart.	2\$500
Mez de Novembro — Ou o Mez das Almas do Purgatorio — Flôres do Outomno. — Meditações e exemplos para o Mez dos Finados. — 1 vol. de 224 pag.	1\$200
Canticos para uso das Congregações de Nossa Senhora , com musica, compilados por um Director d'uma Pia União de Filhas de Maria. — Preço.	300
Historia de Jesus Christo contada aos meninos. — 1 vol. de 104 pag., broch.	500
Director espiritual das almas devotas e religiosas. — 1 vol. de 282 pag., enc.	1\$500
Officio das almas. — 1 vol. de 186 pag., cart.	600
Officio das almas e Visita Diaria ao SS. Sacramento. Ambos reunidos. — Enc.	1\$000
O caminho do Paraíso ou diario e exercicio do christão. — Enc.	1\$200
Pequeno breviario do Sagrado Coração de Jesus. — 1 vol. de 190 pag., cart.	600
O Amigo do Bom Christão ou completo devocionario para doutrina Christã , Missa, Confissão e Comunhão, 1 vol. de 284 pag., cart.	1\$200
Visita diaria ao Santissimo Sacramento em suffragio das Bemditas Almas do Purgatorio. — 1 vol. de 142 pag., enc.	600
O caminho da Côrte Celestial ou o Livro de Missa das Mães. — 1 elegante vol. de 500 pag., enc.	1\$500
Officios Divinos dos Domingos e dias Sanctificados ou o Livro de Missa das Mães. (Em typo muito grande, para ser utilizado pelas pessoas de vista cansada), contendo dois preciosos <i>Methodos de ouvir Missa</i> , sendo o <i>primeiro</i> , como ensina o grande doutor da Egreja, <i>Santo Affonso Maria de Ligorio</i> e o <i>segundo</i> é o <i>Methodo usual</i> que todas as pessoas conhecem. — Enc.	1\$000

Devido ás circumstancias actuaes, estes preços são susceptiveis de alteração



biblioteca
municipal
barcelos



60165

D. António José de Sousa
Barroso